

**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL**

**ELOAH IRIART JANSSEN**

**COMUNICAÇÃO:  
OS DISCURSOS DE LULA  
UM OLHAR ATRAVÉS DA RETÓRICA**

**PORTO ALEGRE  
2008**

**ELOAH IRIART JANSSEN**

**COMUNICAÇÃO: OS DISCURSOS DE LULA  
UM OLHAR ATRAVÉS DA RETÓRICA**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação Social do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Roberto José Ramos

Porto Alegre

2008

**ELOAH IRIART JANSSEN**

**COMUNICAÇÃO: OS DISCURSOS DE LULA  
UM OLHAR ATRAVÉS DA RETÓRICA**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação Social do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em 26 de agosto de 2008.

Banca Examinadora:

---

Orientador: Prof. Dr. Roberto Ramos  
PUCRS

---

Prof. Dr. Juremir Machado da Silva  
PUCRS

---

Prof. Dr. Paula Regina Puhl  
Feevale

*“A natureza é um templo onde vivos pilares  
Deixam filtrar não raro insólitos enredos;  
O homem o cruza em meio a um bosque de segredos  
Que ali o espreitam com seus olhos familiares”*

(Charles Baudelaire).

## *AGRADECIMENTOS*

*Aos mestres, Juremir Machado da Silva e Jacques Wainberg, cujo incentivo foi o diferencial nesta trajetória.*

*Ao mestre Roberto José Ramos, orientador competente e sensível, cujas palavras tornaram minhas idéias mais precisas.*

*Ao mestre Roberto Simões, que no ano de 2007 me proporcionou ser coadjuvante em um estudo científico: momento gratificante desde o instante em que lançou a idéia do tema.*

*Ao mestre Antônio Hohlfeldt cujo ensino sobre Teorias da Comunicação e Opinião Pública contribuíram efetivamente neste estudo.*

*A mestre Cláudia Moura por apresentar os caminhos possíveis da Metodologia Científica.*

*A todos vocês, Mestres, Juremir, Jacques, Ramos, Simões, Hohlfeldt e Cláudia por tornarem as aulas mais do que o desejável: apaixonantes!*

*A Albino Pozzer, mestre das Letras, pela disponibilidade com a qual colocou o seu conhecimento do idioma francês para me auxiliar a encontrar as palavras mais precisas para as idéias de Michel Maffesoli na entrevista que realizei com ele em 2007.*

*A secretária do pós-graduação Lúcia pela competência e disponibilidade com a qual nos atende.*

*A bibliotecária Julhara, sempre atenciosa e gentil.*

*Aos colegas Wesley, Carla, Rui e Lisiane pelas idéias partilhadas e pelo convívio gratificante.*

*Aos amigos Luiz Antônio de Assis Brasil e Roberto Mulyaert por terem, desde o início, acreditado na minha proposta de Mestrado.*

*A minha filha, Luísa Helena, cuja cumplicidade tornou cada dia ainda mais verdadeiro.*

*A minha mãe Maria José por ter me ensinado a virtude da persistência.*

*A minha sincera gratidão a Laura Janssen, a Valéria Feller, e a todos aqueles que, de alguma forma, no decorrer desta caminhada, se fizeram presentes.*

## RESUMO

Os discursos de Lula, que serão objeto de nossa análise, estão inseridos em diferentes momentos de sua trajetória. Analisaremos quatro discursos: o último discurso de Lula na presidência do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, em 18 de abril de 1980, um dia após o governo ter anunciado a intervenção do sindicato; o discurso de Posse do primeiro Mandato como Presidente da República, em 1º de janeiro de 2003, oficializando a presença de um trabalhador - pela primeira vez - na Presidência do Brasil; o discurso como Candidato à reeleição, proferido durante a Convenção Nacional do Partido dos Trabalhadores, em 24 de junho de 2005 - cuja importância está no fato, de que além de Lula ter sido um dos Fundadores do PT, a história do partido se confunde com a sua própria trajetória política, e também por ser um importante encontro de Lula com o Partido, que no ano de 2005 passou por uma grave crise interna, decorrente dos escândalos envolvendo alguns de seus mais expressivos integrantes; e, por último, o discurso de Posse do segundo Mandato, proferido dia 1º de janeiro de 2006, que marca, através da sua reeleição, a superação de Lula com relação a crise resultante dos escândalos envolvendo seu governo e o PT. Teremos como fundamentação teórica as seguintes categorias: Comunicação, em Michel Maffesoli, Argumentação em Philippe Breton, Espetáculo, em Gerard Schwartzberg, e, Socioleto, em Roland Barthes. O nosso estudo contemplará como opções metodológicas o Estruturalismo, como método da pesquisa, a Retórica, como técnica, e a Pesquisa Qualitativa.

**Palavras-chave:** Comunicação. Retórica. Socioleto. Espetáculo.

## RÉSUMÉ

Les discours de Lula, objet de notre analyse, sont inclus en différents moments de son parcours politique. Nous en analyserons quatre: le dernier discours de Lula à la présidence du Syndicat des Métallurgistes de São Bernardo do Campo et Diadema, le 18 avril 1980, le lendemain de l'annonce par le gouvernement de l'intervention au syndicat ; le discours de sa prise de possession du premier mandat comme Président de la République, le 1<sup>er</sup> janvier 2003, rendant officielle la présence d'un travailleur - pour la première fois - à la Présidence du Brésil ; le discours du candidat à la réélection, proféré pendant la Convention Nationale du Parti des Travailleurs, le 24 juin 2005 - dont l'importance se trouve dans le fait que, outre que Lula a été l'un des fondateurs du Parti des Travailleurs, l'histoire de ce parti se confond avec sa propre trajectoire politique, en plus d'avoir été une importante rencontre de Lula avec son Parti, qui avait passé en 2005 par une grave crise interne, dûe aux scandales où étaient mêlés quelques-uns de plus importants ténors du PT; et, finalement, le discours de Possession du second Mandat, proféré le 1<sup>er</sup> janvierr 2008, qui marque, par sa réélection, le dépassement de Lula sur la crise de son gouvernement et du PT. Nous aurons comme fondement théorique ces catégories : Communication, de Michel Maffesoli, Argumentation, de Philippe Breton, Spectacle, de Gérard Schwartzenberg e Sociolecte, de Roland Barthes. Notre étude envisagera comme options méthodologiques le Structuralisme, comme méthode de la recherche, la Rhétorique, comme technique, la Recherche Qualitative.

**Mots-clés:** Communication. Rhétorique. Sociolecte. Spectacle.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	09
<b>2 COMUNICAÇÃO POLÍTICA E RETÓRICA</b> .....	13
2.1 METODOLOGIA E REFERENCIAL TEÓRICO .....	13
2.2 O BRASIL REPÚBLICA: DA PROCLAMAÇÃO ATÉ O SEGUNDO MANDATO DO PRESIDENTE LULA .....	22
2.2.1 Lula: a trajetória de um líder .....	46
2.3 RETÓRICA .....	54
<b>3 A RETÓRICA DE LULA</b> .....	61
3.1 LULA: O LÍDER SINDICAL .....	61
3.1.1 Lula: a comunicação do Líder Sindical .....	62
3.1.2 Lula: a argumentação do Líder Sindical .....	64
3.1.3 Lula: o espetáculo e o Líder Sindical .....	70
3.1.4 Lula: o socioleto e o Líder Sindical .....	71
3.1.5 Considerações parciais: as categorias comunicação, argumentação, espetáculo e socioleto no discurso do Lula sindicalista .....	72
3.2 LULA: O DISCURSO DE POSSE DO PRIMEIRO MANDATO .....	73
3.2.1 Lula e a Comunicação no Discurso de Posse do 1º Mandato .....	73
3.2.2 Lula e a Argumentação no Discurso de Posse do 1º Mandato .....	77
3.2.3 Lula e a Pós-Modernidade no Discurso de Posse do 1º Mandato .....	82
3.2.4 Lula e o Espetáculo no Discurso de Posse do 1º Mandato .....	82
3.2.5 Lula e o Socioleto no Discurso de Posse do 1º Mandato .....	86
3.2.6 Considerações Parciais: as Categorias Comunicação, Argumentação, Espetáculo e Socioleto no Discurso de Posse do 1º Mandato .....	88
3.3 LULA: CANDIDATO À REELEIÇÃO DURANTE A CONVENÇÃO NACIONAL DO PT .....	90
3.3.1 Lula: a Comunicação e a Pós-Modernidade no Discurso como Candidato à Reelection, na Convenção Nacional do PT .....	90
3.3.2 Lula e a Argumentação no Discurso como Candidato à Reelection, na Convenção Nacional do PT .....	97

<b>3.3.3 Lula e o Espetáculo no Discurso como Candidato à Reeleição, na Convenção Nacional do PT .....</b>	<b>102</b>
<b>3.3.4 Lula e o Socioleto no Discurso como candidato à reeleição, na Convenção Nacional do PT .....</b>	<b>108</b>
<b>3.3.5 Conclusões parciais: as categorias Comunicação, Argumentação, Pós-Modernidade, Espetáculo e Socioleto no discurso como Candidato à Reeleição, na Convenção Nacional do PT .....</b>	<b>111</b>
<b>3.4 LULA: O DISCURSO DE POSSE DO 2º MANDATO .....</b>	<b>112</b>
<b>3.4.1 Lula: a Comunicação e a Pós-Modernidade no Discurso de Posse do 2º mandato .....</b>	<b>112</b>
<b>3.4.2 Lula e a Argumentação no Discurso de Posse do 2º Mandato .....</b>	<b>118</b>
<b>3.4.4 Lula e o Espetáculo no Discurso de Posse do 2º Mandato .....</b>	<b>121</b>
<b>3.4.5 Lula e o Socioleto no Discurso de Posse do 2º Mandato .....</b>	<b>126</b>
<b>3.4.6 Considerações parciais: as categorias Comunicação, Argumentação, Pós-Modernidade, Espetáculo e Socioleto no discurso de Posse do 2º Mandato.....</b>	<b>128</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>130</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>137</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>141</b>
<b>ANEXO A - Discurso, dirigindo-se aos sindicalistas, em 17 de abril de 1980 .....</b>	<b>142</b>
<b>ANEXO B - Discurso de posse do primeiro mandato em 1º de janeiro de 2003 .....</b>	<b>148</b>
<b>ANEXO C - Discurso na Convenção Nacional do PT em 24 de junho de 2005 .....</b>	<b>159</b>
<b>ANEXO D - Discurso de Posse do segundo mandato em 1º de janeiro de 2007 ....</b>	<b>175</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O discurso político exerce um poder sobre o auditório ao qual se destina. A partir de Aristóteles pretende-se um discurso com um forte caráter argumentativo em detrimento de um discurso com apelo às paixões, ou mesmo de uma retórica capaz de conduzir o auditório utilizando instrumentos de manipulação, uma adesão sem razões, onde o poder da palavra por vezes se alia ao poder persuasivo do líder.

Os discursos de Lula, que serão objeto de nossa análise, estão inseridos em diferentes momentos de sua trajetória. Analisaremos quatro discursos: o último discurso de Lula na presidência do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, em 18 de abril de 1980, um dia após o governo ter anunciado a intervenção do sindicato; o discurso de Posse do primeiro Mandato como Presidente da República, em 1º de janeiro de 2003, oficializando a presença de um trabalhador - pela primeira vez - na Presidência do Brasil; o discurso como Candidato à reeleição, proferido durante a Convenção Nacional do Partido dos Trabalhadores, em 24 de junho de 2005 - cuja importância está no fato de que, além de Lula ter sido um dos Fundadores do PT, a história do partido se confunde com a sua própria trajetória política, e também por ser um importante encontro de Lula com o Partido, que no ano de 2005 passou por uma grave crise interna, decorrente dos escândalos envolvendo alguns de seus mais expressivos integrantes; e, por último, o discurso de Posse do segundo Mandato, proferido dia 1º de janeiro de 2007, que marca, através da sua reeleição, a superação de Lula com relação à crise resultante dos escândalos envolvendo seu governo e o PT.

O nosso estudo apresenta como justificativa o fato de Lula ter sido eleito pelo voto direto, estar em seu segundo mandato e terem sido estas eleições, depois de um longo período de Ditadura, o resultado de um regime democrático. Outro aspecto relevante é sua condição de ter sido o primeiro trabalhador, metalúrgico, líder sindical a chegar à presidência do Brasil, considerando que antes dele o Brasil teve 24 governantes.

Estudaremos os quatro discursos de Lula tendo como método o Estruturalismo, como técnica metodológica a Retórica como a vê Breton. A nossa pesquisa, em acordo com as opções metodológicas, será qualitativa. Como objetivo específico buscaremos compreender a discursividade de Lula por intermédio das

categorias Comunicação, Argumentação, Espetáculo e Socioleto de acordo, respectivamente, com Maffesoli, Philippe Breton, Roger-Gérard Schwartzberg e Barthes.

O Estruturalismo, ao levar a análise em um nível suficientemente profundo, nos proporciona descobrir a constância através da diversidade. Condição que tem sua origem na consideração de que o geral faz parte da estrutura mental e consiste em formas invariantes, presentes no inconsciente. Aliada ao estruturalismo, teremos como técnica metodológica a Retórica de Breton, onde ele vai enfocar mais o aspecto da argumentação que lida com aquelas ações humanas que, tendo como objetivo convencer, se afastam tanto do exercício da violência persuasiva quanto do recurso da sedução ou da demonstração científica. Breton ressalta o aspecto de que, embora numerosos trabalhos tenham sido consagrados aos mecanismos argumentativos desde a Antiguidade, é relativamente moderno que sejam considerados dependentes de uma análise em termos de comunicação. Ao relacionar argumentação com as ciências da comunicação, no que define como uma 'interdisciplinaridade', afirma tratar-se "de tudo o que está relacionado com a formatação e o transporte das mensagens, bem como a significação social de tais processos" (1999. p.12). Elemento essencial da atividade humana, a importância da retórica está, segundo ele, diretamente relacionada à democracia, onde convencer pode estar ligado ao uso de raciocínios que levam em conta o auditório em uma situação de livre comunicação. Se é possível convencer através da manipulação, da propaganda, da sedução e da argumentação que se inserem na retórica, ele elege a argumentação e a diferencia da demonstração, esta, situada no campo da ciência, da comprovação científica. Cabe então ressaltarmos que o nosso estudo não pretende encerrar uma verdade única, mas, conforme Nietzsche (1987), apresentar verdades suscetíveis, e assim "dar ênfase à vida, à vitalidade, ao vitalismo, pois é depois disso que o pensamento se desenvolve". Por estar em conformidade com essa perspectiva, escolhemos a Pesquisa Qualitativa, que trabalha com a vivência, com a experiência, com a cotidianidade e também com a compreensão das estruturas e instituições como resultado da ação humana objetivada (MINAYO), 1998). Quanto à nossa Fundamentação Teórica, teremos a Comunicação segundo Maffesoli, que compreende a conexão entre a mídia e as tribos urbanas "como espaço de sinergia entre o arcaísmo e o desenvolvimento tecnológico.

Analisaremos os aspectos retóricos dando ênfase à argumentação de Lula presente nos quatro discursos.

O ponto essencial da estratégia da Argumentação é a busca de um “acordo prévio” com o auditório; este vínculo coloca o ato de convencer em uma perspectiva de comunicação.

O ato de saber argumentar “é se recusar à busca da eficácia a qualquer custo, ou seja, no uso de todos os meios possíveis” (BRETON, 1999. p. 26). Considerando esta perspectiva da comunicação, Philippe Breton diz ter pouca importância a mensagem ser falsa ou verdadeira, pois, fundamentalmente, será considerado tratar-se, na maior parte dos casos, de opiniões que são argumentadas e não verdades ou erros. Esta autonomia da argumentação terá como base a divisão entre as opiniões, de um lado, e os enunciados suscetíveis de serem demonstrados pelas ciências, de outro. Para Breton (1999, p.14-15), fazendo-se isto se reabilita a opinião que “não é uma crença sem consistência nem uma verdade pouco rigorosa, mas é matéria de nossa vida cotidiana, o cimento de nossa adesão à vida e o fundamento de nossas escolhas mais essenciais (...), pois querer demonstrar cientificamente os valores só pode levar ao totalitarismo”. No esquema da Comunicação Argumentativa ele estabelece o triângulo argumentativo representado pelo orador, pelo argumento e pelo auditório, onde o objetivo é buscar a integração de uma opinião no contexto de recepção e, compreender que, estes três aspectos, são apenas intermediários neste processo de transporte.

A dissertação será dividida em duas partes: a primeira constituída da fundamentação teórica, opções metodológicas e justificativa de nosso estudo apresentadas no capítulo 1, “Comunicação e Retórica”, onde também abordaremos aspectos da trajetória de Lula inseridos no Brasil República. Utilizaremos alguns trechos de entrevistas realizadas com Lula e publicadas em jornais e revistas do país onde ele opina sobre fatos da nossa História e a respeito de alguns dos Presidentes que o antecederam. Essa linha do tempo, através de alguns fatos marcantes, vem até os dias atuais. Vamos, desta forma, vinculando Lula a um contexto histórico fundamental para um entendimento mais significativo dos aspectos envolvendo sua Retórica. Seguiremos esse procedimento ao compormos um breve histórico da Retórica, desde seu surgimento na Grécia, onde além das características, mencionaremos os preconceitos que a colocaram, por um largo período de tempo, em descrédito, tendo sua revitalização, e sua importância

resgatadas através de Aristóteles e, posteriormente, por outros estudiosos que tiveram por base o pensamento aristotélico. Esta abordagem nos conduzirá à própria atuação retórica de Lula em diferentes momentos da História do Brasil. No capítulo 2, abordamos de forma mais pontual “A Retórica de Lula”, onde analisaremos os 4 discursos: como sindicalista, como candidato a Presidência da República, como Presidente eleito - nos discursos de Posse do primeiro e do segundo mandato. Teremos como fundamentação teórica as seguintes categorias: Comunicação, em Michel Maffesoli, Argumentação em Philippe Breton, Espetáculo, em Gerard Schwartzenberg, e, Socioleto, em Roland Barthes. Após a análise considerando cada uma destas categorias em sua relação específica com o discurso, passamos a uma análise integrada dessas categorias, o que nos possibilita, um elemento qualitativo de maior profundidade. Na seqüência teremos o agenciamento conclusivo deste estudo, onde através da análise pertinente a cada discurso, realizada no capítulo anterior, passamos a uma análise mais abrangente dos quatro discursos entre si, conforme o Estruturalismo, para compreendermos mais profundamente a Retórica de Lula. As nossas questões de pesquisa serão: Como a comunicação se particulariza nos discursos de Lula? De que modo a Argumentação, em Breton, se caracteriza nos discursos de Lula? De que maneira o Espetáculo, em Schwartzenberg, se particulariza nos discursos de Lula? E, no Socioleto, em Barthes, identificarmos como se caracteriza nos discursos de Lula. E, com relação aos quatro discursos, e agora auxiliados pelas categorias *a priori*, qual é a retórica de Lula?

## 2 COMUNICAÇÃO POLÍTICA E RETÓRICA

### 2.1 METODOLOGIA E REFERENCIAL TEÓRICO

“A Retórica de Lula” será analisada através de quatro discursos: como sindicalista, como candidato a Presidência da República, como Presidente eleito - nos discursos de Posse do primeiro e do segundo mandato.

Teremos como fundamentação teórica as seguintes categorias: Comunicação, em Michel Maffesoli, Argumentação em Philippe Breton, Espetáculo, em Gerard Schwartzberg, e, Socioleto, em Roland Barthes.

Ao tratarmos sobre a Comunicação Política, começaremos por algumas noções. A palavra Comunicação vem do latim *communicare*. É o ato ou efeito de emitir, transmitir e receber mensagens por meio de métodos e, ou processos convencionados. Pode ser através da linguagem falada ou escrita, ou de outros sinais, signos ou símbolos, de aparelho técnico especializado, sonoro e/ou sinal.

As categorias de nosso estudo: Comunicação, em Michel Maffesoli, Argumentação em Philippe Breton, Espetáculo, em Gerard Schwartzberg, e, Socioleto, em Roland Barthes vão direcionar a nossa análise dos discursos de Lula.

Em Maffesoli, a Comunicação representa a conexão entre a Mídia e as tribos urbanas como espaço de sinergia entre o arcaísmo e o desenvolvimento tecnológico. Leva a pensar a influência recíproca entre a memória e o acontecimento. A Comunicação é sempre fragmentada, investida de sentimentos, articulada entre as partes que ora se opõe, ora se complementam.

Através dessa noção, é possível pensarmos os acontecimentos, relacionados à Comunicação e ao presidente Lula presentes nos discursos. Lula é exemplo de presença investida de emoções e sentimentos, onde existe uma articulação entre ele e o povo, entre ele e as diferentes “tribos” fazendo de sentimentos geradores de proximidade a viscosidade, a ligação. E, ainda que algumas vezes possam se opor pelo efeito dos escândalos, de revelações, de informações veiculadas pela mídia, têm encontrado reforço positivo no imaginário coletivo: a figura do menino pobre que, mesmo tendo deixado de estudar, atingiu liderança política; mesmo com as contrariedades da vida prosseguiu abrindo espaço para seus ideais; mesmo com

derrotas persistiu até a vitória e conseguiu estabelecer uma imagem política de consistência em um partido político, cujo imaginário foi abandonando a idéia de radicalismo até chegar a ser um partido considerado “ético”, onde a corrupção “não estaria presente”. Com os escândalos do Mensalão e do caso Palocci a imagem do PT é atingida, muitos políticos do partido ficam desacreditados, porém, o mesmo não ocorre com Lula. E nos casos do Mensalão e do Palocci, Lula, eximindo-se de possíveis culpas relacionadas a alguns de seus assessores, ministros e até mesmo do próprio filho, usa o discurso que se fixa em frases do senso comum, esvaziadas de sentido: “não sabia de nada”, “apunhalado pelas costas”. Mostrando-se enganado e sem deixar de “punir” os culpados ele diz, “nunca a corrupção foi tão combatida como em meu governo” (22 de setembro de 2006, p. 2). Lula foi afastando de si as críticas.

Talvez esse tribalismo, toda a viscosidade como expressão, permita compreender que, apesar da falência de numerosas instituições, é possível resistir aos diversos golpes de sorte da existência”, pois “o indivíduo racional e senhor de si está singularmente ausente. Trata-se, ao contrário, de perder-se no outro (MAFFESOLI, 1988, p. 25).

Nesta época de tribalismo, viscosidade, de perder-se no outro, talvez o Brasil possua um agravante, o fato de, como chamou a atenção Roberto DaMatta em palestra proferida aos alunos do Pós-graduação em Comunicação Social na PUC-RS (29 de agosto de 2006), de sermos um país cuja sociedade privilegia a oralidade em detrimento da escrita. E que, aqui, vale mais uma palavra proferida, por toda sua carga emocional, persuasiva, e no que carrega do indivíduo, do que a palavra escrita, documentada, como era o caso de incontáveis meios de comunicação indagando “como Ele poderia não saber desses escândalos envolvendo amigos, assessores, ministros e, o próprio filho?”. Neste aspecto, talvez, resida a dificuldade de, embora tantos escândalos envolvendo o governo Lula, sua imagem frente a estes aproximados 50% de eleitores, se manter: a oralidade é basicamente emocional.

A categoria Espetáculo, conforme Roger-Gérard Schwartzberg, vai nos dizer que a política, tal como o espetáculo, tem os seus maquinistas, com o objetivo de plantar certos cenários e ajustar trucagens. Estes técnicos-maquinistas

pertencem à indústria da persuasão: “Como levar o eleitor-consumidor a comprar o candidato-produto?” Essa indagação vem ao encontro da divisão, estabelecida neste estudo, da vida política de Lula em três períodos distintos que estão em análise.

Portanto, qual Comunicação Política se evidencia em cada uma dessas fases delimitadas? De que modo se mostrava o candidato-produto para o eleitor-consumidor em cada uma delas? E, conforme diz Schwartzberg (1978, p. 139-153), pode ser o “*Star-system*” que ambiciona ser o personagem central, ter o papel principal; pode ser o “Herói”, ou seja, um provedor de sonhos, desempenhando uma função onírica: profética e poética; ou o “Líder Charmoso”, buscando surpreender, cativar, agradar, concebendo a política como uma arte de sedução; pode ser o “Homem-Comum” também denominado por Schwartzberg como “Homem Ordinário”, que é o prazer da igualdade, porque existe a possibilidade de uma identificação com esse “homem do povo”, ou talvez a “imagem do pai”, que se subdivide em “Autoridade paterno-heróica” - como um chefe revolucionário, o fundador da independência nacional: o “Pai da revolução”, o “Pai da pátria” ou então, a “Autoridade paternal de rotina”: o sábio, com competência e autoridade.

Após a escolha do papel a ser representado, conforme Schwartzberg, é montado o espetáculo onde se confunde arte política e artifício. No nosso estudo, entendemos que essa imagem pode ter sido uma única para as três fases da vida política de Lula, assim como, nesta idéia de espetáculo, pode ter variado conforme os objetivos a serem politicamente atingidos por ele, de acordo com a forma persuasiva mais adequada ao momento. As características mais presentes nos discursos, em cada fase, nos permitirão identificar qual possibilidade é a mais procedente.

Em Philippe Breton, teremos a categoria Argumentação, que lida com aquelas ações humanas que, tendo como objetivo convencer, se afastam tanto do exercício da violência persuasiva quanto do recurso da sedução ou da demonstração científica. Breton ressalta o aspecto de que, embora numerosos trabalhos tenham sido consagrados aos mecanismos argumentativos desde a Antiguidade, é relativamente moderno que sejam considerados dependentes de uma análise em termos de comunicação. Ao relacionar argumentação com as ciências da comunicação, no que define como uma ‘interdisciplinaridade’ afirma tratar-se “de tudo o que está relacionado com a formatação e o transporte das mensagens, bem como a significação social de tais processos” (1999. p.12). Elemento essencial da

atividade humana, a sua importância está, segundo ele, diretamente relacionada à democracia, onde convencer pode estar ligado ao uso de raciocínios que levam em conta o auditório em uma situação de livre comunicação. Se é possível convencer através da manipulação, da propaganda, da sedução e da argumentação, que se inserem na retórica, ele elege a argumentação como seu objeto de estudo e a diferencia da demonstração, esta, situada no campo da ciência, da comprovação científica.

O ponto essencial da estratégia da Argumentação é a busca de um “acordo prévio” com o auditório. Este vínculo coloca o ato de convencer em uma perspectiva de comunicação. Em um esquema da dinâmica argumentativa, o autor ressalta que o orador mobiliza sua opinião, isolando-a provisoriamente do contexto na qual ela é produzida; identifica o seu ou os seus auditórios; identifica o contexto no qual seu argumento será recebido; “encaixa” sua opinião em um ou vários argumentos; intervém no contexto de recepção do auditório a fim de “abrir um lugar” dentro dele para sua opinião. Ele utiliza para isso uma primeira categoria de argumentos, os “argumentos de enquadramento”; liga a opinião proposta ao contexto de recepção assim modificado, utilizando uma segunda categoria de argumentos, os “argumentos de ligação ou de vínculo”. Por outro lado, Breton considera alguns aspectos os quais nos levariam a aderir às premissas da argumentação: a ressonância, a curiosidade e o interesse.

Quanto à ressonância temos que se trata de uma opinião aceita, onde mesmo em uma nova apresentação dos fatos vamos nos apoiar no que já é conhecido, considerado familiar, normal. Já a argumentação que se apóia em valores é um exemplo de “efeitos de ressonância”. Ela representa um motivo conservador. Diferente da ressonância, a curiosidade, conduz a uma nova maneira de ver as coisas, a uma aceitação do novo. Enquanto que o interesse representa um valor de uso, algo conveniente, um enquadramento mais global e mais geral do que a opinião que ele envolve.

O Enquadramento do Real nos permite constituir o fundo no qual a opinião proposta encontrará, harmoniosamente, o seu lugar, apoiando-se na partilha *a priori* de valores ou crenças. De outra forma será invenção, combinação, um “reenquadramento” do real. Podemos ter argumentos conservadores e argumentos inovadores. Nos argumentos conservadores, estarão as formas argumentativas que se apóiam na busca de elementos preexistentes no auditório. Este tipo de

argumentação se faz através de ressonância entre o já conhecido e o que é proposto. O coeficiente de novidade do ato argumentativo praticamente inexistente. Nos argumentos inovadores se propõe uma nova apresentação do real, sendo que no seu interior a tese proposta tem um lugar natural e evidente. Enquanto que, nos argumentos de autoridade, o orador apóia o enquadramento do real sobre sua própria autoridade ou ele convoca uma autoridade exterior. Outra possibilidade consiste em se apoiar em aspectos pouco conhecidos de autoridade do próprio auditório. A autoridade pode ter como base um saber ou uma função exercida que proporciona uma competência ampla, um direito de intervir na construção do real. Outra possibilidade é quando se trata de uma autoridade adquirida por acaso, como ao ser testemunha de um fato podemos ter o uso do argumento de autoridade numa construção ‘a contrário’, que consiste em usar uma autoridade negativa para desqualificar uma opinião. É freqüente seu uso na Comunicação Política.

Quanto à autoridade, na argumentação, é apenas uma proposição feita ao outro, livre para dispor dela ou não. (Contrariando essa possibilidade, Breton lembra que, com o poder saímos deste campo para encontrar um mundo em que são exercidas a força, a coação e a violência. Podemos convencer o outro, obrigando-o a acreditar no que lhe dizemos, ou a fingir que acredita). Nos argumentos de competência se supõe que haja uma competência científica, técnica, moral ou profissional que legitima o olhar sobre o real que deriva dela. Enquanto nos argumentos da experiência tem como base uma prática efetiva no domínio em que o orador se exprime e implica numa duração e acumulação, nos argumentos de testemunho o orador utiliza o fato de estar presente a uma manifestação, a um acontecimento, o que lhe confere uma autoridade segura, o argumento do testemunho é pontual.

Nos argumentos de apelo a pressupostos comuns, os mais utilizados na argumentação são as opiniões comuns, os valores, os pontos de vista, e são amplamente utilizados em todos os casos em que uma comunidade de pensamento e de ação preexiste claramente entre o orador e o auditório. No caso da opinião comum ela é aceita, mas sem entusiasmo, pelo fato de ser muito comum. São exemplos os provérbios, os ditados, enfraquecidos pelo uso. Os valores comuns constituem um apoio essencial, para desenvolver uma argumentação. Três tipos de argumentos fazem apelo diretamente aos valores: os argumentos “baseados em uma definição da natureza humana”, os “argumentos teológicos”, os “argumentos

éticos”. Os raciocínios que têm por base valores concretos, segundo Breton (1999), parecem ser característicos das sociedades conservadoras, enquanto os valores abstratos se prestam mais facilmente à crítica e estariam mais ligados à justificação da mudança, ao espírito revolucionário, que são de certo modo instrumentos de conhecimento, tentam compreender e dar conta desta ordem, á sua maneira, contribuem para a construção do universo de referência.

O Reenquadramento do Real implica uma novidade, um deslocamento, um outro olhar. Ele não ataca o problema de frente, mas o contorna e o aborda de outra maneira. Podem ser classificados em três categorias: a definição, a apresentação e a associação.

Temos que uma definição argumentativa é um argumento que apela a um vocabulário que reenquadra o problema, é a escolha entre situações possíveis. Apresenta uma concepção que evidencia razões que devem ser buscadas e elucidadas enquanto a apresentação utiliza inúmeros argumentos de vínculo, sobretudo por analogia ou pelo exemplo e apóia-se em uma representação prévia do mundo. Um dos elementos da apresentação é o argumento de descrição, onde toda narrativa implica em que os elementos apresentados sejam selecionados, qualificados, geralmente amplificados e, quase sempre, interpretados. Um elemento do raciocínio pode ser isolado e encarado como fato suscetível de observação, de prova, de testemunho, de transcrição em linguagem cifrada. Assim, Breton (1999) cita, como exemplo, o fato de que poderíamos convencer uma pessoa a pegar um guarda-chuva ao descrever-lhe o céu nublado.

Outro elemento, citado por ele, é o argumento de qualificação, que depende da apresentação dos fatos e não alcança todas as facetas dos acontecimentos, e deve remeter a uma justificação suposta e não ser uma simples afirmação gratuita, escolhida por sua adequação com a argumentação em curso. O argumento de nomeação é uma forma de qualificação, pois dar um nome a alguma coisa, requalifica, em certas ocasiões, suas qualidades. Com o argumento de amplificação criamos, aumentamos a presença de certos elementos na consciência do auditório. É a acumulação de detalhes, acentuação de certas passagens. Com a espoliação, nos detemos sobre um mesmo ponto enquanto damos à impressão de imprimirmos idéias sempre diferentes, damos um efeito de relevo, uma mesma idéia sobre diversos ângulos. A relevância da analogia é que nela a palavra se permite saltos, que teria dificuldade em justificar em outras circunstâncias, e, para Breton, a ponte

lançada entre duas zonas do real se justifica assim apenas porque ela permite passar de uma margem à outra, ou seja, é uma correspondência que tira sua força de seu mistério compartilhado. No plano técnico há uma distinção entre vários tipos de argumentos: a comparação simples, a comparação analógica, o exemplo, a metáfora. A metáfora só vai interessar quando ela se colocar na posição de convencer. A metáfora, para Breton (1999, p. 134), “utiliza e autoriza correspondências subterrâneas que se alimentam, às vezes, no mais profundo de nosso ser e de nossa cultura”.

A analogia serve para designar o fato de que a opinião que queremos defender pode ser colocada em “relação” com uma opinião, ou uma realidade aceita pelo auditório onde “tema” é utilizado para designar a opinião a ser defendida e “foro”, para designar a realidade da comparação. Nem todas as analogias são argumentos porque nem todas estão a serviço da defesa de uma opinião. A flexibilidade e liberdade evocadoras da analogia vêm como complemento da estreiteza especializada do argumento dedutivo, que obriga a um vínculo explícito. As duas modalidades de vínculo não se opõem, elas correspondem a situações argumentativas diferentes.

A comparação é uma das formas mais difundidas de argumentação, onde comparar consiste em tecer um vínculo entre duas realidades, colocando-as, em relação de maneira aceitável e produzindo, através deste fato, uma transferência de qualidade de uma realidade para outra. Enquanto que o argumento pelo exemplo tem como objetivo fazer aparecer uma correspondência subterrânea, quando o argumento é um modelo, temos aqui, um exemplo forte, pois é proposto como uma norma que deve ser imitada.

Ao tratarmos dos discursos de Lula, a categoria argumentação, segundo Phillipe Breton, nos fornece elementos que irão possibilitar o reconhecimento dos argumentos utilizados em cada um dos discursos, para que assim tenhamos condições de compreender o processo de argumentação política em suas aproximações e/ou diferenciações a cada discurso, assim como nas respectivas fases da vida política de Lula, por eles representada. Identificaremos quais tipos de argumentos são mais utilizados no discurso como unidade e nos quatro discursos como um todo, a fim de compreendermos os elementos mais relevantes de seu processo argumentativo.

A categoria Socioleto, de Roland Barthes vai dizer das linguagens sociais recortadas na massa idiomática, são as linguagens de diferentes grupos. O socioleto se opõe ao idioleto, que é o falar de um indivíduo, o seu estilo. O indivíduo luta para não ficar sufocado pela linguagem dos outros, para fazer valer a sua linguagem. Barthes vai distinguir desde a origem, dois tipos de socioletos: socioleto dos discursos Encráticos, os quais ele denomina como o discurso do poder, à sombra do poder e os socioletos dos discursos Acráticos, ou seja, do discurso fora do poder, à luz do não-poder. Nem sempre o discurso Acrático é feito contra o poder ou ligado a uma crítica do poder, como podemos exemplificar com o discurso psicanalítico. Esclarece Barthes que entre o Poder e a linguagem a mediação é de ordem cultural e não de ordem política. ***A doxa, ou seja, a opinião, o domínio do provável, e não do verdadeiro, não-científico.*** O socioleto Encrático não se deixa afetar pelas diferenças de vulgaridade entre os locutores, diz Barthes, que exemplifica: “O Socioleto Marxista pode ser falado por imbecis”. (BARTHES, 1999, p. 116) Outro aspecto é que a linguagem socioletal só vai se alterar ao se produzir na história uma mutação de discursividade, onde temos Marx e Freud como exemplos do que Barthes considera mutantes. “Mas a partir deles a discursividade que fundaram nada mais fez que repetir-se” conclui.

Quando observamos a trajetória política de Lula, consideramos, *a priori*, alternância do discurso Acrático, na época de líder sindical e mesmo durante as campanhas à Presidência da República até a posse, quando possivelmente passa a ter um discurso Encrático, de dentro do poder. Assim, a categoria Socioleto, de Barthes, irá dialogar com a trajetória política de Lula, nessa diferenciação entre discurso acrático e encrático. Quando Barthes acrescenta que “o discurso encrático - sendo plenamente ideológico - apresenta o real como inversão da ideologia, produtora de uma “intimidação amaciada, resultante da própria natureza da doxa, ou seja, difusa, plena, “natural”, nos remete aos discursos de Lula passíveis dessa visão comparativa. Sobre outra perspectiva, com os discursos de Lula como presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC.

Enquanto o socioleto Encrático, “no Poder”, quer conservar o Poder, propõe uma segurança dentro deste cerco, desta abrangência, sendo garantia a todos que fazem parte dele - e, por outro lado, rejeitando e ofendendo os que estão fora; o socioleto Acrático e o Encrático têm por objetivo impedir o outro de falar, sendo dois tipos de intimidação, modos de pressão. Enquanto o socioleto Encrático age por

opressão, de excesso endoxal; o socioleto Acrático age por sujeição, e fora do Poder, recorre à violência.

Essas categorias e outras que possam surgir no desenvolvimento de nosso estudo servirão para melhor delimitar os aspectos a serem analisados e dar alguns direcionamentos que tornarão a análise dos discursos de Lula com maior eficiência.

O nosso estudo contemplará como opções metodológicas o Estruturalismo, como método da pesquisa, a Retórica, como técnica, a Pesquisa Qualitativa.

Através do Estruturalismo, metodologia que levou ao extremo a expectativa de explicação pela forma analítica, colocando nesse contexto também a consciência histórica, reduzida ao inconsciente, onde “não é preciso destruir o homem para compreendê-lo, se ao lado da análise, colocarmos a síntese” (DEMO, 1994, p. 202), temos a acentuação firme do conhecimento da realidade que “se realiza plenamente apenas quando atinge nela elementos constituintes em nível de constantes supratemporais e supra-espaciais [...] aliada ainda à postura relativa ao inconsciente” (DEMO, 1994, p. 172). Esta perspectiva metodológica trará para nossa análise dos discursos elementos já postos, mas que precisam ser evidenciados nestas constantes supratemporais e supra-espaciais.

Para o Estruturalismo, o geral faz parte da estrutura mental e consiste em formas invariantes, presentes no inconsciente, portanto, “já dadas” e, independem do concreto. A permutabilidade de conteúdo das invariantes não equivale ao arbitrário, ou seja, sob a condição de levar a análise a um nível suficientemente profundo, o que descobrimos é a constância por trás dessa diversidade. Demo acrescenta que a constância da forma não deve encobrir que as funções são permutáveis. E, na concepção nomatética de ciência, a realidade é regida por leis. As invariantes são denominadas ‘leis lógicas’, ‘leis gerais’ e estão ocultas, no entanto, podemos encontrá-las por trás do caos das regras e costumes: um esquema único, nos contextos locais e temporais diferentes, onde a heterogeneidade descontínua dos termos é remissível a ‘uma regularidade’ (1999, p. 174-176). São estas “invariantes”, essas “leis lógicas” que buscaremos nos discursos de Lula.

O Estruturalismo apresenta a perspectiva de só explicarmos a variação, quando descobrimos como ela invariavelmente varia, logo, como fenômeno estruturado, onde apresenta modos constantes de variar. Nestes modos constantes de variação encontramos sua explicação.

Demo considera que o Estruturalismo supõe mente já “codificada”, cuja memória está guardada no inconsciente, e busca, assim, descobrir formas invariantes em meio a conteúdos diferentes (DEMO, 1994, p. 174-182).

Através do Estruturalismo estabeleceremos quais são as constantes nos discursos de Lula. Observando a constância escondida atrás da diversidade presente na sua retórica e, em específico, nos seus argumentos, o que varia como fenômeno estruturado nas categorias analisadas: Comunicação, Argumentação, Espetáculo, no Socioleto, assim, conseguiremos atingir a interpretação dos discursos em sua abrangência. Através de formas invariáveis, constantes nos discursos de Lula, descobriremos invariantes com as quais possamos compreender a variedade dos fenômenos: Lula como sindicalista, Lula como presidente eleito no primeiro mandato, Lula como candidato à reeleição, Lula como presidente eleito no segundo mandato. Veremos o que foi constante nos quatro discursos resgatando as informações das conclusões parciais de cada discurso.

A relevância deste estudo é podermos contribuir trazendo mais elementos de Comunicação e Retórica relacionados ao discurso político, o que será realizado através da análise de quatro discursos de Luiz Inácio Lula da Silva cuja história pessoal, política e partidária tornam essa análise particularmente importante, por ser uma trajetória que acabou por levar um ex-líder sindical - que vivenciou a pobreza, a fome, a precariedade na área da saúde (o que na década de 70, lhe causaria a perda da esposa e do filho que ela esperava, aos oito meses de gestação) - a ser um dos criadores do “primeiro partido genuinamente de trabalhadores” como Lula gosta de definir, e duas décadas depois, ser o primeiro trabalhador na Presidência do Brasil.

## 2.2 O BRASIL REPÚBLICA: DA PROCLAMAÇÃO ATÉ O SEGUNDO MANDATO DO PRESIDENTE LULA

A palavra política é grega, *ta politika*, vinda de *polis*. *Polis* é a cidade, formada por cidadãos - os *politikos* - homens “nascidos no solo da cidade, livres e iguais, portadores de dois direitos inquestionáveis, a isonomia (igualdade perante a lei) e a *isegoria* (o direito de expor e discutir em público opiniões sobre ações que a cidade deve ou não realizar)” (CHAUÍ, 2002, p. 371). Na cultura latina *civitas*, significa o

mesmo que polis, enquanto *ta politica* corresponde a República (*Res publica*), hoje denominada Estado, representado pelas instituições públicas e sua administração através dos homens da cidade. Conforme Chauí, o modo de participação no poder do Estado moderno, apresenta seus conflitos e seus acordos “na tomada de decisões e na definição de leis e de sua aplicação, no reconhecimento dos direitos e das obrigações dos membros da comunidade política e as decisões relacionadas ao erário ou fundo público” (CHAUÍ, 2002, p. 371).

Quando falamos na República brasileira é provável que o distanciamento dos fatos ocorridos desde 1889 projete lacunas nos fatos da história republicana de nosso país, o que em determinadas situações passou a se popularizar como “memória curta” do povo brasileiro com relação a sua própria história. Sabemos que um discurso carrega em si outros discursos. Assim, vamos passar por alguns dos fatos mais relevantes de nossa história republicana que nos trouxeram até o governo Lula.

A República no Brasil vai se estabelecer através da oposição de importantes movimentos republicanos à Monarquia: dos revolucionários e dos evolucionistas. Enquanto os líderes republicanos evolucionistas almejavam a República, através de eleições, os revolucionários pretendiam conquistá-la pela imposição, à força.

Quintino Bocaiúva, um dos principais líderes republicanos de posicionamento evolucionista, em janeiro de 1872, em uma reunião do Partido Republicano Paulista, defendia a orientação evolucionista:

Saber acompanhar a marcha progressista de uma idéia no ânimo dos povos; facilitar o êxito da sua propaganda; proporcionar, pela ilustração dos espíritos, novos instrumentos de ação à causa da propaganda; proporcionar novos instrumentos de ação à causa da perfectibilidade social; fortificar as consciências pela prática assídua das virtudes civis, que únicas podem concorrer para a afirmação e para o cumprimento do dever em todas as esferas da atividade moral; saber acompanhar os movimentos impulsivos da sociedade política, que sempre aspira chegar ao cumprimento da sua organização e tende a elevar-se sucessivamente às regiões de perfectibilidade relativa das funções e do seu mecanismo; fazer ao tempo e às circunstâncias especiais do meio em que vive e trabalha aquelas concessões que razoavelmente se lhes pode fazer sem quebra dos princípios nem desfalecimento morais; concessões que nada mais exprimem do que uma contemporização legítima e necessária com a modalidade ocasional ou transitória da sociedade (CASALECCHI, 1987, p. 40).

Ao ser instituída a República, Quintino Bocaiúva atua como ministro das Relações Exteriores, e posteriormente, como senador e presidente do estado do Rio de Janeiro.

A Proclamação da República, conforme Boris Fausto (1983) correspondeu ao encontro de duas forças: exército e fazendeiros de café. A oposição que o exército passava a fazer à Monarquia tinha relação com a guerra do Paraguai que favorecera a identificação dos militares como grupo “e eles começaram a criticar a posição secundária que o império conferia à instituição. Pouco a pouco foram afirmando o direito de expressar abertamente suas críticas e de se organizar politicamente”, enquanto em grupo minoritário, liderado por Benjamin Constant, “combinavam tais críticas com uma perspectiva ideológica de maior alcance. Sob a influência do positivismo defendia a implantação de um regime republicano e modernizador” (FAUSTO. 1983, p. 117).

Enquanto o Partido Republicano Paulista queria o fim da centralização imperial porque representaria a autonomia dos estados “e a possibilidade de impor ao país um sistema que favorecesse o núcleo agrário-exportador em expansão” diz Boris, que conclui: “Contando com o apoio deste núcleo, o exército desfechou o golpe de 15 de novembro e assumiu o controle do governo” (FAUSTO, 1983, p. 118).

A República brasileira, conforme José Murilo de Carvalho foi proclamada num período de grande especulação financeira que tinha como causa as emissões de dinheiro realizadas pelo governo visando atender às necessidades geradas com a abolição dos escravos.

Em vez da agitação do Terceiro Estado, a República brasileira nasceu no meio da agitação dos especuladores, agitação que só fez aumentar pela continuação da política emissionista. O espírito de especulação, de enriquecimento pessoal, a todo custo, denunciado amplamente na imprensa, na tribuna, nos romances, dava ao novo regime uma marca incompatível com a virtude republicana. Em tais circunstâncias não se podia nem mesmo falar na definição utilitarista do interesse público como a soma dos interesses individuais. Simplesmente não havia interesse com o público. Predominava a mentalidade predatória, o espírito do capitalismo sem a ética protestante (CARVALHO, 2004, p. 30).

Com o poder passando dos militares aos civis a República outrora denominada da Espada passa a República Oligárquica, ou seja, inicia-se o domínio

político-econômico das oligarquias rurais sobre o país. Surgia o coronelismo, a força dos latifundiários, o voto de cabresto, a política dos governadores.

A alternância de representantes de São Paulo e de Minas Gerais no poder nacional ficou conhecida como política do café-com-leite, assim denominada por serem estes os principais produtos produzidos em São Paulo e Minas Gerais.

Durante o segundo governo militar, de marechal Floriano Peixoto, havia o combate aos especuladores e aos banqueiros. Mas logo a “corrupção e a negociata voltaram a caracterizar o novo regime, fazendo com que o antigo, acusado antes de corrupto, aparecesse já como símbolo de austeridade pública”, diz Carvalho (2004, p. 30). Além desses aspectos, o fato ocorrido na época do presidente Floriano se assemelha a política brasileira contemporânea, em que “um ministro da fazenda foi acusado, na virada do século, de ter feito reproduzir o retrato de sua amante em uma nota do Tesouro, como representação da República”.

Após os dois ministros militares, Floriano Peixoto e Campos Sales, havia acordo entre os governantes estaduais e o governo central que em troca do apoio irrestrito dos governadores ao governo federal, este só iria permitir a vitória de deputados pertencentes a esse grupo. Para isso foi criada a Comissão Verificadora de Poderes pela qual eram qualificados de honestos somente aqueles que o governo federal determinasse. A fraude eleitoral ganhava espaço.

A fundação do Partido Republicano Federal, em 1893, representa o interesse da oligarquia cafeeira em controlar o poder executivo. Nas eleições de 1894, o representante do partido, Prudente de Moraes, é eleito, sendo o primeiro presidente civil brasileiro. Com ele o incentivo à expansão industrial, com financiamentos para a importação de máquinas e também criação de taxas alfandegárias, dificultando assim, a entrada de produtos estrangeiros semelhantes aos produzidos aqui. As oligarquias rurais, no entanto, não concordavam com essa política de incentivos. Com a exportação de café, algodão e borracha, o lucro, em partes, era utilizado para adquirir manufaturados estrangeiros cujas taxas alfandegárias haviam tornado mais caros.

O governo entra em uma crise que só iria se solucionar, em 1897, época em que ocorre a vitória do exército sobre Canudos e o enfraquecimento do Partido Republicano Federal. Quando passava em revista as tropas vitoriosas em Canudos um suboficial do exército dispara contra o presidente Prudente de Moraes, que sai ileso. No entanto, o tiro atinge de modo fatal o ministro da guerra, marechal Bittencourt. O presidente decreta estado de sítio e assegura o domínio da oligarquia

cafeeira paulista.

A sucessão de Prudente de Moraes, nas eleições de 1898, dá a vitória ao ex-governador de São Paulo, Manuel Ferraz de Campos Sales. Com a suspensão do auxílio à indústria, o Brasil abriu às portas à entrada dos produtos manufaturados estrangeiros que tornavam o país essencialmente agrícola. A economia brasileira da época apresentava-se com uma elevada taxa de inflação, uma enorme dívida externa, além da queda do preço do café no mercado internacional que, até o final do governo de Campos Sales, teria o valor da saca de café reduzido. Em 1898, o café atingiu menos de 50% do seu valor. Às medidas aplicadas para reverter a situação incluíam corte de crédito à indústria, criação de novos impostos como o de consumo e o do selo, assim como o aumento dos já existentes, e a paralisação de emissão de moeda. Com essas medidas o poder aquisitivo da população assalariada baixou bruscamente. Os privilégios dos grandes proprietários rurais foram mantidos.

Para não governar com um congresso que lhe formasse oposição, ou a insubordinação dos governos estaduais, Campos Sales estabelece a “política dos governadores”, que permitia a estabilização do governo federal através da troca de favores entre o presidente e os governadores (CARONE, 1970).

O sucessor à presidência foi Francisco de Paula Rodrigues Alves (1902-1906), candidato indicado por Campos Sales, havia sido ministro da Fazenda no governo de Prudente de Moraes. Rodrigues Alves tinha o apoio do partido Republicano Paulista e do Partido Republicano Mineiro. Em sua administração estabeleceu uma política de valorização do café: impedia a elevação do câmbio através de operações de compra do café pelo governo, e assim, diminuindo a oferta, ficava à espera de momento conveniente para efetivar a venda do produto. A estratégia buscava diminuir o impacto da queda dos preços internacionais.

Afonso Augusto Moreira Pena (1906-1909) sucedeu a Rodrigues Alves. Augusto Pena havia sido indicado pelo Partido Republicano Mineiro, enquanto o candidato representante de São Paulo era Bernardino de Campos.

Conforme Edgard Carone (1970) o poder da burguesia cafeeira sobre Augusto Pena era visível. Assim era possível identificar este favorecimento, como já ocorria no governo anterior, quando o governo federal implantou o Plano Nacional de Valorização do Café, através de empréstimo com a Inglaterra. Comprava toda a safra do produto e só pretendia vendê-la no final da crise.

Afonso Pena morre antes de terminar o mandato. É substituído por Nilo Peçanha (1909-1910), o vice-presidente.

Com a proximidade das eleições e, sem haver consenso, São Paulo e Minas Gerais rompem relações. Enquanto Minas Gerais e Rio Grande do Sul apoiavam o Marechal Hermes da Fonseca a oligarquia paulista lançou a candidatura de Rui Barbosa, apoiado também pela Bahia.

Rui Barbosa defendia a moralidade nas eleições, reformas políticas e o antimilitarismo. Hermes da Fonseca contava com o apoio das oligarquias conservadoras. A eleição, em 1910, elegeu Hermes da Fonseca presidente, marcando a volta de um militar ao poder. Em seu governo instituiu a prática que ficou conhecida como política salvacionista, para eliminar a corrupção e salvar a pureza das instituições republicanas. Eram realizadas intervenções nos estados para substituir uma oligarquia por outra. Essa prática tinha como principal objetivo diminuir o poder do senador Pinheiro Machado, do Rio Grande do Sul, que havia criado o Partido Republicano Conservador e tinha politicamente bastante influência, inclusive sobre oligarquias do Norte e Nordeste do país (CARONE, 1970).

Pinheiro Machado disputou as eleições presidenciais contra Venceslau Brás, candidato de uma aliança entre o Partido Republicano Paulista e o Partido Republicano Mineiro a qual visava anular as possibilidades de vitória de Pinheiro Machado. A estratégia logrou êxito e garantiu a vitória de Venceslau Brás. O fato de ter governado sob os efeitos da Primeira Guerra Mundial trouxe alguns aspectos positivos à economia do Brasil no seu mandato. Houve aumento nas exportações e aprimoramento da indústria com a produção de manufaturados, antes importados pelo país.

O Brasil participou na Primeira Guerra Mundial apoiando os países da Tríplice Aliança (Inglaterra, França, Rússia) para os quais fornecia alimento e matérias-primas. Outro dos aspectos relevantes deste governo foi a formulação do Código Civil Brasileiro.

A classe operária que em 1880 era de 54 mil operários, com o crescimento da indústria, em 1917, havia triplicado esse número, chegando a 200 mil em 1920. Trabalhando de 14 a 16 horas por dia, sem salário mínimo fixado, sem férias remuneradas e sem indenização em casos de acidentes de trabalho, os operários realizaram em São Paulo, em 1917, em fábricas têxteis, uma greve geral com a participação de 40 mil trabalhadores. A repressão, sofrida pelos grevistas, resultou em vários mortos. Entre 1918 e 1920, as greves ganhavam espaço nas cidades de

Porto Alegre, Rio de Janeiro, Recife e Salvador.

Na sucessão presidencial Rodrigo Alves se reelegeu vindo, no entanto, a falecer no início da gestão. Assumiu à presidência da República Delfim Moreira (1918-1919) que convocou novas eleições. Rui Barbosa se candidata pela terceira vez, mas será Epitácio Pessoa, candidato apoiado pelos cafeicultores, o presidente do Brasil.

Epitácio cria a Inspetoria Federal de Obras para combater a seca do Nordeste. Com o fim da Primeira Guerra Mundial ele reinicia as importações de manufaturados causando o enfraquecimento da indústria nacional que se fortalecera no governo anterior. A economia brasileira passava da dependência com relação à Inglaterra à sujeição norte-americana. Continuava a política destinada à valorização do café. Com o aumento da inflação Epitácio buscou empréstimo nos Estados Unidos. O governo promulga a Lei de Repressão ao Anarquismo - cuja ideologia libertária incentivava o movimento sindical - para desta forma, tentar conter as revoltas dos trabalhadores. A crise das oligarquias dava lugar ao movimento tenentista, que teve sua primeira manifestação em 1922.

A política dos coronéis, conforme Vitor Leal, era semelhante a política dos governadores:

Assim como nas relações estaduais - federais imperava a “política dos governadores”, também nas relações estaduais-municipais dominava o que por analogia se pode chamar ‘política dos coronéis’. Através do compromisso típico do sistema, os chefes locais prestigiavam a política eleitoral dos governadores e deles recebiam o necessário para a montagem das oligarquias municipais. Para que aos governadores, e não aos ‘coronéis’, tocasse a posição mais vantajosa nessa troca de serviços, o meio técnico-jurídico mais adequado foram justamente as limitações à autonomia das comunas (LEAL, 1997, p.102).

Em 1921 a sucessão presidencial se polarizava entre Artur Bernardes, candidato por São Paulo e Minas Gerais, e Nilo Peçanha, pelo Rio Grande do Sul, Bahia e Pernambuco na força de oposição denominada “Reação Republicana”. Artur Bernardes vence o pleito. Durante o seu governo (1922-1926) intensifica-se o tenentismo, que Fausto (1981, p. 56) percebe como um movimento político e ideologicamente difuso, de tendências reformistas autoritárias, de características marcadamente militares, sendo que,

na base da pequena vinculação com os meios civis, está um dos traços essenciais da ideologia tenentista: os tenentes se identificam como responsáveis pela salvação nacional, guardiões da pureza das instituições republicanas, em nome de um povo inerme. Trata-se de um movimento substitutivo e não organizativo de um povo (FAUSTO, 1981, p. 70).

Um novo levante tenentista ocorre em 1924 em São Paulo onde diversas unidades militares se rebelaram. Revoltosos de São Paulo exigiam a saída de Artur Bernardes, a formação de um governo provisório, eleição de uma Assembléia Constituinte e o voto secreto. Esta coluna de revoltosos iria se unir a de revolucionários chefiados por Luís Carlos Prestes, vindos do Rio Grande do Sul. O movimento passou a ser denominado Coluna Prestes. Com o final do governo em 1927 a coluna Prestes se desfez e seus líderes se refugiaram na Bolívia.

Washington Luís sucede Artur Bernardes em 1926. Em seu governo (1926-1929) foram construídas as rodovias Rio-São Paulo e Rio-Petrópolis. O seu lema era: “governar é abrir estradas”. Enquanto em 1928 o Brasil produzia uma safra recorde de café, a quebra na bolsa de valores de Nova Iorque em 1929 provocava uma crise mundial afetando os maiores importadores do café brasileiro, assim como, nosso mercado financeiro, o que desencadeou um recuo na política de proteção ao café. Outros estados reivindicavam mais atenção do governo com relação aos produtores de charque e arroz do Rio Grande do Sul e, de algodão, cacau e fumo no norte e no nordeste.

A sucessão de Washington Luís representou o fim da política do café-com-leite. O mineiro, Antônio Carlos de Andrada, candidato a sucessão presidencial, abriu mão de sua candidatura e organizou uma chapa de oposição ao paulista Júlio Prestes. Apoiavam para presidente o governador do Rio Grande do Sul, Getúlio Vargas, e para vice, João Pessoa, da Paraíba. Formaram a Aliança Liberal, e obtiveram apoio do Partido Democrático (PP) e de dissidentes do Partido Republicano Paulista (PRP). O programa da Aliança Liberal tinha como base as reivindicações quanto a regulamentação das leis do trabalho, o voto secreto, a instituição do voto feminino, a anistia a tenentistas condenados sem perder do horizonte a aspiração da classe média, e incentivo à produção nacional, sem os privilégios à oligarquia cafeeira.

Um golpe militar depôs Washington Luís. Getúlio Vargas assume o poder como líder civil da revolução de 1930 e irá governar o Brasil até 1934. Fausto considera:

Vitoriosa a revolução, abre-se uma espécie de vácuo de poder de força, de colapso político da burguesia do café e da incapacidade das demais frações de classe para assumi-lo em caráter exclusivo. O Estado de compromisso é a resposta para essa situação (FAUSTO, 1981, p. 114).

No discurso de posse (3 de novembro de 1930), Getúlio Vargas dizia que em toda a história política do país não tinha havido um acontecimento semelhante na afirmação positiva que teve o movimento revolucionário da nossa existência como nacionalidade, de expressão “viva e palpitante da vontade do povo brasileiro”. Enfatizava que “a Revolução escapou ao exclusivismo de determinadas classes. Todas as categorias sociais, de alto a baixo, sem diferença de idade ou sexo, comungam em um idêntico pensamento fraterno e dominador - a construção de uma pátria nova, geralmente acolhedora para grandes e pequenos, aberta a colaboração de todos os filhos” (Coletânea de documentos históricos. São Paulo, 1978). É criado em 1930 o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio cujo ministro era Lindolfo Collor.

A Constituição Brasileira de 1934, a terceira de nossa história, era inspirada na Constituição alemã de Weimar. Preservava o presidencialismo a independência dos três poderes, o voto feminino, o mandado de segurança garantindo os direitos do cidadão perante o Estado, a incorporação de uma legislação específica aos trabalhadores e fixava a eleição do primeiro presidente por voto indireto da Assembléia. Ficava proibida a diferença salarial por discriminação de sexo, idade, nacionalidade ou estado civil. Foram estabelecidos os salários mínimos regionais, a jornada de trabalho de oito horas, o descanso semanal, férias anuais remuneradas, indenização em caso de demissão por justa causa, regulamentação das profissões, proibição do trabalho a menores de catorze anos, proibição do trabalho noturno a menores de 16 anos.

A união de vários setores da sociedade cria em março de 1935 uma frente popular, a Aliança Nacional Libertadora. Participavam dela liberais, socialistas, comunistas, líderes sindicais, tenentes da ala reformista e de esquerda. Foi o primeiro movimento de massa, nacional, de caráter democrático, anti-imperialista e reformista. No entanto, em abril de 1935 foi aprovada uma lei de segurança nacional que entrou em vigor em julho com o governo fechando os núcleos da Aliança Nacional Libertadora que já contava com mais de 300 mil filiados em todo o Brasil.

A campanha sucessória para as eleições de 1938 tinha como candidatos Armando de Sales Oliveira, José Américo de Almeida e Plínio Salgado porém sofreram manobras para manter Vargas no poder. Para conseguir o continuísmo Vargas contou com o apoio dos generais Góes Monteiro e Eurico Gaspar Dutra. Setores governamentais diziam haver uma situação de pânico: o Plano COHEN - este que seria um golpe de estratégia comunista para a tomada do poder com previsão de assassinatos de líderes civis e militares. O Congresso declara Estado de Guerra e dá a Getúlio Vargas poderes excepcionais. Em 10 de novembro o Congresso é fechado. Comandos militares são substituídos. Governadores estaduais que apóiam o golpe passam a ser interventores federais. O Diário Oficial publica constituição outorgada suprimindo os partidos políticos e implantando o Estado Novo.

Getúlio Vargas, no pronunciamento implantando a ditadura em 30 de novembro de 1937, dizia:

A gravidade da situação, que acabo de descrever em rápidos traços, está na consciência de todos os brasileiros. Era necessário e urgente optar pela continuação desse estado de coisas ou pela continuação do Brasil. Entre a existência nacional e a situação de caos, de irresponsabilidade e desordem em que nos encontramos, não podia haver meio termo ou temporização (FARIA. 1984, p. 75).

Getúlio Vargas utilizava os Meios de Comunicação que mostravam-no como “pai dos pobres”. Foi criado o DIP (Departamento de Imprensa e de Propaganda) difundindo a propaganda oficial do governo e que também era encarregado de controlar através da censura os meios de comunicação. O DIP criou o programa radiofônico Hora do Brasil, para divulgar as ações do governo. Os comunistas que sofriam a repressão e as torturas por parte do governo eram considerados ameaça ao país. No discurso de lançamento da pedra Fundamental da Escola Militar em Resende, em 1938, Vargas dizia que:

O Estado Novo foi instituído por vós e, para sua sustentação, está empenhada nossa responsabilidade. O governo, instituído por um movimento que encontrou a maior ressonância na opinião pública do país e na adesão das suas classes populares, sente-se cada vez mais apoiado nas Forças Armadas, reivindicando, como o mais alto objetivo, o de emparelhá-las para que possam exercer sua grande missão cívica e moral. Ainda agora, as dificuldades surgidas pela influência de fatores sub-reptícios, originados de fora do País - dificuldades que não nos enchem mais de temores - demonstram, às evidências, até onde o regime vigente desorganizou e desarticulou os planos de ambição e de conquista (FARIA, 1984, p. 82).

O Estado Novo, em sua hegemonia se reivindicava como nacional. Conforme Carlos Mota nesta afirmação ideológica havia “um grão de verdade”:

O poder do Estado, sua consolidação no Brasil não significava a hegemonia política direta de nenhuma classe em particular. [...] Graças à instabilidade política e econômica em que se encontravam os grupos dominantes, antes do golpe, o Estado pôde se fortalecer, assumindo, não obstante, o papel de instrumento de realização de interesses já diferenciados: das oligarquias rurais, quer ligadas à exportação, quer ao mercado interno; da burguesia industrial, que ia se constituindo e se desenvolveu sob sua proteção. Quanto a esta última o governo antecipava soluções econômicas e políticas que objetivamente favoreciam condições de acumulação capitalista do Brasil desses efeitos, entretanto, permaneceram inconscientes seus principais beneficiários, os industriais em seu conjunto. Porque, tanto a consciência de seus interesses, quanto a sua prática política - enquanto classe - eram ainda rudimentares. Suas relações com o Estado se caracterizavam por compromissos e expectativas de vantagens individuais; estavam viciadas, também elas, por conteúdo paternalista (MOTA, 1984, p. 277).

Em 28 de junho de 1945, o General Eurico Gaspar Dutra que era Ministro na Pasta de Guerra pede através de uma carta dirigida ao Presidente Vargas seu afastamento para, poder concorrer à Presidência,

havendo aceito tão nobre quão distinguida prova de confiança das forças majoritárias do Brasil, cumpre-me, em conseqüência, o dever de iniciar, de logo, o acompanhamento de minha candidatura através dos Estados da Federação, tarefa por demais absorvente, que requererá não apenas todas as minhas horas de atividade como minha identificação com os problemas políticos em equação no âmbito de toda a Nação, impedindo-me de prosseguir no exercício normal de minhas funções ministeriais (VALE, 1978, p.112).

Em outubro de 1945 Vargas renuncia. No ano seguinte, assume a presidência o general Eurico Gaspar Dutra que obteve 55% dos votos. No plano econômico Dutra criou o Plano SALTE (saúde, alimentação, transporte, energia) representando um planejamento para a economia. (FAUSTO, 1995)

Legitimado pelo voto popular Vargas volta à presidência em 1951. É o início do período denominado “populismo” que irá até 1954, quando ocorre o golpe militar.

Em março de 1953 cerca de 300 mil operários, na cidade de São Paulo, entram em greve reivindicando aumento salarial e melhoria no custo de vida. O Ministro do Trabalho era João Goulart que em início de 1964, aumentava o salário mínimo em 100% no dia 1º de maio e conclamava os trabalhadores a mobilizarem-se e participarem da política nacional. Líderes da oposição antigetulista, entre eles Carlos Lacerda, indicavam pessoas ligadas ao governo como corruptas. Carlos Lacerda sofre um atentado que vitimou o major da aeronáutica Rubens Vaz. O principal suspeito é Getúlio Vargas. A conclusão do crime apontou o principal guarda-costas de Getúlio.

No dia 22 de agosto de 1954, oficiais da aeronáutica exigiam o afastamento do presidente, enquanto o exército e setores da sociedade assinavam manifesto pedindo o afastamento. No dia 24 o ultimato é entrega à Vargas pelo Ministro da Guerra, Zenóbio da Costa. A gravidade dos fatos fez com que Getúlio Vargas, isolado no Palácio do Catete, redigisse uma carta-testamento e se suicidasse. A presidência passa para o vice-presidente Café-Filho para cumprir o mandato até o final de 1955.

Lula, em entrevista para o jornal Gazeta Mercantil, em 1979, revelava o que representou o período de 1956 a 1964 em relação a democracia:

Temos de tomar cuidado para que quando empregarmos essa palavra (democracia) ela não fique apenas para uma classe de elite, mas que a democracia atenda aos interesses de todos os cidadãos brasileiros. Vamos pegar o período em que houve mais abertura no Brasil, isto é, de 1956 a 1964. A classe média estava numa boa situação. E o trabalhador? Onde estava? O trabalhador era chamado de comunista do mesmo jeito, tomava bala, ia preso. Eu participei de uma greve em 1963, com a mulher, e tomamos tanta borrachada como agora na Revolução. Isto aqui em São Paulo, na Vila Carioca.

Aí é que me preocupa a questão da democracia. Ela precisa vir, mas de forma que atinja a todos os setores da sociedade. E não aquela que delimita a sociedade e privilegia alguns setores [...] O povo brasileiro só vai se preparar para a democracia vivendo a democracia. Não é uma ditadura que vai preparar para a democracia, certo? (LULA, 5 de abril de 1979).

O PSD e PTB lançam Jucelino Kubitschek para a presidência e João Goulart para vice. Concorrendo contra os candidatos Juarez Távora da UDN em acordo com o Partido Democrata Cristão (PDC) e contra Ademar de Barros e Plínio Salgado é Jucelino o eleito. A política de Jucelino Kubitschek (1954-1961) privilegiou o setor industrial. A política econômica tinha por base a realização de investimentos diretos, abertura ao capital estrangeiro e intensa emissão monetária, a qual acabou por agravar o processo inflacionário com a decorrente dependência externa. A expansão do capital estrangeiro no país ocasionou a desnacionalização econômica com empresas estrangeiras tomando o controle das principais indústrias do país e remetendo seus lucros ao exterior.

O governo de Jucelino era definido por ele como: “Cinqüenta anos de progresso em cinco de governo”. E o Plano de Metas previa o desenvolvimento da indústria de base e investimentos em aço, alumínio, metais não ferrosos, cimento, celulose, borracha, equipamento elétrico, construção naval, maquinaria pesada e equipamento elétrico. Conforme Benevides (1979), a industrialização desenvolveu-se com dependência das empresas estrangeiras, vinculando o capital nacional aos interesses externos e as suas flutuações e instabilidades. Os Estados Unidos e outras potências capitalistas, após a Segunda Guerra Mundial começaram a instalar indústrias, empresas no Brasil e em outros países pouco desenvolvidos, as quais recebiam a denominação de multinacionais. Nas obras públicas destaca-se a construção de Brasília, projetada pelo arquiteto Oscar Niemayer e pelo urbanista Lúcio Costa. Outras importantes criações do governo Jucelino: o Grupo de estudos da Indústria Automobilística (GEIA) e a Superintendência para o desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) e o Grupo Executivo da Indústria da Construção Naval (GEICON).

A sucessão teve como candidatos, Jânio Quadros pela UDN, Marechal Henrique Teixeira Lott, apoiado pelo PTB e PSB e Ademar Barros pelo PSP. A vitória de Jânio Quadros trazia a proposta de uma política interna independente dos Estados Unidos e, novamente, a vice-presidência do Brasil com João Goulart, do PTB.

Entre os atos do governo de Jânio, estão o restabelecimento das relações diplomáticas com a União Soviética e condecoração com a Ordem do Cruzeiro do Sul, ao líder da Revolução Cubana Ernesto Che Guevara. O presidente é acusado de estar planejando um Golpe de Estado. Sem encontrar apoio, nem mesmo nas massas populares ou na esquerda, acaba renunciando com apenas sete meses de

mandato. Dizia estar sendo ameaçado por “forças terríveis”. Para que o vice-presidente, João Goulart (Jango) assumisse o Congresso aprovou um ato institucional estabelecendo o sistema parlamentarista de governo, que era a condição para sua posse.

João Goulart convocou um plebiscito para 6 de janeiro de 1963 para decidir se mantinha o sistema parlamentarista ou voltava ao presidencialismo. Como resultado o retorno ao presidencialismo e, conseqüentemente, um maior poder para Jango.

A elaboração do Plano Trienal pelo governo, conforme Skidmore (1969) visava combater a inflação e efetivar o desenvolvimento econômico. Na política econômica nacionalista Jango criou leis que limitavam a remessa de lucros para o exterior pelas multinacionais, punia os excessos do poder econômico, monopolizava a importação de petróleo, encampavam as refinarias particulares. Os setores empresariais cada vez mais descontentes com a política econômica enquanto os movimentos populares queriam ver as medidas econômicas concretizadas João Goulart criou uma lei que implantava o 13º salário. Quando o Congresso recusou-a e os trabalhadores protestaram entrando em greve. No seu programa de reformas de base estava presente a reforma agrária, com a divisão dos latifúndios. Na reforma eleitoral o voto aos analfabetos, a reforma universitária com a ampliação do número de vagas nas faculdades públicas.

Em um comício em 13 de maio de 1964, no Rio de Janeiro, em frente a Estação da Estrada de Ferro Central do Brasil, aproximadamente 300 mil trabalhadores saudavam João Goulart. Ele decretava a nacionalização das refinarias particulares de petróleo, desapropriava terras à margem das ferrovias e rodovias e em zonas de irrigação de açudes públicos. Na convocação para o comício da Central do Brasil em apoio às reformas de base “os trabalhadores e o povo em geral” eram:

conclamados para essa demonstração cívica de unidade e patriotismo, na defesa das soluções populares e nacionalistas e de que, de sua mobilização depende o êxito de qualquer programa que vise ao atendimento das necessidades sociais e aos supremos interesses da Nação, como a reformulação da política econômico financeira e de medidas outras que conduzam ao fortalecimento do monopólio estatal do petróleo e a ampliação da Petrobrás, e a efetivação da reforma agrária como a declaração de utilidade pública ou de interesse social para efeito de desapropriação e entrega aos camponeses sem terra, das áreas não aproveitadas, à margem dos açudes, ferrovias e rodovias, cujo Decreto

deverá o presidente da República assinar na oportunidade daquele ato público. Tudo pela concretização das reformas de base! Tudo pelas liberdades democráticas e sindicais! Todos à convocação popular do dia 13 de março, às 17:30 horas, na praça da República! (COSTA, 1981, p. 143).

A burguesia e os proprietários rurais, uma semana após esta manifestação popular, demonstravam sua insatisfação com a direção que o destino do país estava tomando e realizaram juntamente com grupos conservadores da igreja e do empresariado a Marcha da Família com Deus e pela Liberdade. Serviu como início de um movimento que vinha sendo idealizado por grupos oficiais das Forças Armadas e por setores civis conservadores. Um movimento político-militar liderado pelos militares Luís Carlos Guedes e Olímpio Mourão Filho e recebia o apoio dos governadores Magalhães Pinto de Minas Gerais e de Carlos Lacerda, da Guanabara (Rio de Janeiro), teve início em 31 de março culminando na deposição de Jango em 1º de abril de 1964.

No dia 2 de abril, João Goulart se exila no Uruguai. É o início da República Militar, em outras palavras, da Ditadura Militar. Este seria o fim de um período iniciado em 1956 e considerado por Lula como o de maior abertura no Brasil, do qual ele fala durante uma entrevista em 1979, estabelecendo um paralelo entre este período positivo para o país e o que significa para ele a democracia:

Temos de tomar cuidado para que quando empregarmos essa palavra (democracia) ela não fique apenas para uma classe da elite, mas que a democracia atenda aos interesses de todos os cidadãos brasileiros. Vamos pegar o período em que houve mais abertura no Brasil, isto é, de 1956 a 1964. A classe média estava numa boa situação. E o trabalhador? Onde estava? O trabalhador era chamado de comunista do mesmo jeito, tomava bala, ia preso. Eu participei de uma greve em 1963, com a mulher, e tomamos tanta borrachada como agora na Revolução. Isto aqui, em São Paulo, na Vila Carioca. Aí é que me preocupa a questão da democracia. Ela precisa vir, mas de forma a que atinja a todos os setores da sociedade. E não aquela que delimita a sociedade e privilegia alguns setores. [...] O povo brasileiro só vai se preparar para a democracia vivendo a democracia. Não é uma ditadura que vai preparar para a democracia (LULA, 05 de abril de 1979).

O populismo presente na Era Vargas, a partir de 1930, cedia lugar à repressão. E, quanto a esse populismo, Otávio Ianni ressalta que enquanto pouco a pouco formalizava-se o mercado de força do trabalho no mundo urbano-industrial

em expansão, as massas passavam a desempenhar papéis políticos reais, ainda que secundários:

Assim, pode-se afirmar que a entrada das massas no quadro das estruturas do poder é legitimada através dos movimentos populistas. Inicialmente esse populismo é exclusivamente Getulista. Depois adquire outras conotações e, também, denominações, Borguismo (sic), queremismo, Jucelinismo, Janguismo e trabalhismo são algumas das modulações do populismo brasileiro. No conjunto, entretanto, trata-se de uma política de massas específica de uma etapa de transformações econômico-sociais e políticas no Brasil. Trata-se de um movimento político antes do que um partido político. Corresponde a uma parte fundamental das transformações verificadas nos setores industrial e, em menor escala, agrário. Além disto, está em relação dinâmica com a urbanização e os desenvolvimentos do setor terciário da economia brasileira. Mais ainda, o populismo está relacionado tanto com o consumo em massa como com o aparecimento da cultura de massa. Em poucas palavras, o populismo brasileiro é a forma política assumida pela sociedade de massas do país (IANNI, 1975, p. 207).

Nos 21 anos da ditadura, a economia brasileira evoluiu ao mesmo tempo em que aumentou a dependência com relação ao capital estrangeiro e que causou o sacrifício das classes populares. O país viveu um modelo econômico concentrador de rendas e aberto ao capital internacional. O primeiro presidente militar, Marechal Castello Branco tinha como prioridade de seu governo o crescimento acelerado da economia. Optou pelo modelo com base em concentração de renda, criação de renda, criação de um amplo crédito ao consumidor, abertura da economia brasileira às exportações e aos investimentos estrangeiros no país. Assim, com esses aspectos a economia de 1969 a 1973 estava em um período chamado Milagre Econômico. Castello Branco alterou a legislação de remessas de lucros facilitando às multinacionais o repatriamento dos recursos ao mesmo tempo em que estimulava investimentos no país, favorecendo a instalação de multinacionais e captação de recursos no exterior.

Castello Branco que assumiu o poder através do AI-1 (Ato Institucional nº1) no qual o Alto Comando Militar da Revolução, preparou a sua eleição indireta para presidente, a extinção dos partidos (no momento em que surge a ARENA - Aliança Renovadora Nacional - e o MDB - Movimento Democrático Brasileiro) e a intervenção nos Estados, onde os chefes estaduais do executivo eram indicadas pelo governo federal ou pelos governos estaduais.

Quanto ao momento da criação da Arena e do MDB e o desempenho dos dois partidos até 1979, Lula, em entrevista para a Revista Playboy, considera que:

Arena e MDB são duas coisas criadas para dar sustentação ao governo: brincando de ser contra e brincando de ser a favor. No fim, os dois tem os mesmos interesses. Veja, por exemplo, em nossa greve. Sabe que nenhum dos dois partidos se manifestou? Como se não estivesse acontecendo nada [...]. Nos grandes momentos brasileiros os dois partidos se omitem (MACHADO, 1979, p.15).

A repressão era evidente nas intervenções nos sindicatos, nos atos institucionais e em órgãos públicos. E casos de tortura já existiam embora não tivessem se tornado sistemáticos.

No governo Castello Branco (1964-1967) foi redigida através do AI-4 uma nova Constituição com características autoritárias e expediu a Lei de Segurança Nacional a qual regulamentava todas as atividades e setores da sociedade, com severas punições para transgressores. - Em 1980, Lula considerava que “os ideais de Castello Branco eram melhores do que os dos generais que o sucederam”. (Revista Especial, n. 5, abril de 1980, entrevista a Xênia Bier).

Para a sucessão o marechal Costa e Silva foi indicado pelos militares para a presidência no referendo pelo Congresso em eleição indireta obtendo 295 votos da Arena e em protesto houve por parte dos parlamentares do MDB a sua retirada do Congresso. Costa e Silva reafirmou as propostas de democracia e desenvolvimento feitas por Castello Branco em setembro de 1967.

Carlos Lacerda, colaborador do golpe de 64, se dizia arrependido do apoio aos militares, juntamente com Juscelino Kubitschek lideraram a formação da Frente Ampla. Exigiam uma Assembléia Constituinte, eleições diretas, anistia de políticos como João Goulart que estava exilado no Uruguai.

Em 1968, a oposição está fortalecida e as suas manifestações terão como auge a passeata dos cem mil na cidade do Rio de Janeiro. Várias greves eram deflagradas. A maior greve dos operários após o golpe de 64 ocorreu em abril de 1968 em Contagem, Minas Gerais, onde, de 20 mil operários 15 mil aderem à greve. No mês de julho, das onze principais indústrias de Osasco, em São Paulo, seis paralisaram. Os operários foram vítimas de violenta repressão, sendo quatrocentos

presos. O governo cria um decreto lei proibindo a atuação da Frente Ampla tornando ilegais as suas passeatas, comícios, reuniões e publicações políticas.

A efetiva implantação da ditadura ocorre em dezembro de 1968 quando o Congresso é fechado e é editado o AI-5. O executivo outorga-se o direito de fechar o Congresso Nacional, as Assembléias Legislativas e as Câmaras de Vereadores. Passa a poder cassar mandatos parlamentares e direitos políticos. Passa a legislar sobre qualquer matéria podendo o presidente demitir, aposentar ou transferir para a reserva funcionários públicos ou militares. Os direitos individuais são cerceados e os órgãos de repressão passam a prender sem mandados judiciais e também torturar e assassinar opositores.

Em agosto de 1969, Costa e Silva fica doente e, impossibilitado de governar. Seu vice, o civil Pedro Aleixo, contrário ao AI-5, não pôde assumir a presidência por ter sido constituída uma junta de militares. O indicado é o general Emílio Garrastazu Médice. Conforme Edvaldo Vieira (1985), este mandato se tornou o período mais repressivo dos governos militares. O modelo econômico adotado causou crescimento de 7 a 12 % ao ano. Os empresários do país e do exterior ficaram eufóricos com a situação do Brasil. Os meios de comunicação divulgavam um “Milagre Brasileiro” (1969-1973). A classe média vivia um período com oportunidades de emprego, aumento do crédito ao consumidor e conseqüentemente o padrão do consumo devido ao crescimento das multinacionais no país. O slogan governamental da década de 70 “Brasil, ame-o ou deixe-o”, a conquista do Campeonato Mundial, em 1970, a construção de obras monumentais como a rodovia Transamazônica, a ponte Rio-Niterói, a Hidrelétrica de Ilha Solteira colaboraram para reforçar o ufanismo. Porém, as camadas populares pouco se beneficiaram com o crescimento do país, e em 1975, o Banco Mundial afirmava serem 70 milhões de desnutridos no país.

O país do AI-5 é definido por Edvaldo Vieira como um Brasil com marcas indestrutíveis:

Dessas marcas não devemos esquecer as missões sem acusação formal e sem mandado, além dos graves abusos do poder e das torturas praticadas em presos. O clima de uma época é retratado de infinitos modos, mas há acontecimentos que a singularizam. O ato institucional nº 5 aniquilou as duas principais instituições políticas que foram geradas pelo próprio movimento de 1964: os partidos (Arena e MDB) e a Constituição de 1967 (VIEIRA, 1985, p. 124).

A sucessão presidencial de 1973 teve como indicado pelos militares o general Ernesto Geisel, da Arena, enquanto o MDB, em protesto, indicava Ulisses Guimarães, com uma propaganda pela democracia. O candidato militar, Geisel, vence prometendo retorno à democracia de forma “lenta, gradual e segura”.

Foram realizadas eleições, em novembro de 1974, para as Assembleias Legislativas Estaduais e para o Congresso Nacional, com vitória expressiva do MDB. Porém, em 1976 e 1977, Geisel cassou os direitos políticos de muitos parlamentares do MDB. No mês de abril de 1977 promulgou o pacote de abril, que estabelecia mandato de seis anos para presidente, continuidade das eleições indiretas para governador, um terço das vagas do Senado para nomes indicados pelo governo (senadores “biônicos”), diminuição da representação dos Estados mais populosos no Congresso Nacional são retomadas.

Em 1979, ao ser entrevistado pela Revista Isto é, Lula diz que:

O Presidente Geisel quando assumiu o mandato conseguiu captar o que a sociedade queria. E expressou suas intenções através da palavra distensão. Naquela época já havia reclamos da sociedade, que saía do mundo de mentiras que foi o governo do General Médice. São dessa época as divergências dentro do próprio sistema, e o próprio ministério de Geisel começou a levantar algumas denúncias em relação ao ministério anterior. É só lembrar as denúncias do ministro da Fazenda, Delfim Neto [...]. Enfim, quando ele assumiu já havia uma pressão da sociedade para que as coisas começassem a mudar. Ele conseguiu absorver um pouco do reclamar da sociedade nas eleições de 1974, quando muita gente queria que fossem eleições fechadas. O presidente garantiu as eleições, talvez não por vontade própria, mas porque a sociedade já exigia aquele comportamento de quem quer que fosse o presidente da República (LULA, 21.02.1979).

Em 1977, são retomadas passeatas estudantis em São Paulo e, posteriormente, em outros estados. E em maio de 1978, na região industrial da grande São Paulo, os trabalhadores se mobilizam sob a liderança de Luís Inácio da

Silva, e entram em greve. É o início do sindicalismo combativo e das grandes greves no ABC paulista. Lula estabelece uma importância à greve:

Acho que todos os setores deveriam, quando necessário, fazer greve porque todos os setores têm empregadores e trabalhadores e em todos existem relações sociais. Se ficarmos à favor dessa idéia de que determinados setores não podem parar, porque são prioritários, cairemos numa esparrela. Pode ser que amanhã o governo passe a considerar um automóvel um produto essencial à nação e aí os trabalhadores da indústria automobilística não poderiam fazer greve [...]. Então, acho que a condição *sine qua non* para o direito de greve é apenas a existência de trabalhadores e empregadores (LULA, 10.04.1978)

E com relação ao trabalho realizado pela diretoria do sindicato, Lula diz não ser direcionado pelo pensamento de nenhum intelectual, filósofo:

O que mais orientou o comportamento da diretoria do sindicato de São Bernardo foi a própria experiência que vivemos como trabalhadores e como explorados. Por isso, talvez nossa luta não tenha paralelo com nenhum pensador. O nosso negócio é a prática mesmo. Se vocês forem a São Bernardo e conversarem com 100 trabalhadores, perceberão que o pensamento deles é o mesmo, a forma de lutar é a mesma, porque cada um vem para o sindicato com a sua vida prática de trabalhador. E em nome dessa vida prática é que ele propõe a sua atuação. [...] lidando comigo, qualquer pessoa de bom senso sabe com quem está lidando. Sabem que eu sou intransigente, sabem que não aceito que se discutam ideologias na apreciação de uma pauta de reivindicações dos trabalhadores e sabem que não falo escondido, em recinto fechado, que só falo publicamente. E acho que sabem que é mais fácil lidar com uma pessoa assim porque sabem com quem estão lidando (LULA, 05.04.1979).

No último ano de governo Geisel, há a revogação do AI-5, mas faz constar na constituição a possibilidade do governo decretar estado de sítio sem aprovação do Congresso Nacional.

O general João Batista Figueiredo (1979-1985), que havia sido indicado por Geisel para fazer parte de governo no comando do SNI, foi indicado pela Arena à sucessão presidencial de Geisel enquanto o MDB indicava o general Eules Bentes Monteiro, defensor da rápida redemocratização. O Congresso nacional ratifica o candidato oficial. Na sua plataforma Figueiredo apresenta como propostas a diminuição dos gastos públicos, a desestatização da economia, dar continuidade à

abertura política. É deste momento político a afirmação de Lula a respeito de qual dos dois seria o seu candidato ideal:

Eu acho que o candidato ideal à presidência da República seria aquele que, escolhido no meio do povo, fosse eleito pelo voto livre e direto da nação. Como trabalhador que sou, impossibilitado de escolher o presidente da República, faço votos que o colégio eleitoral escolha o melhor dentre os dois candidatos indiretos (BITTENCOURT, 1978, p.13).

A sociedade, conforme Fausto (1995), pressionava para a volta do Estado de Direito. Os números da economia revelam o aprofundamento da crise: inflação anual atinge a casa dos 200%, o índice de desemprego chega a 20% da mão de obra ativa. A dívida externa que seria negociada com o FMI chega a mais de 100 milhões de dólares. Com a liberdade de imprensa são noticiados escândalos financeiros envolvendo autoridades do governo. Neste clima inflacionário vigente na época Lula revela sobre a sua inconformidade com a política econômica do país:

Depois de 15 anos de regime autoritário o país se encontra num caos econômico. Isso quer dizer que quem governou foi irresponsável e incapaz. Jogaram tantas vezes a culpa da inflação na classe trabalhadora, em cima dos salários, e agora, depois de 15 anos de arrocho salarial, a inflação continua crescendo como nunca. O governo precisa tomar coragem e enfrentar os banqueiros, os especuladores. Isso é o que causa a inflação, e não o salário. Porque o salário só é inflacionário quando se sobrepõe a produção. O governo não sabe ou não quer atacar o lugar certo. Outro dia soltou um pacotinho, mas não atacou os banqueiros que são a causa da inflação (MACHADO, 1979, p.15).

Os metalúrgicos do ABC, em março de 1979, voltam a entrar em greve conseguindo a mobilização de 180 mil operários. O governo federal interveio no sindicato e destituiu as lideranças na luta contra o regime autoritário.

Em 1979, Lula fala da sua liderança política:

Em vários momentos me senti como verdadeiro líder. Principalmente quando os trabalhadores me carregaram nas costas, fizeram música para mim [...]. Mas acho que ainda falta muito para eu ser um verdadeiro líder, o cara que esteja encarnado com os trabalhadores e com quem os trabalhadores se encarnem. Mas acho que a gente não está muito longe disso. E foi por isso que aconteceu a intervenção no sindicato. Um governo que em nenhum momento tem condições de assumir a liderança, em que a maioria dos representantes são biônicos - senadores, governadores, prefeitos -, um governo que em 15 anos não conseguiu fazer um líder, tem muito medo de um peão que de repente aparece com espírito de liderança. É por isso que muita gente do poder está rezando para que minha cabeça role (MACHADO, 1979, p.15).

Quanto ao espaço conquistado por Lula nos jornais e a importância disso, ele revela:

É fácil a gente entender que só vai ganhar espaço nos jornais quando você mesmo procura virar notícia [...]. O que acontece até agora é que a maioria dos dirigentes sindicais têm medo de falar com jornalista [...]. Comecei a ter muitos contatos com jornalistas e comecei a enfrentar a imprensa como ela deve ser enfrentada: sem medo, sem nenhum objetivo de me tornar vedete ou coisa parecida (MESQUITA, 1978, p.21).

A Lei de Anistia, proposta por Figueiredo, é aprovada, sendo que no início de 1980 os presos políticos foram libertados. São extintos no final de 1979 a Arena e o MDB objetivando uma reforma partidária que excluía os partidos comunistas. São criados o PDS (Partido Democrático Social - antiga Arena). O PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro - continuidade do antigo MDB), o PDT (Partido Democrático Trabalhista), liderado por Leonel Brizola. O PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) e PT (Partido dos Trabalhadores).

A idéia da criação do Partido dos Trabalhadores, para Lula,

além de pretender educar politicamente os trabalhadores, tem como proposta fazer a classe trabalhadora participar da vida política brasileira. É radical na medida em que a classe trabalhadora assume, na realidade, a sua primeira proposta política neste país [...] a proposta do PT tende a ser mais radical porque é real. Em primeiro lugar porque humildemente nós não queremos co-gestão, mas simplesmente liberdade e autonomia sindical. Em segundo lugar, não queremos ser populares apenas em palavras, queremos ser o resultado da vontade de um povo. Em terceiro lugar não queremos que um partido político seja transformado em sindicato, nem queremos que um sindicato seja transformado em partido. E, finalmente, não queremos que o trabalhador se contente com um líder de elite, queremos despertar na cabeça do trabalhador o desejo da conquista de uma vaga (LULA. 20/02/1980).

As lideranças Sindicais de todo o país reuniram-se em agosto de 1981 no litoral de São Paulo para a primeira Conferência Nacional das Classes Trabalhadoras. (CONCLAT). Algumas das resoluções tomadas defendiam a liberdade e autonomia sindical, liberdade de organização política e pela não-realização de acordos com o FMI, fim da política econômica.

Em 1984, é feito um comício pela Campanha das Diretas Já que mobilizou de Norte a Sul milhões de pessoas. E a eleição de Tancredo Neves em 1985 derrotando Paulo Maluf no Colégio Eleitoral colocava fim aos 21 anos do regime militar. Tancredo Neves não toma posse. Adoece e necessita passar por intervenções cirúrgicas que se mostraram ineficazes. Ele vem a falecer em 21 de abril. O vice-presidente, José Sarney, assume, e seu governo fica marcado pela troca de Ministros da Fazenda ocorrida por quatro vezes, e, pelos diferentes planos econômicos (1986 - Plano Cruzado, com a criação da moeda “cruzado”, 1987 - Plano Bresser e 1989 - Plano Verão e a troca da moeda para “cruzado novo”), recordes da inflação chegando aproximadamente a 1000 % ao ano. O presidente da Assembléia Constituinte Ulisses Guimarães em 5 de outubro de 1988, declarou promulgada a nova Constituição, chamada Constituição Cidadã (FAUSTO, 1995).

As eleições presidenciais de 1989, eleições diretas, tiveram representantes de vários partidos políticos: o PSDB com Mário Covas, PDS com Paulo Maluf, PCB com Paulo Freire, PMDB com Ulisses Guimarães, PRN com Fernando Collor de Mello. A eleição vai para segundo turno com Lula e Fernando Collor. A vitória é de Collor que durante sua campanha se intitulava “Caçador de Marajás”. Denúncias de corrupção atingem o seu governo, envolvendo o ex-Ministro do Trabalho e Previdência Social, Antônio Rogério Magri; da Saúde, Alceni Guerra e da Economia, Zélia Cardoso de Mello. O irmão de Fernando Collor, Pedro Collor, faz em maio de 1992, uma denúncia de irregularidades cometidas pelo empresário Paulo César Farias que havia sido ex-tesoureiro da campanha presidencial. Fernando Collor é afastado da presidência através de *impeachment*. Itamar Franco, vice-presidente, assume o poder e em 1995 irá passar a faixa presidencial. O sucessor, Fernando Henrique Cardoso (PSDB - Partido da Social Democracia Brasileira), elege-se no 1º turno com aproximadamente 55% dos votos válidos. Concorreram contra ele Luís Inácio Lula da Silva, com 27% dos votos.

Fernando Henrique Cardoso deu continuidade ao Plano Real que havia sido idealizado por ele enquanto ministro da Fazenda do governo de Itamar Franco. Por

dois anos o Plano Real obteve êxito. No seu discurso de posse Fernando Henrique revela acreditar que o Brasil tem um lugar reservado entre os países bem sucedidos do planeta no próximo século: “Estou convencido de que os únicos obstáculos importantes que nós enfrentaremos para ocupar esse lugar vêm dos nossos desequilíbrios internos das desigualdades extremas entre regiões e grupos sociais” (Fernando Henrique Cardoso: discurso de Posse no Congresso Nacional Brasileiro, 1 de janeiro de 1995).

No ano de 2002, ao concorrer pela quarta vez à Presidência, Luiz Inácio Lula da Silva vence com 52,4 milhões de votos, a maior votação já recebida por um homem público no país. Em seu Discurso de Posse enfatiza o que se pretendia, ser um diferencial do PT e do governo Lula:

O combate à corrupção e a defesa da ética no trato da coisa pública serão objetivos centrais e permanentes do meu governo. É preciso enfrentar com determinação e derrotar a verdadeira cultura da impunidade que prevalece em certos setores da vida pública.

Não permitiremos que a corrupção, a sonegação e o desperdício continuem privando a população de recursos que são seus e que tanto poderiam ajudar na sua dura luta pela sobrevivência.

Ser honesto é mais do que apenas não roubar e não deixar roubar. É também aplicar com eficiência e transparência, sem desperdícios, os recursos públicos focados em resultados sociais concretos.

Essas expectativas foram frustradas através de vários escândalos políticos e financeiros envolvendo o governo Lula, como o Caso Palocci e o Escândalo do Mensalão. Porém, sua imagem permaneceu “blindada”, seus índices de popularidade se mantiveram positivos, enquanto que o Partido dos Trabalhadores enfrentou uma forte crise. Em 2006, concorrendo à reeleição e tendo como seu adversário mais forte Geraldo Alckmin, Lula vence em segundo turno. Novos escândalos envolvem seu governo, entre eles, em 2008 o Escândalo dos Cartões Corporativos com gastos do governo fora das suas finalidades, mas em gastos particulares. Com o escândalo surge a possibilidade de quebra de sigilo das contas de Lula e da primeira dama. Para sair da situação incômoda surge um dossiê das contas de Fernando Henrique Cardoso e da primeira dama, Ruth Cardoso. Lula tenta desmentir que partiu de seu governo, mas as evidências mostram o envolvimento do ministério de Dilma Russef, forte candidata às eleições

presidenciais de 2 010, pelo PT. Durante esse período do escândalo dos cartões corporativos e do aparecimento dos gastos de Fernando Henrique em seu governo o índice de popularidade de Lula ainda aumentou, chegou a 70%, o maior desde sua eleição em 2003. No governo Lula a população tem mostrado uma memória seletiva: a realidade que conta é dos projetos Fome Zero, Bolsa Família e outras ações assistenciais. Os escândalos, a corrupção não aderem à sua imagem, parecem estar dissociados de qualquer realidade envolvendo ele e seu governo.

Mas, talvez em um trecho do discurso de posse do 2º mandato possamos notar a força da popularidade de Lula sobre as crises de seu governo, o Lula vitorioso frente às dificuldades da vida:

Pela primeira vez, um homem nascido na pobreza, que teve que derrotar o risco crônico da morte na infância e vencer, depois, a desesperança na idade adulta, chegava, pela disputa democrática, ao mais alto posto da República. Pela primeira vez, a longa jornada de um retirante, que começara, como a de milhões de nordestinos, em cima de um pau-de-arara, terminava, como expressão de um projeto coletivo, na rampa do Planalto.

### **2.2.1 Lula: a trajetória de um líder**

Luiz Inácio da Silva nasceu em Caetés, Pernambuco, em 1945. Da infância, trouxe o apelido de Lula, depois incorporado ao próprio nome, passando a se chamar Luiz Inácio Lula da Silva. Conforme Denise Paraná (2002), a mãe, Eurídice Ferreira de Mello, “dona Lindú”, e o pai Aristides Inácio da Silva, tiveram doze filhos, tendo sobrevivido apenas sete. Em 1948, quando faltavam apenas três meses para o nascimento de Lula o pai deixa a família e vai tentar melhores condições em São Paulo, fato comum nas décadas de 40 e 50, quando muitos nordestinos migravam em busca de melhores condições. Lula só viria a conhecer o pai, aos 5 anos de idade, quando ele retorna a Garanhuns (Caetés). Dessa visita, ele leva o filho Jaime para São Paulo e deixa a esposa novamente grávida. Em 1952, dona Lindú, a convite de seu filho Jaime, que dizia que o pai estava chamando a família, também vai morar em São Paulo, na cidade de Santos. Ao chegarem à casa de Aristides - que trabalhava como carregador de sacas de café das Docas de Santos -

descobrem que ele tem outra mulher, uma prima de sua esposa, que viera junto com ele, em 1948, morar em São Paulo. Dessa união tem mais treze filhos. A situação decepciona Lula. Aristides arruma outra moradia para dona Lindú, que, grávida, ainda precisava cuidar de seus seis filhos. Apesar de todas as dificuldades encontradas, a mãe de Lula, consegue fortalecer a sua família, com sua vontade de viver e com sua esperança nesse recomeço em São Paulo (PARANÁ, 2002).

A esse respeito, Brito Alves (2003) ressalta que o migrante é quase sempre um indivíduo incomum, que tem coragem, para romper relações com os amigos, com a terra e com o ambiente em que nasce e vencer as emoções do rompimento com o passado: “não se deixa deprimir ou derrotar pelas dificuldades. O desafio, mais do que a fuga, é o combustível que alimenta a sua jornada. Os covardes não emigram” e, para Denise Paraná (2003), dona Lindú “começou a se transformar no símbolo da nordestina pobre, excluída, mas resistente e heróica, a qual Lula dedicaria pela vida afora um misto de admiração e respeito”. Enquanto a mãe incentivava os filhos a estudar, o pai tentava proibi-los de ir à escola. Lula conseguiu vencer essa resistência e estudou até a 5ª série. No momento da sua eleição à Presidência da República, Lula diz emocionado: “Queria que minha mãe estivesse aqui”.

A vida familiar de Lula com a sua primeira mulher, Maria de Lourdes, uma tecelã, que ele conheceu em 1969, no sindicato teve um desfecho trágico: Em 1971, grávida, de oito meses, é internada no hospital. Ela contraíra hepatite, não diagnosticada a tempo de salvar ela e o bebê. “Fui levar a roupinha da criança para o hospital. Minha mulher estava morta, meu filho também. Isto marcou muito a minha vida”, comenta Lula (ALVES, 2003, p. 22). Este momento representaria o início de seu engajamento sindical e da carreira política. O episódio fez Lula perceber que outras famílias operárias viviam dramas semelhantes, por falta de assistência médica, má distribuição de renda ou, pela exclusão dos pobres. Enquanto a mãe cuidava da casa, lavava roupa para fora, e fazia tapioca, para Lula e seu irmão Ziza (“Frei” Chico) venderem na rua, as irmãs trabalhavam com empregadas domésticas, o irmão mais velho trabalhava com coveiro, Jaime vendia sardinhas, Vavá trabalhava em um bar. Nessa época eles mudaram para uma casa um pouco melhor do que a anterior que era nos fundos de um bar com apenas um quarto e cozinha, sendo que o banheiro para eles utilizarem era o mesmo dos freqüentadores do bar. “No quarto dormiam minha mãe, minhas irmãs caçulas, eu e Ziza. Na cozinha os outros irmãos e meus primos”, diz Lula (MOREL, 1981, p. 27).

Lula começa a trabalhar de engraxate e, depois, em uma tinturaria, onde entregava roupa, ajudava a colocar na máquina, passava escova, com sabão nas peças. Lula chega à 5ª série, enquanto os irmãos param de estudar na 3ª série. Em 1958, ele entra no admissão. Aos 14 anos, ele, a pedido de sua mãe, faz um teste para trabalhar na Fábrica de Parafusos Marte, que estava admitindo menores que desejassem cursar o SENAI. Aprovado, Lula começa a aprender a profissão de torneiro mecânico - era agosto de 1960. Quando se forma no SENAI, em 1964, ele vai ao dono da fábrica e pede aumento: “Eu disse para ele que já estava formado e ganhava pouco, e que tinha um velhinho atrás de mim que produzia menos que eu e ganhava o dobro. O dono da fábrica falou para mim: “A gente gastou dinheiro para ensinar você e agora você vai ter de trabalhar barato para retribuir os ensinamentos que nós demos” (MOREL, 1981, p. 33). A resposta dele foi pedir a conta.

Lula consegue emprego na Metalúrgica Independência, onde numa noite, final de 64, ocorre o acidente no qual ele perde o dedo mínimo da mão esquerda: o parafuso de uma prensa quebra. Ele faz outro parafuso e, quando vai colocá-lo, o prensista se distrai e larga o braço da prensa, que fecha no dedo de Lula. Com o dinheiro da indenização, ele compra o primeiro terreno e alguns móveis para a casa. Trabalha 11 meses nessa metalúrgica. Novamente pede as contas.

O irmão, que mais convivia com Lula, era José Ferreira da Silva (o Ziza ou, “Frei” Chico). Eram companheiros inseparáveis. Desde rapaz, ele militava em sindicato. Era comunista, do PCB. O apelido “Frei” Chico veio dos trabalhadores do Sindicato de São Bernardo do Campo por acharem que ele tinha cara de padre. Com pontos de divergência com relação às idéias de Lula e, também, a alguns posicionamentos: ele criticava a atuação de Lula na greve de 80, por não tê-la levado adiante e depois, pela fundação do PT. Para “Frei” Chico Lula deveria ter se dedicado cada vez mais ao Sindicato como contraponto ao poder (PARANÁ, 2002).

Em 1965, conforme Denise Paraná (2002), Lula começa a trabalhar na Villares, e seu irmão, “Frei” Chico, vai levá-lo ao sindicato pela primeira vez. Apesar de não fazer parte da diretoria ele defendia a posição dela, era um ativista sindical. Lula volta ao sindicato, em 1968, quando o seu irmão, após não aceitar indicação para concorrer às eleições sindicais, indica Lula para a diretoria, na condição de suplência. Mas, Lula acaba aceitando e concorre nas eleições do Sindicato dos Metalúrgicos, sendo sua chapa eleita até 1975, ano em que concorre, novamente, mas como presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema.

Será reeleito em 1978 com um mandato que terminará em 1981 com a sua cassação como dirigente sindical, durante a greve do ABC em 1980.

A suplência, de 1969 a 1972, época em que atuava como delegado junto às bases, Lula considera como período de dissabores e decepções no sindicato:

Era tempo de politicagem. Tinha muito companheiro brigando internamente por interesses pessoais [...]. Isso mostrava a fragilidade da participação da classe trabalhadora, pois a categoria não sabia disso. A diretoria não tinha uniformidade de pensamento (MOREL, 1981, p. 113).

Quando já fazia parte do Sindicato dos Metalúrgicos, em 1973, Lula conhece Marisa Letícia, também, viúva, com quem irá casar em maio de 1974. Tem com ela quatro filhos: Fábio Luís, 31 anos, Sandro Luís, 28 anos, Luís Cláudio, 21 anos e Marcos Cláudio, 35 anos, filho do primeiro casamento de Marisa. Lula possui uma filha de um relacionamento antes de conhecer Marisa, é Luriam, filha dele, com Mirian Cordeiro.

Marisa participava das assembléias e das caravanas da cidadania, viajando com Lula para locais distantes, pelo interior do Brasil. No dia 8 de maio de 1980, as mulheres dos metalúrgicos organizaram uma passeata e levaram junto os filhos. A passeata saía da igreja. Na primeira fila estava Marisa Letícia da Silva, a mulher de Lula. Seus filhos e o de outras mães seguiam mais atrás. Os maridos seguiam à passeata. Aplaudiam as esposas que, pela primeira vez, tinham uma iniciativa quanto à greve.

Quando houve a primeira intervenção, Lula ligou para Marisa dizendo que o sindicato estava cercado pela polícia, que ele ia ficar lá dentro, e que ela não se preocupasse. Horas depois ele chega em casa. Não o levaram preso.

No dia 18 de abril de 1980, Lula fez um discurso que refletia a intervenção do sindicato, decretada pelo governo, no dia anterior:

Prestem atenção numa coisa. Companheiros prestem atenção numa coisa. Talvez eles me prendam. Prestem atenção. Ninguém fala nada. Talvez eles me prendam como prenderam o Olívio Dutra no Rio Grande do Sul. E vocês sabem que se eu estiver preso e tiver notícia que a greve acabou porque eu estava preso, eu vou ficar puto da vida com vocês. Agora, se eu estiver preso, e ficar sabendo que vocês estão em greve, podem me segurar dez anos lá dentro (MOREL, 1987, p. 96).

Por volta das seis da manhã, chegam à casa de Lula e Marisa seis homens, com mandato de prisão para Luiz Inácio da Silva. A esposa lembra que “Lula vestiu uma calça, e depois, deu uma olhada, falou: ‘Ah, não, esta calça não está boa’. Trocou de calça. Foi ao banheiro, penteou o cabelo, passou na cozinha, tomou café naquela tranqüilidade e saiu” (MOREL, 1987, p. 106). Transcorridos seis dias Marisa vai visitar Lula. Ele ficará trinta e um dias na prisão. Em 11 de maio de 1980, a greve termina, e no dia 20 Lula e os nove líderes sindicais, que ainda estavam presos, são libertados.

Em 1975, Paulo Vidal indica Lula como presidente do sindicato. Vidal havia sido o presidente no mandato anterior. Durante o primeiro ano da gestão de Lula, quem realmente aparecia, quem mais falava durante as assembléias e para quem se dirigiam os dirigentes sindicais, era Paulo Vidal. A partir de 78 é que Lula começa a tomar seu próprio espaço e assume de direito e de fato o sindicato: “Eu senti que era possível levar as coisas dentro de uma ótica própria, com as minhas próprias pernas. Eu estava fortalecido internamente, só era necessário eu me exteriorizar” (MOREL, 1987).

Em 1976 Lula desliga-se da Federação dos Metalúrgicos, o que representava mais autonomia. Através do Sindicato eles conquistam a estabilidade do menor de idade em período de serviço militar, o abono de faltas para o exame escolar, a estabilidade da mulher gestante.

As assembléias de reposição salarial em 1977 e o crescimento vertiginoso do Sindicato de São Bernardo do Campo colocam Lula em destaque como liderança no âmbito nacional. Em julho de 1978, Lula dá uma entrevista nos jornais lançando a idéia de um novo partido, o PT.

Os metalúrgicos, numa assembléia, que reuniu 90 mil trabalhadores no Estádio de Vila Euclides, em 14 de março de 1979, decidem entrar em greve. Os Sindicatos dos Metalúrgicos do ABC sofrem intervenção do governo federal. Lula só retoma o comando da greve no dia 27 de março, após conseguir a volta dos metalúrgicos ao trabalho.

A greve de 1980 foi consequência das reivindicações não atendidas pelos trabalhadores em 1979. A pauta da assembléia que deflagrou a greve reivindicava reajustes trimestrais, piso por função, e mínimo de 12 mil mensais, reconhecimento do representante sindical nas empresas e livre acesso aos diretores, redução da jornada de trabalho para 40 horas semanais, adicional de 100% de horas extras

(MOREL, 1987, p. 179).

Houve o confronto das forças armadas na greve e o governo proibiu que as empresas fizessem acordo. A intervenção foi decretada no dia 17 de abril e, no dia 19 de abril Lula foi preso. Lula costumava usar nas assembléias dos trabalhadores, uma faixa que dizia: “Mais valem as lágrimas de uma derrota do que a vergonha de não ter participado da luta”. Lula deixa a cadeia no dia 20 de maio. Ele vai se firmar como uma das lideranças sindicais que retomaram a prática das greves em larga escala. E, no PT, partido do qual foi co-fundador, sua presença se fez marcante desde o início.

Quanto às questões ideológicas, Lula diz:

Eu jamais permitirei que façam a minha cabeça. Primeiro porque me considero um cara muito equilibrado. Segundo porque nunca tomo uma posição só porque outras pessoas querem que eu tome. Eu posso trabalhar com um grupo de companheiros desde que as idéias não surjam de uma pessoa, mas de um consenso. Eu não tenho medo disso. Eu não sou um cara muito chegado às definições ideológicas. Eu gosto de fazer as coisas a partir de minha prática. A partir das minhas possibilidades. Eu não quero saber o que Marx fez, o que Lennin fez, o que Engel fez. Eu não quero saber porrada nenhuma disso. O que Trotsky fez eu não quero. Eu quero saber o que eu posso fazer. Se às vezes as coisas coincidem, ótimo; se não coincidem, ótimo (MOREL, 1987, p. 181).

Lula considerava que o sindicato ia resolver tudo até que começa a perceber que o sindicalismo era dependente do movimento político. Viu que o importante era fortalecer o legislativo e que isso só aconteceria com o trabalhador no Poder Legislativo (MOREL, 1987, p. 186).

A criação do PT, em 1980, é resultado de conversas, simpósios, do engajamento político de intelectuais, no interesse de religiosos inspirados na Teoria da Libertação (a organização por Frei Betto, das Comunidades Eclesiais de Base, que chegavam a cem mil em todo o Brasil). A devoção religiosa de Lula à Jesus e a São Francisco de Assis facilitaram a relação dele com a Igreja Católica e com a Pastoral Operária.

O PT era visto, na década de 80, como um partido de marxistas e leninistas. Depois, foi adquirindo pluralidade política, ideológica, econômica e social. O sincretismo político e ideológico é característico da própria democracia.

O resultado da candidatura de Lula para o governo de São Paulo em 1982, quando perde para Franco Montoro não diminui a força política de Lula e a luta do PT. O *slogan* da campanha era “Trabalhador vota em trabalhador” e mostrava a história de vida de Lula: “Luiz Inácio Lula da Silva, ex-retirante, ex-engraxate, extintureiro, ex-operário, ex-político [...] um brasileiro igual a você”. Para Lula o resultado das urnas refletia que “as pessoas não querem ser ex-nada, querem alguma coisa na vida, um vencedor e não quem foi e não é mais”. Passa a procurar eleitores em outros segmentos da sociedade, começa a fazer alianças, se mostra mais flexível considerando o pluralismo ideológico e regional.

Como candidato do Partido dos Trabalhadores participa das eleições para o governo de São Paulo, em 1982, mas perde. Em 1984, juntamente com Ulisses Guimarães e Tancredo Neves, Lula trava a luta pelas eleições diretas no país. No ano de 1986 é eleito Deputado Federal, com recorde de 650.134 votos, e participa da elaboração da Constituição Federal. A experiência, como deputado, não o agradou: queria fazer alianças e parcerias, para defender a causa do trabalhador.

Lula se candidata à Presidência da República, em 1989, quando é derrotado por Fernando Collor de Mello (PRN). Nas eleições seguintes, em 1994, e 1998, vai concorrer, novamente, porém, ainda sem êxito, pois Fernando Henrique Cardoso é o eleito. A derrota de 1998 causou um desgaste na imagem política de Lula. Simpatizantes e adversários consideravam que era o fim de sua carreira política. O próprio Lula pensava assim:

Em 1989, eu já estava desanimado. Eu caía tanto na pesquisa que chegou uma hora que eu falei: ‘eu vou deixar de ser candidato, senão eu vou terminar a campanha devendo dinheiro e devendo número pro IBOPE. Depois eu vou ter que concorrer para zerar. Então eu vou desistir [...]’. [...] o João Amazonas dizia uma coisa que o nosso prefeito de Recife fala muito, o nosso companheiro João Paulo: ‘Companheiro Lula, nós temos que definir quem nós queremos atingir. E eu acho que nós precisamos fazer um discurso próprio para a classe trabalhadora’. Foi daí que nós fomos para o segundo turno em 1989 (Discurso de Lula na Convenção Nacional do PT em 24 de junho de 2006).

Nesta fala de Lula também fica evidenciada a sua percepção do discurso como determinante de resultado positivo ou negativo conforme o uso que fazemos dele.

Em 2002, ao concorrer pela quarta vez à Presidência, Luiz Inácio Lula da Silva vence com 52, 4 milhões de votos, a maior votação já recebida por um homem público no país.

As eleições de 2002 mostram mudanças no PT e em Lula. O Lula sindicalista e das campanhas de 1982, 1989, 1994 e 1998 o líder sindical “de cara amarrada, raivoso, mal penteado e mal vestido, que nunca sorria e andava em companhia de pessoas que sonhavam e lutavam para destruir os capitalistas privados e a democracia republicana e representativa em construção no Brasil”, diz Alves (2003, p. 88).

Nas eleições de 2002:

É um líder messiânico, talvez revivendo o sebastianismo, a chegada de um líder em quem o povo deposita todas as esperanças [...] gosta de ouvir, e falar, como negociador precisa conciliar e ceder, não tenta entronizar as pessoas nas suas verdades, amenizando os confrontos, distanciando-se da figura de messias (ALVES, 2003, p. 88).

Na campanha de 2002 era o líder carismático. Apareceu com a família na TV, passou a sorrir, cortou os cabelos, aparou a barba, falou de sonhos e projetos do governo e raramente atacava os adversários. Era o “Lula paz e amor” e o novo slogan “A esperança que venceu o medo”. A inclusão social, a erradicação da miséria e da fome eram pontos norteadores de sua campanha e acabaram originando o projeto ‘Fome zero’ que visa prover algumas necessidades básicas e prover de alimentos os mais necessitados. Agrega os projetos Bolsa Família e Bolsa Escola.

Em 2005, vêm à tona, através do deputado federal Roberto Jéferson a existência do “Mensalão” (desvio de dinheiro para a compra de votos de parlamentares para votarem à favor dos projetos do governo federal), onde aparecem ligações do PT com Marcos Valério através de Delúbio Soares (PT). As denúncias atingem petistas como sacadores do “valerioduto”. Mesmo o filho de Lula, Fábio Luís é envolvido em escândalo por ter se tornado sócio de uma empresa que foi comprada pela Telemar por R\$5 milhões. A aura do PT como partido ético é abalada com o esquema do Mensalão com a descoberta de caixa dois na campanha presidencial e com o desvio de dinheiro do Estado para financiar o apoio de

congressistas a projetos do governo.

Em abril de 2006, o escândalo do Caso Palocci, envolvendo o então ministro Palocci em negociações suspeitas realizadas em festas na mansão de Brasília. Tentando defender Palocci das acusações do caseiro Francelino Costa o governo viola o sigilo bancário do caseiro. Palocci é indiciado, perde o cargo, juntamente com o presidente da Caixa, Jorge Mattoso. Como as versões do caso eram confusas a oposição retoma a idéia do *impeachment* “amparada na idéia de que Lula teria acompanhado e acobertado todo o processo de violação do sigilo” (REVISTA ÉPOCA, 2006, p. 30). Surge a comparação com o caso *watergate*, que resultou no processo de impeachment e na renúncia do presidente republicano Richard Nixon, em 1974, acusada de acobertar escutas ilegais instaladas em escritórios do Partido dos Democratas, quando as investigações mostraram que havia caixa dois nas campanhas eleitorais e que Richard Nixon havia mentido à nação americana. No caso do Brasil, Lula, nos dois escândalos, evita o assunto e diz não saber de nada. Nada acontece. Para essas diferenças de atitudes, ou quem sabe, do não tomar atitude no caso dos brasileiros, o sociólogo Roberto DaMatta argumenta assim: “O que nos diferencia dos americanos é que eles tomam medidas práticas, enquanto nós discutimos aspectos etéreos. [...] a realidade no Brasil, agora depende do partido. Cada um constrói a sua e pronto” (REVISTA ÉPOCA, 2006, p. 30-31). Lula afasta de si os problemas dos escândalos com a desculpa que se repete: “não sabia de nada”.

Em 2006, concorrendo à Presidência da República e tendo como seu adversário mais forte Geraldo Alckmin, Lula é reeleito em segundo turno. Os escândalos deixaram marcas no PT, que obteve resultado inferior de candidatos eleitos nos Estados.

### 2.3 RETÓRICA

A Retórica surge no séc. V a.C. na Grécia, com Tísia e Corace. Na raiz grega da palavra retórica, a partícula “re” significa dizer, fazer uso do logos, do discurso. Na Retórica, temos a noção fundamental de verossímil - tudo aquilo em que a confiança é presumida: que poderia acontecer de outra forma, isto porquê, como

ressalta Reboul (2000, p. 35) “vivemos em um mundo onde podemos ‘refutar no real’ com uma certeza demonstrativa; devemos nos contentar com provas mais ou menos convincentes, opções mais ou menos razoáveis”.

Com os Pitagóricos e com Parmênides, será introduzida a idéia de doxa (opinião). Mas, quem dará a retórica, a credibilidade que reconhecemos nela nos dias atuais será Aristóteles através de sua obra *Arte Retórica* e *Arte Poética*.

Em Barilli (1979), a Retórica é a ocasião em que se usa o discurso da forma mais plena e total, em que as componentes físicas da fala não são menos importantes que as intelectuais”. Cabe ao discurso retórico três finalidades: o *docere* que é a transmissão de noções intelectuais: o *movere*, ou seja, a busca em atingir os sentimentos, as emoções; e o *delectare*, tarefa de manter a atenção do auditório. A retórica não trata da verdade, mas do verossímil.

Na retórica, em que não se sustenta uma tese, mas se defende uma causa, em que não se joga com idéias, mas o que está em jogo no discurso é o destino judiciário, político ou ético dos homens, na retórica é preciso levar a sério o ‘na aparência’, como verossímil que faz as vezes de uma evidência sempre inapreensível (REBOUL, 2000, p. 75).

Aristóteles integrou a Retórica numa visão sistemática de mundo e a transformou em um sistema o qual foi posteriormente complementado por aqueles que o sucederam sem, no entanto, ser modificado.

A Retórica é dividida em quatro partes, representando as quatro fases, que compõem um discurso: a invenção (*heurésis*), que é a busca empreendida pelo orador de todos os argumentos e de outros meios de persuasão relativos ao tema de seu discurso; a disposição (*táxis*), a ordenação dos argumentos de onde resulta a organização interna do discurso; a elocução (*lexis*), que não diz respeito à palavra oral, mas a redação escrita de seu discurso, ao estilo; e a ação (*hypocrisis*), que implica efeitos de voz, mímica e gestos. Com relação aos gêneros oratórios Aristóteles distingue três, pois conforme o público ao qual nos dirigiremos falaremos de uma forma específica: o judiciário, o qual acusa ou defende; o deliberativo ou político que aconselha ou desaconselha em relação às questões, referentes à cidade; e o epidíctico que se refere ao presente, ainda que utilize argumentos do passado ou do futuro. Quanto aos argumentos Aristóteles definiu três tipos de

instrumentos utilizados para persuadir: ethos, patos e logos. Os dois primeiros relativos à parte afetiva, sendo patos o conjunto de emoções, paixões, que o orador deve suscitar ao auditório com o seu discurso, etos que é definido como caráter moral que o orador deve parecer ter e, logos relativo a algo que é racional, é a argumentação do discurso, o aspecto dialético.

Phillipe Breton (2000, p. 24) considera que a Retórica reúne tudo em uma espécie de magma inicial, procurando pouco a pouco sua ordem e seu destino, sendo a primeira retórica ao mesmo tempo argumentação, raciocínio, busca de uma ordem do discurso e manipulação das opiniões e das consciências. A afirmação de que tudo é argumentável e que o orador é mais um homem de poder do que um homem de ética e de opinião.

Nos anos 60, conforme Oliver Reboul, há o nascimento de uma nova Retórica, cujo grupo responsável incluía Roland Barthes, Jean Cohen, Gérard Genette, porém, mais ligada à literatura, utilizando procedimentos reduzidos, principalmente, à figuras de estilo. Nesta época, Henri Morier publica Dicionário de Retórica e Poética que não mencionava argumentos, lugares, disposições. Era uma Retórica ligada à elocução. Uma outra corrente surge se opondo a esta, é a de Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca, com a publicação do Tratado da argumentação em 1958. Esta obra se insere na grande tradição retórica de Aristóteles, Isócrates e Quintiliano e, enfatiza Reboul (2000, p. 89), “é realmente a teoria do discurso persuasivo”. A partir da década de 70 este tratado obterá destaque, pois até Barthes o lado retórico do discurso era indício de manipulação ideológica.

Além do aspecto cognitivo, a Retórica “pretende arrastar aqueles que a recebem, exercer uma ação sobre eles, plasmá-los, deixá-los diferentes, depois de terem sofrido a sua influência” (BARILLI, 2000, p. 11) A Retórica atual, conforme Reboul foi se diferenciando, assim, seu objetivo, não é produzir discursos, mas interpretá-los. E, longe de limitar-se aos três gêneros oratórios dos antigos, ela vem anexando todas as formas modernas do discurso persuasivo, como a Publicidade, e não persuasivos, como a poesia. Apoderam-se também de produções não verbais como a Retórica do cartaz, a Retórica do cinema, a Retórica da imagem, a Retórica da música e a Retórica do inconsciente.

Perelman (1996, p. 57), em seu Tratado de Retórica, distingue a argumentação, que para ele se aproxima de uma lógica da probabilidade ao provar

pelo exemplo, pelos argumentos baseados no normal ou na competência, e fazendo uso de processos como a analogia e a metáfora, cuja principal função é reforçar a intensidade da adesão do destinatário do discurso. Para ele a principal função do seu Tratado era “romper com uma concepção de razão e do raciocínio vinda de Descartes”.

O objetivo de toda a argumentação, descrito pelo Tratado é “provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se apresentam a seu assentimento”, onde uma argumentação eficaz, conforme Perelman (1996, p. 5), “é a que consegue aumentar essa intensidade de adesão, de forma que se desencadeia nos ouvintes a ação pretendida (ação positivas ou abstenção)”, ou seja, capaz de criar neles uma disposição para a ação a ser manifestada no momento oportuno.

Para ele, um raciocínio pode convencer sem ser cálculo, pode ser rigoroso, sem ser “científico”. Nesta perspectiva a argumentação vem a provocar ou aumentar a adesão das pessoas às teses que são apresentadas para seu assentimento (PERELMAN, 1996, p. 5).

A partir de Aristóteles, a contribuição para o estudo da Retórica vem sendo dada por muitos teóricos, tendo alguns se limitado mais à elocução, entre os quais podemos citar Roland Barthes, Gerard Genette onde a parte relacionada aos argumentos, lugares e disposições, era excluída. Ao se contrapor a essa corrente Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca criaram uma Retórica, centrada na invenção, deixando à margem os aspectos afetivos da retórica como o *deletare* (encanto) e o *movere* (emoção) essenciais à persuasão.

De acordo com Reboul, a Retórica deve contemplar tanto a invenção quanto a elocução. E, como na retórica atual, anexar todas as formas modernas do discurso persuasivo, das produções não verbais como a retórica da imagem e a retórica do inconsciente. A identificação do tipo de argumento tem em Aristóteles duas possibilidades: o exemplo (indução) e o entinema (dedução). O primeiro, partindo do particular ao geral e o segundo partindo do geral ao particular. Ao que, Reboul, acrescenta a relação entre as premissas, os tipos de argumentos. Ele também salienta a importância de sabermos a época do discurso, pois “o discurso tende a persuadir de algo, porém esse algo pode ser múltiplo e ter um objetivo imediato e outro distante”.

Em Perelman, a Argumentação se aproxima de uma lógica de probabilidade ao provar pelo exemplo, pelos argumentos baseados no normal ou na competência.

A Argumentação eficaz é a que consegue aumentar a intensidade da adesão, de forma que se desencadeie nos ouvintes a ação pretendida, tanto positiva como abstenção, a fim de criar uma ação a ser manifestada no momento oportuno.

Com Breton, retomamos o aspecto de que o nome Retórica desapareceu oficialmente na França, em 1902, “quando a aula de retórica mudou de nome e a matéria foi substituída pela história literária, e a ‘dissertação’ substituiu os exercícios do discurso” (BRETON, 1999, p. 16). Esse declínio da retórica, bem como seu descrédito, teriam ocorrido em contrapartida do novo valor que surgia, a evidência, quer seja considerado com relação aos fatos, as idéias, aos sentimentos sem a necessidade ou que não pretende se servir da linguagem retórica como instrumento, como mediação. esta evidência, a partir do século XII se segmenta na evidência pessoal, existente no protestantismo, na evidência racional existente no cartesianismo, e como a evidência sensível, que aparece no empirismo. Assim, salienta Breton (1999, p. 17), a Retórica não é mais um instrumento de raciocínio utilizado para convencer. E, o cartesianismo e sua rejeição ao verossímil foram considerados por Roland Barthes, Olivier Reboul, e, sobretudo, por Chïm Perelman a principal dificuldade que a Retórica teve para conservar um lugar central no pensamento moderno, e descreve esse período como

aquela em que houve um enfrentamento entre uma cultura da evidência que aproveita dos avanços do cientismo e do positivismo, e uma cultura da argumentação que vê na sua renovação freada por um descrédito que não lhe diz respeito, pois se refere apenas ao aspecto estético do discurso (BRETON, 1999, p. 17).

Na década de 70, a importância e o poder das técnicas de influência e de persuasão começam a ser retomadas juntamente com a publicidade.

Breton ressalta que A Argumentação na Comunicação apresenta a idéia de que o conhecimento se situa no campo da objetividade e da verdade enquanto a opinião, no campo da subjetividade, da “verossimilhança”. E, “se a opinião fosse segura, evidente, a mecânica argumentativa não teria existido e tampouco o vínculo social, pois não se encontraria ninguém em condições de ser convencido. Nós viveríamos em um mundo autista (BRETON, 1999, p. 39). Ele considera que,

embora os resultados científicos não se discutam e, portanto não se constituam numa opinião,

pode-se dizer que na ciência ainda se discute e, muitas vezes, profundamente, como o provam as 'controvérsias' e as 'refutações', que escondem regularmente o mundo da ciência, evidentemente existe uma Retórica científica, que se mistura com as regras técnicas próprias do meio [...]. Não haveria, no entanto, um pouco de ciência nas opiniões? Esta separação é perfeitamente clara? Não duvidamos que houvesse procedimentos permanentes de transformação de certos conhecimentos científicos em opiniões, e estes procedimentos são bem-vindos. Certos fatores científicos alimentam nossas crenças mesmo depois de deixarem de ser fatos para os próprios cientistas, devido ao avanço do conhecimento (BRETON, 1999, p. 37).

A concepção de argumentação em Breton tem como propósito afastá-la da Retórica, para aproximá-la de uma situação de comunicação. Onde, o ponto essencial da argumentação é a busca de um acordo prévio com o auditório. Mas, por outro ângulo, ele revela que,

se nós tivermos a coragem de questionar nossas próprias práticas cotidianas, veremos que nelas o recurso à Retórica é mais freqüente do que o recurso à argumentação. ao menos a curto prazo. Este fenômeno é reforçado em uma sociedade que privilegia em geral a eficácia como valor, apesar de tudo o que se diz, privilegia a certeza ao invés do risco (BRETON, 1999, p. 49).

A Retórica é vista por Breton (1999, p. 49-56) como arte de convencer, apoiada em outras dominantes, como a retórica dos sentimentos. Assim, ele percebe a rejeição da retórica por Descartes e pela tradição científica como justificativa de que não haveria razão fora da ciência e, o restante, só afetos e paixões. Mas, na argumentação, com o dominante do raciocínio, ele ressalta que argumentar é dar "ao auditório boas razões para acreditar no que dizemos".

O aspecto racional da Retórica, presente na argumentação, irá proporcionar uma compreensão dos discursos do Lula de forma que possamos interpretar o funcionamento de seu discurso e de que forma, quais argumentos, são usados para convencer de uma opinião. Delimitado isso, teremos os outros elementos retóricos que visam não os aspectos da persuasão em relação a uma idéia, mas ao convencimento do auditório. Essa delimitação nos interessa na medida em que fora

da argumentação, como é proposto em Breton, na amplitude da retórica, as questões éticas e não-éticas se diluem e são usadas como meios que justificam os fins. Verificaremos, então, em que medida há no discurso de Lula elementos retóricos que fogem à proposta da argumentação, e da ética.

Através da Pesquisa Qualitativa iremos responder a questões que correspondem a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis. Buscaremos compreender e explicar a dinâmica das relações sociais que, por sua vez, são depositárias de crenças, valores, atitudes, hábitos. Trabalha com a vivência, com a experiência, com a cotidianidade e também com a compreensão das estruturas e instituições como resultado da ação humana objetivada (MINAYO, 1998, p. 24), presentes nos discursos de Lula.

### 3 A RETÓRICA DE LULA

A Retórica de Lula será analisada considerando-se as categorias Comunicação, em Maffesoli, Argumentação, em Breton, Espetáculo, em Schwartzberg e Socioleto, em Barthes sendo que serão considerados quatro discursos de Lula, onde buscaremos compreender de que Lula quer convencer a cada discurso, se o discurso é mais retórico ou mais argumentativo e qual tipo de persona, segundo Schwartzberg, encontramos em cada um dos discursos. Quanto a retórica, Phillippe Breton considera que ela reúne tudo em uma espécie de magma inicial, procurando pouco a pouco sua ordem e seu destino. Sendo a primeira retórica ao mesmo tempo argumentação, raciocínio, busca de uma ordem do discurso e manipulação das opiniões e das consciências. A afirmação de que tudo é argumentável e que o orador é mais um homem de poder do que um homem de ética e de opinião (BRETON, 2000, p. 24).

#### 3.1 LULA: O LÍDER SINDICAL

O Discurso enquanto Sindicalista a ser analisado é de 18 de abril de 1980, último discurso de Lula antes de ser afastado da presidência do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema. Relevante por representar o fio divisor entre o Lula sindicalista e o Lula que ajudou a criar o Partido dos Trabalhadores, presidente do PT, com uma trajetória mais ampla. É importante ressaltarmos, nas palavras de Hannah Arendt, que a política “é feita, em parte, da fabricação de uma certa imagem e, em parte, da arte de levar a acreditar nesta imagem” (1972). Os discursos fazem parte deste espetáculo, da fabricação de um *star system* - ou seja, a exemplo das estrelas do teatro, onde o ator principal concentra os focos de luz, sendo mais importante que o cenário ou a encenação, assim hoje, a estrela de um partido obscurece o programa e o aparelho - com ênfase no estilo e na personalidade do candidato (SCHWARTZENBERG, 1979, p. 7-9).

O discurso, de 14 de abril de 1980, objeto de nossa análise, representando a

fase de Lula como sindicalista, marcava um momento de divergências entre empresários, governo e Sindicato dos Metalúrgicos do ABC paulista.

### 3.1.1 Lula: a comunicação do Líder Sindical

A Comunicação, em Maffesoli, neste discurso, que apresentou um auditório de mais de mil metalúrgicos, reunidos na sede de São Bernardo do Campo (Lula - Entrevistas e Discursos, 1981, p.385), mostra Lula dirigindo-se a eles como “pessoal” e, do mesmo modo informal. Segue:

Vamos bater um papo aqui como nós sempre fizemos. [...] Vocês sabem que em todas as reuniões que nós fizemos na porta da fábrica, aqui no sindicato, naquele estádio, a gente dizia pra vocês uma coisa: o que está impossibilitando os patrões de darem aumento pra gente não é o aumento [...] o que está na cabeça desse governo é a derrubada da diretoria desse sindicato.

Nesta Comunicação de Lula podemos perceber o que Maffesoli define como presença investida de emoções e sentimentos que mostram a “viscosidade”, o “tribalismo”, a necessidade do “estar-junto” como forma de sinergia. Sua liderança no sindicato se estabeleceu tendo por base essa proximidade dele com a categoria, e deles com Lula através do que Maffesoli denomina “perder-se no outro”.

E, como Lula diz no seu discurso, após deixar de ser líder sindical,

Nada faço além de procurar encarnar as aspirações dos trabalhadores. E isso é mérito de minha categoria. Ela me encorajou a falar o que todos tinham medo de falar: a verdade a respeito da situação dos trabalhadores. Muitos sindicalistas tinham medo de falar por estarem muito mais apegados ao cargo do que ao dever de representar suas categorias e muitos políticos mentiam. Esse vazio permitiu a voz da gente soar alto (ISTO É, 1980, p.35).

Em outro trecho do discurso podemos ver a importância dada por Lula à

Comunicação da direção do Sindicato com os seus membros, e também com a comunidade através da mídia impressa: ABCD Jornal, Tribuna Metalúrgica. Uma consciência da abrangência que essa outra forma de levar a palavra do Sindicato poderia ter:

Amanhã vai sair o jornal, vocês estão lembrados daquele jornal que sustentou a gente o ano passado, o *ABCD Jornal*? Estão lembrados de que quando estiveram no sindicato, a gente distribuiu trezentos mil *ABCD*? Então, o ABCD, já está pronto e, amanhã, nas igrejas, nos bares, já estará sendo distribuído o *ABCD Jornal*, que passa a ser, enquanto não sair a próxima *Tribuna Metalúrgica*, o jornalzinho com as palavras de ordem do sindicato, da diretoria do sindicato, do comando de greve e da comissão de salário. Amanhã já sai esse jornal.

A forma emocional presente nas palavras de Lula, entre o que vai deixá-lo “muito orgulhoso” ou, o que “não o deixará”. A carga emocional de um pedido onde ele se coloca como um líder, capaz de se sacrificar pela categoria, “até a vitória final”, é também um forte apelo ao tribalismo:

O que eu quero pedir pra vocês agora, e que vai me deixar muito orgulhoso se vocês me atenderem, não é partirmos pro quebra-quebra com a polícia se ela chegar aqui, não. Isso não vai me deixar orgulhoso. O que vai me deixar muito orgulhoso é, mesmo que os caras me prendam, vocês continuarem em greve até a vitória final. Este é um pedido que eu faço. Vocês não precisam se preocupar comigo.

E, conforme no tribalismo:

Entendam bem uma coisa. Entendam bem, por favor! Cada um de nós aqui, cada um de nós, o Lula, o Ratinho, o jornalista, o metalúrgico, individualmente não vale porra nenhuma. Não vale. A categoria como um todo vale muito. E o que nós precisamos preservar é a categoria. O que nós precisamos preservar é todo o trabalho que foi montado desde o dia primeiro de abril.

As palavras, “pedido”, “súplica”, e o questionamento “o que será da nossa greve?” trazem a dramaticidade de uma Comunicação resultante de sentimentos que geram a proximidade, a viscosidade, a ligação: eles existem enquanto *tribo*.

É por isso que eu vou fazer um pedido pra vocês. Durante 15 dias, eu pedi

pelo microfone que os companheiros viessem para o sindicato. O pedido que eu faço hoje é o contrário. E eu gostaria que vocês entendessem que nem é um pedido, é uma súplica. É que cada um de vocês será muito mais importante, amanhã de manhã, numa rua do ABC, conversando com os companheiros pra não irem trabalhar. Imaginem se eles colocarem aqui nessa rua 5000 dos caras do Exército, interditarem o sindicato como interditaram no ano passado, e a gente ficar aqui dentro preso. O que será da nossa greve? O que será da nossa greve se todos os companheiros que estão aqui, que são a vanguarda, não estiverem lá fora pra dizer pro pessoal que não é para trabalhar, que houve intervenção no nosso sindicato?

Em outro trecho aparece a forma afetiva de chamar os metalúrgicos e que seria utilizada também nas campanhas do Partido dos Trabalhadores: “companheiros”, que significa aquele que acompanha, que está junto - uma forma de viscosidade, de proximidade afetiva na comunicação.

Então, eu peço pra vocês o seguinte: eu não quero ninguém de carinha amarrada, eu quero todo mundo sorrindo, assim como aquele companheiro. Todo mundo sorrindo, porque isso que está acontecendo hoje é uma das passagens da nossa luta, e se a gente ficar com a cabeça amuada, com a cara amuada, vamos fazer o jogo deles. A gente tem que mostrar aí pra televisão, pra fotografia, que nós estamos rindo porque isso que aconteceu não vai acabar com a nossa luta

### 3.1.2 Lula: a argumentação do Líder Sindical

A categoria Argumentação, em Breton, no início do discurso de Lula, mostra a utilização do Argumento de Enquadramento - um Argumento de Autoridade - quando Lula compartilha com o seu auditório - os metalúrgicos - as experiências vividas na presidência do sindicato.

O que eu queria agora era fazer um pedido pra vocês, dar um aviso importante. O sindicato tem 178 funcionários. Eu não sei qual vai ser a atitude dos funcionários do sindicato porque, como presidente do sindicato, eu não posso orientar os funcionários pra fazer isso ou pra fazer aquilo. Eu acho que é uma decisão deles, como fazer greve foi uma decisão nossa.

Outro Argumento de Autoridade que aparece aqui como Argumento de

Experiência, “tanto quanto eu sei que, mais dia, menos dia, isto viria a acontecer”, “vocês sabem que em todas as reuniões” [...] “a gente dizia pra vocês” [...] “Foi dito para vocês que eles jogaram muito alto nisto”, aparece neste trecho do discurso:

Vocês sabem tanto quanto eu sei que, mais dia, menos dia, isto viria a acontecer. Vocês sabem que em todas as reuniões que nós fizemos na porta da fábrica, aqui no sindicato, naquele estádio, a gente dizia pra vocês uma única coisa: o que está impossibilitando os patrões de darem o aumento pra gente não é aumento. Não são os 15%, nem seriam até mesmo os 30%. O que estava na cabeça de cada empresário, o que está ainda na cabeça de cada empresário, o que está na cabeça do governo é a derrubada da diretoria deste sindicato. Foi dito pra vocês que eles jogaram muito alto nisto; e quantos discursos foram feitos naquele campo dizendo pra vocês que eles estavam apostando nisto. Por quê? Porque no Brasil, historicamente, todas às vezes que os sindicatos começavam a andar [...] A partir de 64 o governo conseguiu o que queria.

O Argumento de Autoridade precede um Argumento de Ligação, Analógico, que se estabelece por um Argumento de Exemplo, em uma ilustração, que visa dar uma “presença à consciência”, na busca de convencer o auditório da sua opinião. Está marcado nas citações “A partir de 64 o governo conseguiu o que queria” [...] “Vocês sabem perfeitamente bem que, há dois anos atrás” [...] “A partir de 77 São Bernardo mudou”:

A partir de 64 o governo conseguiu o que queria. Conseguiu transformar cada sindicato deste Brasil num posto de atendimento médico e odontológico. Vocês sabem perfeitamente bem que, há dois anos atrás, pra conseguir um sócio pro sindicato, a gente era obrigado a prometer médico, dentista e colônia de férias. E os trabalhadores só entravam pro sindicato por causa disso. A partir de 77 São Bernardo mudou, mudaram-se as coisas. Pra entrar como sócio do sindicato não precisava ter um pouco de fibra e ter disposição de brigar.

Fica evidente o Argumento de Autoridade por estar associado a sua experiência: presidente do sindicato, conhecimento da trajetória do sindicalismo no Brasil.

Lula utiliza o Argumento de Enquadramento, onde ele vai trazer para o seu discurso elementos já conhecidos e vividos com o seu auditório (metalúrgicos), estabelecendo a busca de um acordo prévio com o auditório, buscando intervir no

contexto da comunicação que se seguirá no discurso:

O que está ainda na cabeça de cada empresário, o que está na cabeça do governo é a derrubada da diretoria deste sindicato. Foi dito pra vocês que eles jogaram muito alto nisto; e quantos discursos foram feitos naquele campo dizendo pra vocês que eles estavam apostando nisto. Por quê? Porque no Brasil, historicamente, todas as vezes que os sindicatos começavam a andar [...].

Assim, o Argumento de Autoridade precede um Argumento de Vínculo: um Argumento Analógico através de um Argumento de Comparação: com o Lula, líder sindicalista o sindicato dos metalúrgicos já não era só médico, dentista e colônia de férias. Era fibra e disposição para lutar. Essa luta traria mudanças, como ele segue falando no discurso: “As coisas começaram a mudar. Houve a campanha pela reposição salarial em 77, houve a greve de 79, houve a greve de 1980”. Neste trecho insere-se o Argumento de Comparação, quando Lula se refere ao que ocorria no sindicato antes e o que ocorria depois de 1977. Cabe ressaltar o aspecto de que, segundo Breton, é raro a existência de “argumentos puros”, pois alguns argumentos são próximos uns dos outros, a ponto de, às vezes, confundirem-se (1999, p.63).

Lula passa a utilizar um Argumento de Reenquadramento por Dissociação, buscando requalificar a atitude, aparentemente contraditória, de não ter deixado os metalúrgicos recomeçarem a greve em 13 de maio, motivo pelo qual havia recebido muitas críticas dos próprios metalúrgicos e de simpatizantes do movimento. Dissocia a idéia de que um sindicato que tem o respeito do governo e da opinião pública ao movimento grevista deveria ter, como medida, a ser tomada pelos seus dirigentes, o recomeço da greve. Lula dissocia o aspecto da greve em condições aparentemente favoráveis de opinião pública, representar incondicionalmente o êxito do movimento, e vai inserir a opinião de que, se continuassem em greve, haveria um massacre da categoria:

E quantos de vocês talvez não tenham ficado putos da vida comigo porque eu não deixei vocês recomeçarem a greve naquele famoso 13 de maio. É importante que cada um de vocês tenha na cabeça que a medida mais fácil pra diretoria do sindicato, e pra mim pessoalmente naquele instante, era chegar pra vocês e pedir para começarem a greve na segunda-feira. Era a medida mais fácil e mais cômoda.

Por que era a mais cômoda? Porque existia um respeito total do governo e da opinião pública ao nosso movimento. Se a gente continuasse em greve,

com o esquema de massacre que estava montado, a greve continuaria mais dois ou três dias. E a gente voltava a trabalhar, quem sabe, abaixo de porrada. Vocês sabem o quanto custou pra eu pedir pra vocês voltarem a trabalhar.

Este trecho traz um Argumento de Vínculo Analógico por Comparação entre a atitude que ele tomou naquele momento de não retomar a greve, mesmo com muitos metalúrgicos não entendendo essa posição, e o pai que bate no filho visando o bem deste:

Quantos dos companheiros que estão aqui hoje, quantos de vocês foram vanguarda naquela greve e são vanguarda agora - e por isso estão aqui dentro - me chamaram de filho da puta. Quantos companheiros chegavam aqui no sindicato e falavam: Lula, a barra está pesada. Na ferramentaria da Ford está acontecendo isto. Na ferramentaria da Volks está acontecendo isto. [...] E eu tinha certeza, como tenho a certeza de que estou vendo vocês aqui, de que mais dia menos dia, era uma questão de tempo, os trabalhadores iriam entender o que eu estava fazendo, como os filhos da gente entendem quando a gente bate neles. Quando a gente dá um tapa na bunda do filho da gente, podem ter certeza de que ele fica com raiva, e na cabecinha dele passa: "Oh pai filho da puta!" Podem ter certeza disso. Mas, em compensação, ele também tem a certeza de que o pai não bateu nele à toa. Tem certeza de que o pai bateu nele para o seu bem.

Além da Analogia, como Argumento, também nos remete ao Argumento de Autoridade. O pai que sabe o melhor para o filho; o líder que sabe o melhor para a categoria de trabalhadores.

Vai utilizar a Analogia do trabalhador com a formiga - Argumento de Vínculo Analógico por Comparação - e um raciocínio Metafórico: a consciência política do trabalhador que, terá de ensiná-la, para os cientistas políticos - como a formiga para a cigarra.

Vocês sabem, e tem companheiros aqui que devem estar lembrados quantas vezes eu saí daqui carregado daquele palanque. E aquilo não me deixava tão orgulhoso como me sinto agora. Não me deixava, porque agora a gente percebeu que o nível de consciência do trabalhador não permite que ele faça uma greve festiva. E o que é mais importante - o nível de consciência tem demonstrado isso - os trabalhadores parecem um bando de formigas. Das 9 horas às 10 e meia chegam ao campo, e do meio-dia ao meio-dia e vinte foram todos embora para casa. Eu me sinto muito mais orgulhoso, eu me sinto muito mais orgulhoso com a atitude de vocês, com o procedimento de vocês agora do que no ano passado. Porque, hoje, a

consciência política que tomou conta de cada um dos metalúrgicos é algo que vai ensinar muitos cientistas políticos que precisarão agora refazer seus cursos e terão com professores, quem sabe, trabalhadores metalúrgicos.

Lula utiliza um Argumento de Reenquadramento por Dissociação ao falar sobre o valor do Sindicato, não mais como um grupo reunido no prédio, na sede, mas sendo cada pessoa, onde quer que ela esteja - mesmo distantes umas das outras, mas unidas em um objetivo, formam um sindicato. Desvincula do prédio e torna cada pessoa parte de uma estrutura, a qual, em tempos de internet, pode-se chamar “virtual”. Uma presença que deixa seu componente concreto - o sindicato enquanto estrutura do prédio - para se consolidar mesmo na distância em que seus integrantes possam estar um do outro. Assim ele pretendia eliminar o componente ameaçador da greve, que seria a invasão do prédio pela polícia e a prisão de seus líderes:

Eu já disse para vocês que o sindicato não é esse prédio. O sindicato é cada um de vocês, nada mais do que vocês. O sindicato é cada um de vocês na rua. O sindicato é cada um de vocês onde vocês estiverem. Se um de vocês estiver pescando na represa amanhã, eu terei a coragem de dizer que lá está o Sindicato de São Bernardo do Campo e Diadema. Entretanto, se 5 000 furadores de greve estiverem aqui, eu não terei coragem de dizer que aqui está o sindicato de São Bernardo do campo e Diadema. Vejam a inversão das coisas, gente! Eu estou dizendo que se um de vocês estiver na beira da represa, amanhã, pescando, vocês serão muito mais sindicato do que 10.000 furadores de greve aqui dentro. É por isso que eu apelo aos companheiros. Meditem! Meditem! A minha opinião pessoal é que nós temos que decidir o que é mais importante.

Ao enfatizar o valor da greve Lula utiliza um Argumento de Ligação (ou Vínculo): Argumento Analógico, por Comparação. A possibilidade dele ser preso e os trabalhadores metalúrgicos encerrarem a greve é comparada com a possibilidade de, vindo a ser preso, os trabalhadores manterem a greve até a vitória, sem deixarem a prisão dele interferir na continuidade do movimento. Para a primeira possibilidade, fala da indignação que sentiria com relação aos metalúrgicos, enquanto que, se os trabalhadores, mesmo com ele preso, mantivessem a greve, poderiam segura-lo “dez anos lá dentro” da prisão. Temos também um Argumento de Enquadramento, mais especificamente, de Autoridade, focalizando a Experiência. As palavras de Lula eram as palavras de um Líder Sindical cujo trabalho na direção

do sindicato durante os anos anteriores tinha dado uma nova dimensão ao sindicalismo. Lula se projetara nacionalmente. Sua palavra carregava a força da experiência bem sucedida:

É importante que vocês entendam bem uma coisa. O governo está apostando no esvaziamento da greve, está apostando nisso. Ele acha que terça-feira a gente não agüenta mais e volta a trabalhar. Prestem atenção numa coisa. Talvez eles me prendam. Prestem atenção! Ninguém fala nada. Talvez eles me prendam como prenderam o Olívio Dutra no Rio Grande do Sul. E vocês sabem que se eu estiver preso e tiver notícia que a greve acabou porque eu estava preso, eu vou ficar puto da vida com vocês. Agora, se eu estiver preso e ficar sabendo que vocês estão em greve, podem me segurar dez anos lá dentro. O que é importante e que vai satisfazer a gente é saber que os metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema só voltaram a trabalhar quando a classe empresarial se ajoelhou a seus pés.

A categoria Argumentação, em Breton, nos mostrou um Discurso mais argumentativo do que retórico. As opiniões de Lula estão no campo do verossímil, do discutível. Lula quer convencer da importância da greve como instrumento máximo e eficaz de reivindicação, ainda que, na greve de “13 de maio” tenha pedido para os trabalhadores não retomarem a greve, o que ele argumenta como sendo para evitar um “massacre que estava sendo montado”, cujo objetivo era fazer os metalúrgicos com mais dois ou três dias de greve retornarem ao trabalho, “quem sabe, embaixo de porrada”, enfatizava Lula. Utilizou este fato para reenquadrar a questão da greve, colocando-a agora acima dele, presidente do sindicato, que poderia ficar dez anos na cadeia desde que os metalúrgicos não desistissem da greve e só retornassem ao trabalho depois de obter a vitória. A dinâmica argumentativa de Lula utiliza imagens bem conhecidas, figuras de retórica que servem como argumentos em potencial. Lula evoca estrategicamente, porque bem colocados, Argumentos de Enquadramento como os de Autoridade e Argumentos de Vínculo - Analógico por Comparação ou, pelo Exemplo. O discurso de Lula dá instrumentos para os que já estão convencidos e encontra elementos argumentativos para que outros também possam aderir a sua opinião. Conforme Breton (1999, p. 176) “a argumentação leva à mudança, é uma mudança em ação. Implica a integralidade da pessoa e vai condicionar seu destino”.

### 3.1.3 Lula: o espetáculo e o Líder Sindical

A categoria Espetáculo em Gérard Schwartzberg aplicada ao discurso de Lula como sindicalista aponta para a “imagem do pai”, e especificamente para a “autoridade paternal-heróica”, de um líder sindical que conseguiu colocar as reivindicações da categoria acima das suas necessidades individuais - o que seria o herói. O aspecto mais afetivo na forma de se dirigir aos colegas metalúrgicos nos remete a imagem do “pai”. Cabe lembrarmos que para Gerard Schwartzberg o pai é um homem de autoridade, encarna a firmeza e a energia, a capacidade de resolver e impor decisões, capaz de enfrentar as circunstâncias com discernimento, prudência e moderação.

A autoridade paternal-heróica pode ser observada neste trecho do discurso, quando a categoria dos metalúrgicos é vista por ele como aquilo que deve ser preservado em detrimento do individual, a “família” em detrimento do indivíduo:

Entendam bem, por favor! Cada um de nós aqui, cada um de nós, o Lula, o Ratinho, o jornalista, o metalúrgico, individualmente não vale porra nenhuma. Não vale. A categoria como um todo vale muito. E o que nós precisamos preservar é a categoria. O que nós precisamos preservar é todo o trabalho que foi montado desde o dia primeiro de abril.

Neste outro trecho também é possível identificar a autoridade paternal-heróica, na imagem do pai capaz de se sacrificar pelos filhos e do herói capaz de se sacrificar por uma causa:

Prestem atenção numa coisa. Talvez eles me prendam. Prestem atenção! Ninguém fala nada. Talvez eles me prendam como prenderam o Olívio Dutra no Rio Grande do Sul. E vocês sabem que se eu estiver preso e tiver notícia que a greve acabou porque eu estava preso, eu vou ficar puto da vida com vocês. Agora, se eu estiver preso e ficar sabendo que vocês estão em greve, podem me segurar, dez anos lá dentro. O que é importante e que vai satisfazer a gente é saber que os metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema só voltaram a trabalhar quando a classe empresarial se ajoelhou a seus pés.

Podemos evidenciar a Autoridade Paternal-heróica presente no discurso de Lula Sindicalista, por sua capacidade de resolver problemas, impor decisões com firmeza e energia, enfrentar situações com discernimento das ações a serem colocadas em prática.

### 3.1.4 Lula: o socioleto e o Líder Sindical

A presença de um Socioleto Enchrático ou de um Socioleto Acrático é identificável em alguns trechos do discurso onde, vemos se tratar de um discurso Acrático, de fora do poder.

O sindicato (fora do poder) se vê ameaçado pelos empresários e pelo governo (dentro do poder), conforme falava Lula:

O que estava na cabeça de cada empresário, o que está ainda na cabeça de cabeça de cada empresário, o que esta na cabeça do governo é a derrubada da diretoria deste sindicato

O governo (dentro do poder) transforma o sindicato, desqualifica-o. E o sindicato, que deveria representar o “fora do poder”, é neutralizado, servindo apenas como lugar para onde convergem metalúrgicos em busca de atendimento médico, ou, para colônia de férias. Lula se coloca contra essa descaracterização do sindicato e, outra vez, visualizamos o discurso Acrático: A partir de 64 o governo conseguiu o que queria. Conseguiu transformar cada sindicato deste Brasil num posto de atendimento médico e odontológico. Vocês sabem perfeitamente bem que, há dois anos atrás, pra conseguir um sócio pro sindicato, a gente era obrigado a prometer médico, dentista e colônia de férias.

A consciência política é vista por Lula como elemento indispensável aos metalúrgicos neste embate com o poder (governo, empresários):

Porque, hoje, a consciência política que tomou conta de cada um dos metalúrgicos é algo que vai ensinar muitos cientistas políticos que precisarão agora refazer seus cursos e terão como professores, quem sabe, trabalhadores metalúrgicos.

A greve é considerada um instrumento de reivindicação, de vitória no embate contra o poder estabelecido: “O que eu quero pedir pra vocês

agora, e que vai me deixar muito orgulhoso se vocês me atenderem, não é partirmos pro quebra-quebra com a polícia se ela chegar aqui, não. Isso não vai me deixar orgulhoso. O que vai me deixar muito orgulhoso é, mesmo que os caras me prendam, vocês continuarem em greve até a vitória final”

A oposição grevistas-governo, que se estabelece no discurso de Lula, nos direciona para um discurso Acrático: “É importante que vocês entendam bem uma coisa. O governo está apostando no esvaziamento da greve, está apostando nisso. Ele acha que terça-feira a gente não agüenta mais e volta a trabalhar”.

O que podemos notar é um discurso marcadamente Acrático, de um Lula cuja atividade está do lado de “fora do poder” e de forma combativa.

### **3.1.5 Considerações parciais: as categorias comunicação, argumentação, espetáculo e socioleto no discurso do Lula sindicalista**

As categorias Comunicação, Argumentação, Espetáculo e Socioleto no discurso de Lula, enquanto sindicalista, mostraram uma Comunicação com muitos elementos de integração entre o auditório (metalúrgicos) e Lula, uma comunicação marcadamente afetiva, onde são utilizados argumentos de enquadramento e de reenquadramento do real e de Vínculo, de forma equilibrada tanto no modo de buscar o acordo prévio (com o enquadramento e, ou reenquadramento do real) quanto numa perspectiva de comunicação buscando intervir no contexto da recepção que parecem bastante eficientes para convencer o auditório, conforme a própria história sindical de Lula mostrou. Um discurso caracterizado em seu Espetáculo político pela autoridade paternal-heróica, na firmeza e energia de Lula, na capacidade de enfrentar as circunstâncias adversas que figuram neste discurso. Como em diversos momentos do discurso ficou representado estamos diante de um discurso de fora do poder - Acrático.

## 3.2 LULA: O DISCURSO DE POSSE DO PRIMEIRO MANDATO

### 3.2.1 Lula e a Comunicação no Discurso de Posse do 1º Mandato

A Comunicação, em Maffesoli, aparece no discurso de posse do Primeiro Mandato sob a égide da “Mudança”. A interação, o vibrar com o outro por uma causa comum, a viscosidade da qual fala Maffesoli, encontra-se envolta por essa aura, onde o grande valor é a esperança: “Mudança, esta é a palavra chave, esta foi a grande mensagem da sociedade brasileira nas eleições de outubro. A esperança finalmente venceu o medo e a sociedade brasileira decidiu que estava na hora de trilhar novos caminhos”, diz Lula no início do discurso. A Comunicação entre ele e o povo é a relação do perder-se no outro, é a esperança como viscosidade essencial, como ele sugere na sua fala: “[...] a sociedade brasileira escolheu mudar e começou, ela mesma, a promover a mudança”.

Lula resgata na sua comunicação o sonho tão caro àqueles brasileiros que viveram o período da ditadura militar, da repressão. O sonho onde cabem todas as diferenças sociais, econômicas, culturais. Estabelece o que Maffesoli define como “unicidade”, ou seja, a união de elementos diversos agindo em sinergia:

Chegou a hora de transformar o Brasil naquela nação com a qual a gente sempre sonhou: uma nação soberana, consciente da própria importância no cenário internacional e, ao mesmo tempo, capaz de abrigar, acolher e tratar com justiça todos os seus filhos, diz Lula.

Mas, com um perfil de estadista, ele situa a mudança não como um ato revolucionário, agressivo, “de esquerda”, e sim, com uma linguagem ponderada:

Vamos mudar, sim. Mudar com coragem e cuidado, humildade e ousadia. Mudar tendo consciência que a mudança é um processo gradativo e continuado, não um simples ato de vontade, não um arroubo voluntarista. Mudança por meio do diálogo e da negociação, sem atropelos ou precipitações, para que o resultado seja consistente e duradouro.

Nesta mesma perspectiva ele diz das principais virtudes que devemos ter para transformar o Brasil - estas que, durante os governos anteriores ao seu, pareciam não caber, se lembrarmos as críticas ácidas aos oponentes - paciência e perseverança:

O Brasil é um país imenso, um continente de alta complexidade humana, ecológica e social, com quase 175 milhões de habitantes. [...] Se queremos transformá-lo, a fim de vivermos em uma nação em que todos possam andar de cabeça erguida, teremos de exercer cotidianamente duas virtudes: a paciência e a perseverança.

Neste trecho do discurso ele se refere ao povo brasileiro chamando-o de “meu povo”, em uma situação de pertencimento, junção afetual. Este aspecto direciona nosso pensamento, em Maffesoli, onde a “*persona*” só vai existir na sua relação com o outro, em uma pulsão gregária:

O povo brasileiro, tanto em sua história mais antiga, quanto na mais recente, tem dado provas incontestáveis de sua grandeza e generosidade, provas de sua capacidade de mobilizar a energia nacional em grandes momentos cívicos; e eu desejo, antes de qualquer outra coisa, convocar o meu povo, justamente para um grande mutirão cívico, para um mutirão nacional contra a fome.

Retomando a comunicação marcadamente emocional, ele diz: “Creio num futuro grandioso para o Brasil, por que: a nossa alegria é maior do que a nossa dor, a nossa força é maior do que a nossa miséria, a nossa esperança é maior do que o nosso medo”.

Onde está o *logos* desta grandiosidade? Esta comunicação se perde no afetual. Situando como sua principal meta erradicar a fome através do programa Fome Zero ele declara em mais uma fala de forte apelo emocional: “Como disse em meu primeiro pronunciamento após a eleição, se ao final do meu mandato, todos os brasileiros tiverem a possibilidade de tomar café da manhã, almoçar e jantar, eu terei cumprido a missão de minha vida”.

Ao conclamar a população para o combate à fome, ele compara essa meta com a criação da Petrobrás e a luta pela redemocratização do país:

Essa é uma causa que pode e deve ser de todos, sem distinção de classe, partido, ideologia. Em face do clamor dos que padecem o flagelo da fome deve prevalecer o imperativo ético de somar forças, capacidades e instrumentos para defender o que é mais sagrado: a dignidade humana.

Eis aqui um dos imperativos da comunicação em Maffesoli, a solidariedade. Mas, por outro aspecto, sabemos quão subjetiva é a questão da fome em seu amplo espectro; os programas assistencialistas ajudam efetivamente a corrigir a fome, no presente. É o prato de comida que se dá hoje. Mas em que medida o alcance do Fome Zero será uma renovação diária de atitudes, as quais alterarão efetivamente o quadro da fome? E o que menos temos observado no governo Lula é a prevalência do imperativo ético. Enquanto no discurso a emoção resolve a questão da fome, a razão torna mais práticos e, freqüentes, os caminhos e esquinas da corrupção. Os escândalos desencadeados em seu governo ilustram, em parte, a superficialidade, a inconsistência da mudança alardeada no discurso. E, cabe lembrarmos, que em Maffesoli, a informação vale pelo seu caráter afetivo onde a razão se dilui como algo menor. Grande parte da sociedade brasileira preferiu calar frente a essa mudança imprevista. Ao estilo do presidente, neste momento, utilizam uma outra face da comunicação de Lula: “eu não sabia”. A ênfase no presente, deste presenteísmo característico da Pós-Modernidade, em detrimento da preocupação com o futuro - do “dever ser” - substitui aquele modo de ser revolucionário imperativo da Modernidade, alteração esta que Maffesoli compreende como sendo uma espécie de passividade ativa, intersticial, subversiva. Surge aqui, uma Categoria *a posteriori*, a Pós-Modernidade, em Maffesoli, que entrará nesta análise após a Categoria Argumentação).

Com o afetual dominante na Comunicação de Lula, houve uma neutralização do racional, e o “não sabia de nada”, tantas vezes proferido por Lula, frente às acusações, teve o mesmo valor da palavra Mudança. Se ele diz que vai mudar o país, então ele vai. Se ele diz que não sabia de nada, então ele não sabia [...]. Esta comunicação com base na emoção é um ato de fé, daí o perder-se no outro, o presenteísmo, a comunicação fragmentada.

Quanto à adesão de “milhões de brasileiros e brasileiras contra a fome, o desemprego e a desigualdade social” Lula diz:

Trata-se de uma poderosa energia solidária que a nossa campanha despertou e que não podemos e não vamos desperdiçar. Uma energia ético-política extraordinária que nos empenharemos para que se encontre canais de expressão em nosso governo.

Por tudo isso, acredito no pacto social. [...] Trabalharemos em equipe, sem personalismo, pelo bem do Brasil e vamos adotar um novo estilo de Governo com absoluta transparência e permanente estímulo à participação popular.

O combate à corrupção e a defesa da ética no trato da coisa pública serão objetivos centrais e permanentes do meu governo. É preciso enfrentar com determinação e derrotar a verdadeira cultura da impunidade que prevalece em certos setores da vida pública.

Não permitiremos que a corrupção, a sonegação e o desperdício continuem privando a população de recursos que são seus e que tanto poderiam ajudar na sua dura luta pela sobrevivência.

A energia solidária que, segundo Lula, a campanha despertou mostra o tipo de comunicação que ele suscitou nos eleitores e no povo brasileiro, centrada na viscosidade, na emoção, no afetual, uma ética da estética, características da socialidade moderna, de um cotidiano presenteísta, politeísta.

Quanto a “energia ético-política extraordinária” a qual ele pretendia fazer empenho para que encontrasse canais de expressão em seu governo, vimos dissipar-se e originar uma “política-milionária”, sem ética e de duvidosa energia. Os fatos de corrupção do primeiro mandato vieram contestar em profundidade essa fala de Lula e mostrou um discurso cuja retórica estava amiúde a serviço, não do *logos* como elemento preponderante, mas, do *ethos*.

O novo estilo de governar, com absoluta transparência, acabou por revelar um governo onde a Comunicação entre seus integrantes e o presidente encontrava um sinônimo distinto para “transparente”: inexistente - afinal, a cada escândalo (Lula dizia não saber de nada). Ainda que tenha dito em seu discurso que: “Ser honesto é mais do que apenas não roubar e não deixar roubar. É também aplicar com eficiência e transparência, sem desperdícios, os recursos públicos focados em resultados sociais concretos”, tivemos o Mensalão, o Caso Palocci, o Dossiê Cuiabá, o escândalo dos Cartões Corporativos, a venda da Varig [...]. Mas, o governo Lula que tem se mostrado tão preocupado com alguns preconceitos, constrangimentos provocados por algumas “expressões” de uso popular, também tem demonstrado que realmente pode “Mudar” a corrupção, e, quem sabe, passar a “denominá-la”: “solidariedade entre os [eticamente descendentes]”:

### 3.2.2 Lula e a Argumentação no Discurso de Posse do 1º Mandato

A Categoria Argumentação apresenta no trecho seguinte, o Enquadramento do Real, com o uso de um Argumento de Autoridade, em uma construção “a contrário”. Quando Lula menciona o “esgotamento de um Modelo”, está desqualificando a opinião do governo anterior, de seus opositores no pleito eleitoral que o elegeu, utilizando para isso, Argumentos de Apelo a Pressupostos Comuns como Pontos de Vista e Valores:

em vez de gerar crescimento, produziu estagnação, desemprego e fome; diante do fracasso de uma cultura do individualismo, do egoísmo, da indiferença perante o próximo, da desintegração das famílias e das comunidades. Diante das ameaças à soberania nacional, da precariedade avassaladora da segurança pública, do desrespeito aos mais velhos e do desalento dos mais jovens; diante do impasse econômico, social e moral do país, a sociedade brasileira escolheu mudar e começou, ela mesma, a promover a mudança necessária. Foi para isso que o povo brasileiro me elegeu Presidente da República: para mudar.

Neste trecho do discurso está presente um Argumento de Descrição e Amplificação, onde Lula seleciona o elemento “mudança”, qualificando-o, e assim, fazendo uso do Argumento de Qualificação. Antecipa o resultado dessa mudança, interpretando-o como sendo, “consistente e duradouro”:

Vamos mudar, sim. Mudar com coragem e cuidado, humildade e ousadia. Mudar tendo consciência de que a mudança é um processo gradativo e continuado, não um simples ato de vontade, não um arroubo voluntarista. Mudança por meio do diálogo e da negociação, sem atropelos ou precipitações, para que o resultado seja consistente e duradouro.

Quando passa a elaborar essa “mudança” Lula vai utilizar um Argumento de Vínculo Analógico, fazendo uso da Comparação do Brasil que, até então “seguia à deriva, ao sabor dos ventos” com um novo Brasil, “uma nação em que todos possam andar de cabeça erguida”, e segue utilizando argumentos de apelo a pressupostos comuns, neste caso, a valores abstratos - esperança e perseverança -, justamente mais ligados, segundo Breton, à justificação de Mudança, (pois, o uso de valores concretos indicaria uma perspectiva conservadora):

O Brasil é um país imenso, um continente de alta complexidade humana, ecológica e social, com quase 175 milhões de habitantes. Não podemos deixá-lo seguir à deriva, ao sabor dos ventos, carente de um verdadeiro projeto de desenvolvimento nacional e de um planejamento de fato estratégico. Se queremos transformá-lo, a fim de vivermos em uma nação em que todos possam andar de cabeça erguida, teremos de exercer quotidianamente duas virtudes: a paciência e a perseverança.

Na seqüência do discurso há outro Argumento de Apelo a Pressupostos Comuns, Argumento baseado em uma Definição da Natureza Humana, quando Lula menciona o controle que “será necessário as muitas e legítimas ansiedades sociais”. No mesmo trecho, o Argumento Analógico por Comparação, quando ele diz que estas ansiedades devem ser atendidas no ritmo adequado e no momento justo, “pelo simples motivo de que ninguém pode colher os frutos antes de plantar as árvores”:

Teremos que manter sob controle as nossas muitas e legítimas ansiedades sociais, para que elas possam ser atendidas no ritmo adequado e no momento justo; teremos que pisar na estrada com os olhos abertos e caminhar com os passos pensados, precisos e sólidos, pelo simples motivo de que ninguém pode colher os frutos antes de plantar as árvores.

Na seqüência, ao invés de Argumentos, temos apenas, figuras de Retórica:

Este é um país extraordinário. Da Amazônia ao Rio Grande do Sul, em meio a populações praieiras, sertanejas e ribeirinhas, o que vejo em todo lugar é um povo maduro, calejado e otimista. Um povo que não deixa nunca de ser novo e jovem, um povo que sabe o que é sofrer, mas sabe também o que é alegria, que confia em si mesmo em suas próprias forças. Creio num futuro grandioso para o Brasil, porque a nossa alegria é maior do que a nossa dor, a nossa força é maior do que a nossa miséria, a nossa esperança é maior do que o nosso medo.

A questão da Fome - que, assim como A Mudança, são aspectos

norteadores desse discurso de posse - aparece aqui em um Argumento Dedutivo, pois “num país que conta com tantas terras férteis e com tanta gente que quer trabalhar, não deveria haver razão alguma para se falar em fome”, diz Lula. Segue-se um Argumento de Descrição, preenchendo o que ele denomina “história antiga” da Fome, juntamente com elementos de Qualificação e Amplificação:

Num país que conta com tantas terras férteis e com tanta gente que quer trabalhar, não deveria haver razão alguma para se falar em fome. No entanto, milhões de brasileiros, no campo e na cidade, nas zonas rurais mais desamparadas e nas periferias urbanas, estão, neste momento, sem ter o que comer. Sobrevivem milagrosamente abaixo da linha da pobreza, quando não morrem de miséria, mendigando um pedaço de pão. Essa é uma história antiga. O Brasil conheceu a riqueza dos engenhos e das plantações de cana-de-açúcar nos primeiros tempos coloniais, mas não venceu a fome; proclamou a independência nacional e aboliu a escravidão, mas não venceu a fome; conheceu a riqueza das jazidas de ouro, em Minas Gerais, e da produção de café, no Vale do Paraíba, mas não venceu a fome; industrializou-se e forjou um notável e diversificado parque produtivo, mas não venceu a fome. Isso não pode continuar assim.

Neste trecho do discurso aparece o Argumento de Autoridade pelo Exemplo. Considerando a criação do Programa Fome Zero como verdadeira possibilidade de que se combata a fome no país, Lula quer todos unidos nesse objetivo assumido por ele e por seu governo, como uma grande causa nacional como foram a criação da Petrobrás e a luta pela redemocratização:

Por isso, defini entre as prioridades de meu governo um programa de segurança alimentar que leva o nome de “Fome Zero”. Como disse em meu primeiro pronunciamento após a eleição, se, ao final do meu mandato, todos os brasileiros tiverem a possibilidade de tomar café da manhã, almoçar e jantar, terei cumprido a missão da minha vida. É por isso que hoje conclamo: Vamos acabar com a fome em nosso país.

Transformemos o fim da fome em uma grande causa nacional, como foram no passado a criação da Petrobras e a memorável luta pela redemocratização do país.

Em outro trecho temos o Argumento de Apelo a Pressupostos Comuns com base em argumentos éticos:

Essa é uma causa que pode e deve ser de todos, sem distinção de classe, partido, ideologia. Em face do clamor dos que padecem o flagelo da fome, deve prevalecer o imperativo ético de somar forças, capacidades e instrumentos para defender o que é mais sagrado: a dignidade humana.

Para isso, será também imprescindível fazer uma reforma agrária pacífica, organizada e planejada.

Vamos garantir acesso à terra para quem quer trabalhar, não apenas por uma questão de justiça social, mas para que os campos do Brasil produzam mais e tragam mais alimentos para a mesa de todos nós, tragam trigo, tragam soja, tragam farinha, tragam frutos, tragam o nosso feijão com arroz.

Para que o homem do campo recupere sua dignidade sabendo que, ao se levantar com o nascer do sol, cada movimento de sua enxada ou do seu trator irá contribuir para o bem-estar dos brasileiros do campo e da cidade, vamos incrementar também a agricultura familiar, o cooperativismo, as formas de economia solidária.

Outro aspecto observado em relevo no discurso de Lula é a criação de empregos. Temos aqui o Argumento de Vínculo Analógico, com uma Comparação Analógica, onde o Brasil, através do pacto social pela mudança, e uma aliança entre trabalho e capital produtivo sairá da “estagnação atual” e voltará “a navegar no mar aberto do desenvolvimento econômico e social”. O pacto social também viabilizará “as reformas que a sociedade brasileira reclama [...]”:

Quero reafirmar aqui o meu compromisso com a produção, com os brasileiros e brasileiras que querem trabalhar e viver dignamente do fruto do seu trabalho. Disse e repito: criar empregos será a minha obsessão. Vamos dar ênfase especial ao Projeto Primeiro Emprego, voltado para criar oportunidades aos jovens, que hoje encontram tremenda dificuldade em se inserir no mercado de trabalho [...].

Para repor o Brasil no caminho do crescimento, que gere os postos de trabalho tão necessários, carecemos de um autêntico pacto social pela mudança e de uma aliança que entrelace objetivamente o trabalho e o capital produtivo, geradores da riqueza fundamental da nação, de modo a que o Brasil supere a estagnação atual e para que o país volte a navegar no mar aberto do desenvolvimento econômico e social.

O pacto social será, igualmente, decisivo para viabilizar as reformas que a sociedade brasileira reclama e que eu me comprometi a fazer: a reforma da Previdência, reforma tributária, reforma política e da legislação trabalhista, além da própria reforma agrária. Esse conjunto de reformas vai impulsionar um novo ciclo do desenvolvimento nacional.

Ao mencionar, neste trecho, o pacto social pela mudança, identificamos o Argumento de Qualificação, com a sua justificação. Depois, o Argumento de

Amplificação - introduzindo detalhes, acentuando alguns aspectos - proporcionando com que certos elementos tenham sua presença aumentada na consciência do auditório, como valores, opiniões em comum:

Instrumento fundamental desse pacto pela mudança será o Conselho Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social que pretendo instalar já a partir de janeiro, reunindo empresários, trabalhadores e lideranças dos diferentes segmentos da sociedade civil. Além do apoio da imensa maioria das organizações e dos movimentos sociais, contamos também com a adesão entusiasmada de milhões de brasileiros e brasileiras que querem participar dessa cruzada pela retomada pelo crescimento, contra a fome, o desemprego e a desigualdade social. Trata-se de uma poderosa energia solidária que a nossa campanha despertou e que não podemos e não vamos desperdiçar. Uma energia ético-política extraordinária que nos empenharemos para que se encontre canais de expressão em nosso governo. [...] Trabalharemos em equipe, sem personalismo, pelo bem do Brasil e vamos adotar um novo estilo de Governo com absoluta transparência e permanente estímulo à participação popular.

O Argumento de Apelo a Pressupostos Comuns aparece neste trecho relacionado a valores, a argumentos éticos, onde Lula é veemente ao falar no combate a corrupção, na defesa da ética, da necessária eficiência e transparência no uso dos recursos públicos - tudo aquilo para o qual o Partido dos Trabalhadores sempre ergueu sua bandeira, sempre defendeu como máxima e que a população brasileira considerava como inadiável na política brasileira. Lula enfatiza essa necessidade “popular” dizendo:

Não permitiremos que a corrupção, a sonegação e o desperdício continuem privando a população de recursos que são seus e que tanto poderiam ajudar na sua dura luta pela sobrevivência”. Ou seja, o que em princípio, aqui no discurso, era Argumento, enquanto Lula e o PT eram inexperientes como Governo Federal, no exercício da Presidência, depois da posse demonstraram se tratar de uma Retórica à serviço da sedução, sem o compromisso com o convencer através da razão: O combate à corrupção e a defesa da ética no trato da coisa pública serão objetivos centrais e permanentes do meu governo. É preciso enfrentar com determinação e derrotar a verdadeira cultura da impunidade que prevalece em certos setores da vida pública.

Não permitiremos que a corrupção, a sonegação e o desperdício continuem privando a população de recursos que são seus e que tanto poderiam ajudar na sua dura luta pela sobrevivência.

### 3.2.3 Lula e a Pós-Modernidade no Discurso de Posse do 1º Mandato

A Categoria Pós-Modernidade, em Maffesoli, com o seu contraste entre o arcaico e o desenvolvimento tecnológico onde a tribo caracteriza-se por uma emoção partilhada, e a vida Pós-Moderna apresenta-se feita de afetos, de sentimentos, de excessos que “nos dirigem mais do que os dominamos” (MAFFESOLI, 2001, p. 24) aparece neste discurso de Lula e nos seguintes também.

Se em um aspecto, o governo está preocupado em erradicar a fome, a miséria em que vive grande parte da população, em outro, surge o contraste com um Brasil que “necessita valorizar seu capital humano investindo em conhecimento e tecnologia”. Tirar a população pobre do primitivismo da Fome e conectá-la como “capital humano” no mundo atual. Pois, é preciso produzir, diz Lula: “sobretudo vamos produzir. A riqueza que conta é aquela gerada por nossas próprias mãos, produzida por nossas máquinas, pela nossa inteligência e pelo suor”. É o presenteísmo da Pós-Modernidade:

O ponto principal do modelo para o qual queremos caminhar é a ampliação da poupança interna e da nossa capacidade própria de investimento, assim como o Brasil necessita valorizar o seu capital humano investindo em conhecimento e tecnologia.  
Sobretudo vamos produzir. A riqueza que conta é aquela gerada por nossas próprias mãos, produzida por nossas máquinas, pela nossa inteligência e pelo nosso suor.

### 3.2.4 Lula e o Espetáculo no Discurso de Posse do 1º Mandato

A Categoria Espetáculo em Schwantzenberg (1979, p. 44), no discurso de posse do 1º mandato de Lula, revela o que ele denomina “Homem Comum”, “Homem Ordinário”, “virtuoso do convencional, amador das convicções de massa”. Político que consolida o grupo “ao preservar as explicações costumeiras e populares”, correspondendo, ao que Gerard denomina “reflexos populistas”. Podemos notar este aspecto no trecho do discurso, no qual Lula chama de “visões

muitas vezes estreitas e egoístas do significado de integração” - ao referir-se à crise dos países formadores do MERCOSUL - e, depois, quando utiliza a expressão “Cuidaremos” referindo-se as dimensões, social, cultural e científico-tecnológica do processo de integração para os quais “estimularemos empreendimentos conjuntos”, diz Lula:

A grande prioridade da política externa durante o meu governo será a construção de uma América do Sul politicamente estável, próspera e unida, com base em ideais democráticos e de justiça social. Para isso é essencial uma ação decidida de revitalização do Mercosul, enfraquecido pelas crises de cada um de seus membros e por visões muitas vezes estreitas e egoístas do significado da integração. O Mercosul, assim como a integração da América do Sul em seu conjunto, é sobretudo um projeto político. Mas esse projeto repousa em alicerces econômico-comerciais que precisam ser urgentemente reparados e reforçados. Cuidaremos também das dimensões social, cultural e científico-tecnológica do processo de integração. Estimularemos empreendimentos conjuntos e fomentaremos um vivo intercâmbio intelectual e artístico entre os países sul-americanos.

Neste outro trecho esta perspectiva anterior se complementa com as expressões “apoiaremos os arranjos internacionais [...]”, “contribuiremos [...]” (para solucionar as crises dos países vizinhos), “empenho de cooperação concreta e de diálogos substantivos” [...] com todos os países da América Latina. Ou seja, a busca de promover a igualdade também com os outros países “em desenvolvimento”.

Apoiaremos os arranjos institucionais necessários, para que possa florescer uma verdadeira identidade do Mercosul e da América do Sul. Vários dos nossos vizinhos vivem hoje situações difíceis. Contribuiremos, desde que chamados e na medida de nossas possibilidades, para encontrar soluções pacíficas para tais crises, com base no diálogo, nos preceitos democráticos e nas normas constitucionais de cada país.

O mesmo empenho de cooperação concreta e de diálogos substantivos teremos com todos os países da América Latina:

É interessante notar as expressões que antecedem as intenções de relacionamento com os países do 1º mundo: “procuraremos ter” - no caso dos Estados Unidos; “trataremos de fortalecer o entendimento e a cooperação” com a União Européia e Estados-Membros e, com outros países desenvolvidos como o Japão; ao se referir a China, a Índia, a Rússia, a África do Sul, os quais denomina como grandes nações em desenvolvimento, utiliza a expressão “aprofundaremos relações”. E, “reafirmamos os laços profundos” ao se referir a todo o continente africano demonstrando a “disposição de contribuir ativamente para que ele desenvolva as suas enormes potencialidades”. Ou seja, podemos notar um desejo de igualitarismo e um tom populista na busca de uma verdadeira aproximação com os países em desenvolvimento o que se mostra diferente do tratamento utilizado para com os países desenvolvidos. O que prevalece é a possibilidade de identificação:

Procuraremos ter com os Estados Unidos da América uma parceria madura, com base no interesse recíproco e no respeito mútuo. Trataremos de fortalecer o entendimento e a cooperação com a União Européia e os seus Estados-Membros, bem como com outros importantes países desenvolvidos, a exemplo do Japão.

Aprofundaremos as relações com grandes nações em desenvolvimento: a China, a Índia, a Rússia, a África do Sul, entre outros.

Reafirmamos os laços profundos que nos unem a todo o continente africano e a nossa disposição de contribuir ativamente para que ele desenvolva as suas enormes potencialidades.

Ao dizermos do “homem comum” cabe lembrarmos o prazer da igualdade que ele suscita, e segundo Gérard, personifica a desforra dos “pequenos”, dos “obscuros”, dos “não graduados” contra os grandes, o que transparece neste trecho do discurso de Lula:

Sim, temos uma mensagem a dar ao mundo: temos de colocar nosso projeto nacional democraticamente em diálogo aberto, como as demais nações do planeta, porque nós somos o novo, somos a novidade de uma civilização que se desenhou sem temor, porque se desenhou no corpo, na alma e no coração do povo, muitas vezes, à revelia das elites, das instituições e, até mesmo, do Estado.

O “homem comum” tem como perspectiva o igualitarismo, diz Schwantzenberg (1979, p. 44), ou seja, o que ele chama de “prazer da igualdade”, ainda que seja puramente aparente, completa. Lula, ao situar o Brasil em relação às outras nações, revela essa visão igualitária:

Se conseguirmos voltar a andar em paz em nossas ruas e praças, daremos um extraordinário impulso ao projeto nacional de construir, neste rincão da

América, um bastião mundial da tolerância, do pluralismo democrático e do convívio respeitoso com a diferença.

O Brasil pode dar muito a si mesmo e ao mundo. Por isso devemos exigir muito de nós mesmos. Devemos exigir até mais do que pensamos, porque ainda não nos expressamos por inteiro na nossa história, porque ainda não cumprimos a grande missão planetária que nos espera.

O Brasil, nesta nova empreitada histórica, social, cultural e econômica, terá de contar, sobretudo, consigo mesmo; terá de pensar com a sua cabeça; andar com as suas próprias pernas; ouvir o que diz o seu coração. E todos vamos ter de aprender a amar com intensidade ainda maior o nosso País, amar a nossa bandeira, amar a nossa luta, amar o nosso povo.

Outra fala em que fica evidenciada a característica do que Schwantzenberg (1979, p. 44) diz do “Homem Comum”, mostra em Lula a possibilidade de identificação com esse “homem do povo saído das fileiras, com esse dirigente que veio da base, com esse *self-made-man* que suscita a adesão por identidade”:

Cada um de nós, brasileiros, sabe que o que fizemos até hoje não foi pouco, mas sabe também que podemos fazer muito mais. Quando olho a minha própria vida de retirante nordestino, de menino que vendia amendoim e laranja no cais de Santos, que se tornou torneiro mecânico e líder sindical, que um dia fundou o Partido dos Trabalhadores e acreditou no que estava fazendo, que agora assume o posto de supremo mandatário da nação, vejo e sei, com toda a clareza e com toda a convicção, que nós podemos muito mais.

E, para isso, basta acreditar em nós mesmos, em nossa força, em nossa capacidade de criar e em nossa disposição para fazer.

Estamos começando hoje um novo capítulo na história do Brasil, não como nação submissa, abrindo mão de sua soberania, não como nação injusta, assistindo passivamente ao sofrimento dos mais pobres, mas como nação altiva, nobre, afirmando-se corajosamente no mundo como nação de todos, sem distinção de classe, etnia, sexo e crença.

Neste outro trecho também observamos este aspecto que está contido de forma bem marcada quando Lula, ao enumerar os motivos pelos quais o Brasil vai dar um salto de qualidade, coloca, sobretudo, “os dons e poderes do seu povo”, e, quando mais adiante afirma que “hoje é o dia do reencontro do Brasil consigo mesmo”, outra vez promove a adesão por identidade. Ele que irá se intitular “o servidor público número um” do país:

Este é um país que pode dar, e vai dar um verdadeiro salto de qualidade. Este é o país do novo milênio, pela sua potência agrícola, pela sua estrutura urbana e industrial, por sua fantástica biodiversidade, por sua riqueza cultural, por seu amor à natureza, pela sua criatividade, por sua competência intelectual e científica, por seu calor humano, pelo seu amor

ao novo e à invenção, mas, sobretudo, pelos dons e poderes do seu povo. O que nós estamos vivendo hoje neste momento, meus companheiros e minhas companheiras, meus irmãos e minhas irmãs de todo o Brasil, pode ser resumido em poucas palavras: hoje é o dia do reencontro do Brasil consigo mesmo. Agradeço a Deus por chegar até aonde cheguei. Sou agora o servidor público número um do meu país.

### 3.2.5 Lula e o Socioleto no Discurso de Posse do 1º Mandato

Na categoria Socioleto temos de forma clara a transição de um discurso Acrático para um discurso Encrático, pois Lula faz um paralelo, no qual a palavra Mudança é o divisor de águas, entre o Lula fora do poder criticando “o que eles fizeram” (governos anteriores até o do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso) e o Lula eleito, tomando posse, com um discurso “dentro do poder”, ainda que, no discurso aponte para diferenças que serão colocadas em sua prática como presidente. A seguir, alguns trechos que ilustram esse aspecto de um discurso Encrático. Com a Mudança, representada por seu governo, se contrapondo ao que denomina “esgotamento do modelo anterior”. Lula agora é o poder:

“Mudança”; esta é a palavra chave, esta foi a grande mensagem da sociedade brasileira nas eleições de outubro. A esperança finalmente venceu o medo e a sociedade brasileira decidiu que estava na hora de trilhar novos caminhos.

Diante do esgotamento de um modelo que, em vez de gerar crescimento, produziu estagnação, desemprego e fome; diante do fracasso de uma cultura do individualismo, do egoísmo, da indiferença perante o próximo, da desintegração das famílias e das comunidades

Em um contraponto com as precariedades que identifica no governo anterior estabelece mudanças necessárias, afinal “foi para isso que o povo brasileiro me elegeu Presidente da República. Para mudar”, diz Lula:

Diante das ameaças à soberania nacional, da precariedade avassaladora da segurança pública, do desrespeito aos mais velhos e do desalento dos mais jovens; diante do impasse econômico, social e moral do país, a

sociedade brasileira escolheu mudar e começou, ela mesma, a promover a mudança necessária.

Foi para isso que o povo brasileiro me elegeu Presidente da República: para mudar. Este foi o sentido de cada voto dado a mim e ao meu bravo companheiro José Alencar Para repor o Brasil no caminho do crescimento, que gere os postos de trabalho tão necessários, carecemos de um autêntico pacto social pelas mudanças e de uma aliança que entrelace objetivamente o trabalho e o capital produtivo, geradores da riqueza fundamental da nação, de modo a que o Brasil supere a estagnação atual e para que o país volte a navegar no mar aberto do desenvolvimento econômico e social.

Aqui Lula vai situar sua eleição à presidência como um momento raro na vida de um povo, por ser o resultado expressivo da vontade nacional que está ao seu lado, representada por um grande contingente de eleitores, de diversos segmentos da sociedade. Em outro aspecto temos o combate à corrupção que será um objetivo permanente e central de seu governo - que pretende, distinto dos governos anteriores:

Estamos em um momento particularmente propício para isso. Um momento raro da vida de um povo. Um momento em que o Presidente da República tem consigo, ao seu lado, a vontade nacional. O empresariado, os partidos políticos, as Forças Armadas e os trabalhadores estão unidos. Os homens, as mulheres, os mais velhos, os mais jovens, estão irmanados em um mesmo propósito de contribuir para que o país cumpra o seu destino histórico de prosperidade e justiça.

O combate à corrupção e a defesa da ética no trato da coisa pública serão objetivos centrais e permanentes do meu governo. É preciso enfrentar com determinação e derrotar a verdadeira cultura da impunidade que prevalece em certos setores da vida pública.

Em se tratando de um discurso Enclítico ele revela o relacionamento construtivo e fraterno que seu governo manterá com os outros Poderes da República - por certo pretendendo exercer o poder com poucas, ou mesmo raras medidas provisórias; com nenhuma interferência direta ou indireta em CPIs, que possam surgir em seu mandato; sem favorecimentos que possam vir de seus ministros ou assessores com relação a integrantes dos outros poderes - Lula diz:

Sob a minha liderança o Poder Executivo manterá uma relação construtiva e fraterna com os outros Poderes da República, respeitando exemplarmente a sua independência e o exercício de suas altas funções constitucionais.

Em meu governo, o Brasil vai estar no centro de todas as atenções. O Brasil

precisa fazer em todos os domínios um mergulho para dentro de si mesmo, de forma a criar forças que lhe permitam ampliar o seu horizonte. Fazer esse mergulho não significa fechar as portas e janelas ao mundo.

Retomando o aspecto de ter consigo a vontade nacional, afirma o diferencial de seu governo (discurso encrático) que irá adotar um novo estilo “com absoluta transparência e permanente estímulo à participação popular” e “sem personalismo”:

Estamos em um momento particularmente propício para isso. Um momento raro da vida de um povo. Um momento em que o Presidente da República tem consigo, ao seu lado, a vontade nacional. O empresariado, os partidos políticos, as Forças Armadas e os trabalhadores estão unidos. Os homens, as mulheres, os mais velhos, os mais jovens, estão irmanados em um mesmo propósito de contribuir para que o país cumpra o seu destino histórico de prosperidade e justiça.

Por tudo isso, acredito no pacto social. Com esse mesmo espírito constituí o meu Ministério com alguns dos melhores líderes de cada segmento econômico e social brasileiro. Trabalharemos em equipe, sem personalismo, pelo bem do Brasil e vamos adotar um novo estilo de Governo com absoluta transparência e permanente estímulo à participação popular.

### **3.2.6 Considerações Parciais: as Categorias Comunicação, Argumentação Espetáculo e Socioleto no Discurso de Posse do 1º Mandato**

As categorias Comunicação, Pós-Modernidade, Argumentação, Espetáculo e Socioleto no discurso de Lula durante a posse do primeiro mandato mostraram uma Comunicação marcadamente emocional, onde Lula utiliza expressões como “convocar o meu povo”, o que poderia ser “convocar o povo brasileiro”. Quando diz “enquanto houver um irmão ou irmã brasileira passando fome”, ao utilizar irmão, irmã, estabelece um vínculo de proximidade afetual que simula uma realidade familiar, ou ainda, ao dizer que “trata-se de uma poderosa energia solidária que nossa campanha despertou”, temos presente a viscosidade, a vontade do “estar-junto” onde o que importa é o compartilhamento das emoções, característico da Pós-Modernidade em Maffesoli. São utilizados argumentos de enquadramento e de reenquadramento do real e de Vínculo, mas há muitos argumentos de valores e pontos de vista que sugerem a busca do acordo prévio de um auditório,

compartilhando os mesmos valores, pontos de vista, opinião - sendo assim, argumentos conservadores, de ressonância, os quais proporcionam “efeito de comunidade”, acabando por tirar a ação de convencer do campo da Argumentação, e isto, segundo Breton (1999), é característico do “populismo” e da “demagogia”. A proposta do discurso aborda com ênfase a Mudança, a questão da Fome, da Corrupção e do Emprego como valores partilhados pelo “auditório”. Em uma perspectiva de comunicação, buscando intervir, no contexto da recepção, com muitos argumentos de vínculo analógico por comparação e pelo exemplo, que parecem bastante eficientes em convencer o auditório, já predisposto pelo que Breton (1999) estabelece como confiança do auditório no orador, o que se dá neste caso, quer seja pela trajetória política de Lula, quer seja pelo carisma com que sua “persona” passou a ser percebida por grande parte da população brasileira. Um discurso caracterizado em seu Espetáculo político pelo que Schwartzberg denomina “Homem Comum”: “o prazer da igualdade”. Ainda que possa ser uma igualdade aparente. “Ele corresponde a reflexos populistas. Personifica a desforra dos “pequenos” contra os “grandes”, diz Schwartzberg (1978), o que fica evidenciado quando Lula diz:

Sim, temos uma mensagem a dar ao mundo: temos de colocar nosso projeto nacional democraticamente em diálogo aberto com as demais nações do planeta, porque nós somos o novo, somos a novidade de uma civilização que se desenhou sem temor, porque se desenhou no corpo, na alma e no coração do povo, muitas vezes, à revelia das elites, da instituições e até mesmo do Estado.

Como em diversos momentos do discurso ficou representado, estamos diante de um discurso “de dentro do poder” - Encrático, pois Lula adere às circunstâncias desse poder: “Sob a minha liderança o Poder Executivo manterá uma relação construtiva e fraterna com os outros Poderes da República, respeitando exemplarmente a sua independência e o exercício de suas altas funções constitucionais”. Lula quer o “combate” à cultura da impunidade: “O combate à corrupção e a defesa da ética no trato da coisa pública serão objetivos centrais e permanentes de meu governo” e, afirma: “Não permitiremos que a corrupção, a sonegação e o desperdício continuem privando a população de recursos que são

seus e que tanto poderiam ajudar na sua dura luta pela sobrevivência”, uma fala de quando ainda representava o discurso Acrático sendo projetada para seu discurso Encrático, porém, no decorrer deste primeiro mandato mostrou que estava mais potencializada no discurso Acrático.

### 3.3 LULA: CANDIDATO À REELEIÇÃO DURANTE A CONVENÇÃO NACIONAL DO PT

#### 3.3.1 Lula: a Comunicação e a Pós-Modernidade no Discurso como Candidato à Reeleição, na Convenção Nacional do PT

A Comunicação em Maffesoli neste discurso durante a convenção do PT, onde Lula se apresenta como candidato à reeleição, mostra o tribalismo existente entre ele e os integrantes do partido quando, ao chamá-los por “companheiras e companheiros”, diz o quanto custou “a cada um de nós chegar até aqui”, mencionando batalhas vencidas, preconceitos removidos, armadilhas desmontadas para chegar a realizar o que ele define como “sonho coletivo de ter um trabalhador na Presidência do Brasil”, o que Lula acentua ao dizer: “juntos mostramos que um trabalhador tem condições de dirigir com competência um país da importância do Brasil”. A vontade do “estar-junto” marca esta trajetória político-partidária de Lula, assim como, o compartilhar das emoções em comum:

Companheiras e companheiros,  
 Vocês sabem, muito bem, quanto custou a cada um de nós chegar até aqui. Quanta batalha foi preciso vencer, quanto preconceito foi preciso remover, quanta armadilha foi preciso desmontar.  
 Vocês sabem como foi difícil realizar aquele sonho que parecia impossível: o sonho coletivo de ter um trabalhador na Presidência do Brasil.  
 Juntos, conseguimos mostrar que este sonho não apenas era possível, como era justo e necessário. Juntos, mostramos ao mundo que um trabalhador tem condições de dirigir com competência um país da importância do Brasil. Que pode fazer isso governando para todos e sem trair os interesses da população mais pobre.

As emoções são partilhadas, e o perder-se no outro tem como ilustração o que Lula define como “chamamento”, uma

sinergia entre ele e os integrantes desta tribo, o PT:

Hoje eu estou aqui para dizer a vocês que aceitei, mais uma vez, o chamamento. O chamamento que vem de vocês, mas que vem, também, do fundo do meu coração.

O chamamento para continuar a luta de construção de um Brasil mais justo e independente, onde cada brasileiro possa fazer três refeições todos os dias; possa ter emprego, educação e saúde; possa viver em um país cada vez mais moderno e humano; e possa, acima de tudo, ter esperança de um futuro cada vez melhor.

O papel que Lula representa, a “*persona*”, construída em sua relação com o outro, fixa essa comunicação no presente coletivo, tribal, onde tudo se complementa. A possibilidade racional, como podemos ver no trecho abaixo, fica anulada - o projeto de mudança, de um Brasil melhor, com melhores condições para os pobres, com programas sociais tornando a vida deles mais digna - nas palavras do discurso de Lula, fica estabelecido: só com ele na presidência, pois, do contrário, uma sentença: nada mais existe de positivo fora dessa tribo, PT.

Companheiros e companheiras,

Sou outra vez candidato não por ambição, mas porque o projeto de mudança do Brasil tem que continuar. Volto a ser candidato porque o Brasil, hoje, está melhor do que o Brasil que encontrei três anos e meio atrás, mas pode - e precisa - melhorar muito mais.

Volto a ser candidato porque os pobres estão menos pobres e poderão continuar melhorando de vida, caso sejam mantidos --e aprofundados-- os programas sociais que implantamos.

Volto a ser candidato, porque abrimos as portas do Brasil para o século 21, lançando projetos que farão o nosso país dar o grande salto nas áreas de energia, infra-estrutura e pesquisa científica. E esses projetos precisam ter continuidade e apoio nos próximos anos.

Neste outro trecho podemos observar elementos de uma comunicação identificada com a percepção do outro. O aprendizado de Lula “nos últimos anos, muitas vezes com sofrimento e injustiças” busca interagir com essas pessoas - pois sabemos quanto sofrimento e injustiças, principalmente, os mais carentes, os trabalhadores com condições de trabalho e salários indignos, e mesmo a classe mais pobre, sofre. Lula com essas palavras reforçaria a essência do tribalismo. E com uma retórica emocional ele vai reforçar a ligação dele com as pessoas, aliando sua candidatura com o fato de amar o Brasil, o povo - “meu povo” - e, sem ódio no

peito. Acentua-se com a afirmação afetual de Lula de estar se candidatando por “ter feito e porque irá continuar a fazer um governo capaz de unir os brasileiros”. Um modo de interagir e vibrar que se fixa no emocional:

Volto a ser candidato porque me sinto ainda mais maduro e preparado, pois aprendi bastante nos últimos anos, muitas vezes com sofrimento e injustiças.

Volto a ser candidato porque amo o Brasil, amo meu povo e não tenho ódio no peito. Porque tenho feito e continuarei a fazer um governo capaz de unir os brasileiros.

Outro exemplo do tribalismo pode ser visto quando Lula diz “Hoje, as vozes do atraso estão de volta. E como não têm uma boa obra no passado e nem propostas para o futuro, fazem da agressão e da calúnia as suas principais armas”. O racional está ausente. Há um partilhar que leva a interação, porém elimina a informação como verdade. O próprio Lula fez no discurso referência a Petrobrás como das maiores e mais importantes obras já feitas no Brasil - isso para falar do ponto de vista dele. Sabemos que “agressão e calúnia” - ao menos na visão dos que na época estavam no poder - foram armas constantemente usadas pelo PT enquanto oposição, sem esquecer o envolvimento de pessoas do partido e diretamente ligadas ao presidente Lula na compra e no vazamento do Dossiê Cuiabá, que visava atingir o PSDB; no caso Palocci, ao violarem a quebra de sigilo bancário do caseiro Francelino; no Dossiê com dados sobre o uso do cartão corporativo no governo de Fernando Henrique - com as despesas de Fernando Henrique Cardoso e da esposa, Ruth - que havia sido feito na Casa Civil em cuja direção estava a ministra Dilma Rousseff. E, quando Lula fala “Pensam que o povo esqueceu o tamanho do buraco que eles cavaram [...]” deixa esquecido o buraco deixado pelo Mensalão, pelo uso dos cartões corporativos no governo dele, Lula. Quando diz: “Mas eles nunca escutaram a voz do povo” reforça a questão do tribalismo atual entre ele e muitas pessoas do povo, deixando esquecer que estas mesmas pessoas, por várias eleições, deixaram de votar no Lula, supostamente por acharem que de alguma forma os outros partidos também sabiam escutar “a voz do povo” - que, como se espera, em uma democracia, possamos escutar as diferentes vozes de um povo, e, de tempos em tempos, estas escolhas se alternam. Lula elimina essas escolhas anteriores do “povo”. A ênfase dessa comunicação é o presente vivido juntos, e, como na música, “o melhor lugar do mundo

é aqui e agora”:

Hoje, as vozes do atraso estão de volta. E como não têm uma boa obra no passado e nem propostas para o futuro, fazem da agressão e da calúnia as suas principais armas.

Pensam que o povo esqueceu o que eles fizeram com o nosso país. Pensam que o povo esqueceu o tamanho do buraco que eles cavaram, e que só não engoliu o Brasil porque o Brasil era muito maior do que o abismo que eles construíram.

Nos lares, nas praças, nas fábricas e nos campos, o povo está dizendo que não os quer de volta. Mas eles nunca escutaram a voz do povo, e, obviamente, não vão querer escutá-la agora.

Também podemos ver a eficiência deste tipo de comunicação quando Lula diz que a miséria teve uma redução de 8%, e 3 milhões e 200 mil pessoas saíram da linha de pobreza, “é como se um país inteiro de miseráveis tivesse levantado a cabeça e saído a caminhar em busca de um destino melhor. Isso ocorre porque temos hoje no Brasil um dos maiores e mais eficientes programas de transferência de renda do mundo” - o Fome Zero, cujo programa de “maior visibilidade” é o Bolsa Família - diz Lula. Este é o programa de transferência de renda para os pobres, e têm bastado para os pobres viverem essa prática, afinal, eles não têm a vivência de um dos maiores programas de transferência de renda do mundo, que foi o Mensalão. Também pouco se divulga que, ainda segundo o IPEA, os 10% mais ricos ainda concentram 75% da riqueza do país. E que, os mais pobres pagam, proporcionalmente, três vezes mais impostos sobre circulação de mercadorias e serviços do que os ricos, equivalendo a 6% dos rendimentos dos pobres e, 5,7% da renda dos mais ricos. É a valorização do palpável, do próximo, do agora. A emoção em detrimento da razão:

Conforme a Pnad, entre 2003 e 2004, a miséria teve uma redução de 8%, e 3 milhões e 200 mil pessoas saíram da linha de pobreza.

É como se um país inteiro de miseráveis tivesse levantado a cabeça e saído a caminhar em busca de um destino melhor.

Isso só ocorre porque temos, hoje, no Brasil, alguns dos maiores e mais eficientes programas de transferência de renda do mundo.

Eles formam uma grande rede de promoção e proteção social cuja cabeça é o Fome Zero; e o principal braço, o Bolsa Família.

O Fome Zero é, na verdade, um guarda-chuva de cidadania que integra ações de combate à fome, transferência de renda, acesso a alimentos mais baratos e fortalecimento da agricultura familiar.

O Bolsa Família é o programa de mais visibilidade do Fome Zero.

[...] Não estamos dando esmola. Estamos transferindo renda, garantindo o direito à alimentação e ampliando a cidadania.

Outro trecho onde podemos observar uma comunicação tomada pela identificação, pela emoção, onde prevalece o “perder-se no outro”, traz Lula “conversando com alguns convidados especiais” os quais ele diz serem “amigos que são a cara deste Brasil belo e sofrido. Deste Brasil que é a razão da minha existência e ao qual jurei dedicar a minha vida”, diz Lula e, que de alguma forma, vai relacionar com fatos ocorridos na sua própria vida:

Companheiros e companheiras,  
Permitam-me, agora, conversar um pouco com meus convidados especiais. Com estes amigos que são a cara deste Brasil belo e sofrido. Deste Brasil que é a razão da minha existência e ao qual jurei dedicar a minha vida.

Através do exemplo de Seu Arnaldo ele vai contar sobre o programa “Luz para Todos”, relaciona a vida dele com a vida de “seu Arnaldo” e lembra que na infância também não teve luz em casa. A sensação de vivência conjunta. Lula quer “ser o presidente que vai apagar a última lamparina da casa mais humilde do Brasil”:

Meu caro Arnaldo Pereira: melhor do que ninguém, eu posso medir a sua alegria e de sua família quando o programa luz para todos levou energia elétrica para a propriedade de vocês, lá no Vale do Ribeira, em São Paulo. Em boa parte da minha infância, Arnaldo, eu não tive luz em casa. Era difícil para minha mãe cozinhar e costurar com a luz de candeeiro. É por isso que uma das minhas maiores alegrias como presidente é já ter levado energia elétrica para 3 milhões e 300 mil de pessoas, nos pontos mais remotos do país. E quero ir além: quero ser o presidente que vai apagar a última lamparina da casa mais humilde do Brasil.

Sabe por que Arnaldo? Entre outras coisas, para poder ouvir histórias como a de uma companheira nossa, lá do sertão do Ceará, que nos primeiros dias em que a energia chegou à sua casa, ficou acendendo a luz do quarto a noite inteira. O marido perguntou por que ela estava fazendo aquilo. E ela respondeu: “É porque eu nunca tinha visto a cara do meu filho dormindo de noite”.

Em linguagem emocional coloca seus adversários políticos como incapazes de ver a importância dos programas de seu governo, e, declara como ele sofre com as injustiças - pelo povo, com o povo, ele também sendo “povo”:

São emoções como esta, Arnaldo, que fazem valer a pena ser presidente. Elas amenizam algumas injustiças que a gente sofre e nos mostram o tamanho do equívoco daqueles que acham que os programas que

favorecem os mais humildes, como o luz para todos, são investimentos desnecessários e mal feitos.

A mesma coisa, dona Maria, eles dizem do Bolsa Família, que beneficia a senhora e toda a sua família, aqui em Formosa. Eles são incapazes de ver a importância que tem este programa para as 11 milhões de famílias que hoje são beneficiadas por ele.

Através de Priscila fala dos feitos de seu governo com relação a educação:

Vejo ali a Priscila de Jesus, do Rio de Janeiro, que está podendo cursar a universidade porque conseguiu uma das 203 mil bolsas do Prouni.

Saiba, Priscila, que o Prouni é apenas um aspecto da grande transformação que estamos fazendo na educação.

[...] Estamos criando as bases para investir em todos os níveis de ensino, Priscila, porque sabemos que os pobres, os trabalhadores e a classe média, merecem ter uma pré-escola boa, um curso fundamental eficiente, um nível médio de qualidade, uma universidade moderna e uma pós-graduação de excelência.

[...] Este esforço na educação tem que continuar, Priscila. Pois educação não é apenas instrumento de promoção social e econômica, mas, também, de cidadania. E somente através do conhecimento poderemos fazer a verdadeira revolução que o Brasil precisa.

Neste outro trecho Lula homenageia, através de Antonio Klein, todos os heróis anônimos “que colocam comida barata na mesa do brasileiro e ajudam a melhorar a vida dos seus compatriotas” - aqui um exemplo da integração na comunicação de Lula, utilizando uma situação particular, prática, para falar de seu governo de forma emocional. Sai de um exemplo concreto para abranger a totalidade:

Quero também saudar Antonio Klein, este gaúcho de fibra, batalhador do nosso campo. Em sua pessoa, quero homenagear todos heróis anônimos que colocam comida barata na mesa do brasileiro e ajudam a melhorar a vida dos seus compatriotas.

Sei da importância do trabalho de vocês, Antonio. Foi por isso que quase triplicamos o volume de recursos do Pronaf. Foi por isso que criamos o seguro agrícola para a agricultura familiar, e que fizemos a repactuação e o alongamento de dívidas do crédito rural, tirando mais de 500 mil produtores rurais da inadimplência.

As mudanças no microcrédito também são enfatizadas através de alguém do seu “auditório”, a quem ele designa de “amigo”, sugerindo uma proximidade, uma articulação entre as partes:

Mas eu quero comentar com meu amigo Enoque Lopes, que mora em Fortaleza, e que recebeu financiamento para tocar a sua lanchonete, as profundas mudanças que estamos fazendo no crédito popular no Brasil. Já concretizamos mais de 17 milhões de operações de microcrédito, com taxa de juros máxima de 2%, num total de R\$ 3 bilhões emprestados. Ampliamos, também, o crédito direto ao consumidor, criando formas de crédito consignado para trabalhadores da ativa e aposentados.

A casa própria recebe seu comentário através do exemplo que Lula utiliza de uma figura feminina, Ana Cristina, que adquiriu a casa própria, “concretizando seu sonho”. Ele aproveita para dizer da duplicação dos recursos federais para a habitação [...]. “Tudo isso”, diz ele, “para que pessoas pobres, e da classe média, possam ter seu próprio teto”:

E você, Ana Cristina Rodrigues, que está concretizando seu sonho da casa própria, saiba que duplicamos os recursos federais para a habitação e aumentamos, para 397 mil, a média anual de unidades financiadas pelo governo federal. Tudo isso para que pessoas pobres, e da classe média, possam ter seu próprio teto.

Com Alex de Oliveira ele vai enfatizar a eficiência, rapidez do atendimento do Samu. Assim Alex, como outras milhares de pessoas pôde ter sua vida salva graças a essa qualidade:

E deixei você por último, Alex Oliveira, porque sua história é singela e comovente. Sua vida foi salva por causa do atendimento rápido e eficiente do Samu, aqui em Brasília. Saiba que o Samu está implantado, hoje, em 647 municípios brasileiros, beneficiando, diariamente, milhares de pessoas. [...] Entre 2003 e 2005, o repasse do SUS para Estados e municípios cresceu 35%. O programa agente comunitário de saúde foi reforçado com mais de 38 mil agentes; o programa Saúde da Família aumentou o número de equipes, de municípios beneficiados e de beneficiários.

O PT é visto por Lula como o “partido mais autenticamente popular do Brasil”. E, de forma implícita, se referindo aos escândalos do Mensalão, caso Palocci, Dossiê Cuiabá ele diz: “os adversários tentaram se aproveitar de algumas condutas equivocadas para generalizar culpas”; E intitula o PT como o único construído, de baixo para cima, com os sonhos e a dor de milhões de brasileiros”. Nesta fala de

Lula temos a comunicação fragmentada, investida de emoções e sentimentos. Cabe lembrar o fato de que, “algumas condutas equivocadas”, até em menor grau das construídas por alguns integrantes do PT, e diretamente ligados a Lula, resultaram no *impeachment* do ex-presidente Fernando Collor. A oposição, mais acentuadamente o PT, não poupou “algumas condutas equivocadas” de Collor e de PC Farias:

Ao longo de sua história, o PT tem enfrentado muitas lutas e muitas dificuldades. Mas, sem dúvida, nunca enfrentamos uma crise como a que se abateu sobre nós no ano passado.

A oposição aproveitou-se de algumas condutas equivocadas para generalizar culpas e tentar destruir o partido mais autenticamente popular do Brasil; o único construído, de baixo para cima, com os sonhos e a dor de milhões de brasileiros.

Nossos adversários tentaram se aproveitar de algumas situações, para passar a falsa idéia de que nosso governo compactuava com atos ilícitos.

Mas a sociedade entendeu o que se passou e sabe que se determinados fatos afloraram é porque este foi o governo que mais apurou --e puniu-- a corrupção em toda a história [...].

O resultado é que nunca se apurou tanto e com tanta liberdade.

### **3.3.2 Lula e a Argumentação no Discurso como Candidato à Reeleição, na Convenção Nacional do PT**

A Categoria Argumentação encontra neste próximo trecho um Argumento de Autoridade por Competência, onde Lula vai mencionar os motivos de voltar a ser candidato. Enumerando as conquistas de seu governo com a expressão “provamos”, “consequimos”, “melhoramos” é possível observarmos o uso de Argumentos de Qualificação e de Amplificação:

Volto a ser candidato porque conseguimos recuperar uma economia que encontramos profundamente fragilizada. [...] Volto a ser candidato porque demos às classes mais pobres um alto índice de crescimento de renda e de poder de consumo. E porque tenho a certeza de que podemos continuar reduzindo a desigualdade social que ainda é grande no nosso país.

Volto a ser candidato porque melhoramos a educação, e vamos melhorá-la mais ainda, oferecendo ensino de qualidade em todos os níveis e fazendo com que a universidade seja cada vez mais acessível para os mais pobres.

Volto a ser candidato porque me sinto ainda mais maduro e preparado, pois

aprendi bastante nos últimos anos, muitas vezes com sofrimento e injustiças. [...] Volto a ser candidato porque amo o Brasil, amo meu povo e não tenho ódio no peito. Porque tenho feito e continuarei a fazer um governo capaz de unir os brasileiros.

Quando fala “as vozes do atraso estão de volta”, “do que eles fizeram no final do governo deles”, “como não têm uma boa obra no passado e nem propostas para o futuro”, “pensam que o povo esqueceu”, “mas eles nunca escutaram a voz do povo e obviamente não vão querer escutá-la agora” há o Argumento de Autoridade “a contrário”, visando desqualificar as opiniões e conseqüentemente as ações dos adversários:

Companheiros e companheiras, Hoje, as vozes do atraso estão de volta. E como não têm uma boa obra no passado e nem propostas para o futuro, fazem da agressão e da calúnia as suas principais armas.

Pensam que o povo esqueceu o que eles fizeram com o nosso país. Pensam que o povo esqueceu o tamanho do buraco que eles cavaram, e que só não engoliu o Brasil porque o Brasil era muito maior do que o abismo que eles construíram.

Nos lares, nas praças, nas fábricas e nos campos, o povo está dizendo que não os quer de volta. Mas eles nunca escutaram a voz do povo, e, obviamente, não vão querer escutá-la agora.

O Argumento de Vínculo Analógico por Comparação Simples é utilizado para inserir a opinião de que no governo anterior nada havia de positivo, “época de desesperança e da baixa estima”. Enquanto o governo Lula, ao contrário, “trabalhando sem tréguas” - assim iniciou “o processo de mudança e reconstrução do Brasil”:

Todos se lembram do final do governo deles, quando a economia encolhia, o emprego diminuía e a pobreza aumentava. Era o tempo da instabilidade e da vulnerabilidade econômica. Era a época da insensibilidade social e do sucateamento da infra-estrutura. Era o tempo dos grandes apagões. Era o final da sanha privatista que dilapidou o patrimônio público. Era a época da desesperança e da baixa estima.

Começamos a trabalhar sem tréguas. Não nos queixamos da realidade, nem nos deixamos paralisar pela herança recebida. Iniciamos o processo de mudança e de reconstrução do Brasil que continua ainda hoje.

Além do Argumento de Vínculo Analógico por Comparação, temos também o Argumento de Amplificação e de Qualificação:

Os números e os fatos demonstram que seguimos o caminho certo. Vamos começar comparando alguns números da economia.

Quando assumimos o governo, o país estava à beira da falência, com uma dívida externa de 210,7 bilhões de dólares e um risco Brasil de quase 2000 pontos.

Em três anos e meio, zeramos nossa dívida com o FMI, diminuimos a dívida restante para 161 bilhões de dólares e derrubamos o risco Brasil para os patamares mais baixos desde que é medido. Hoje ele está em 260 pontos.

Enquanto, com eles, a relação da dívida externa líquida com o PIB aumentou de 17,4% para 35,9%; conosco ela diminuiu de 35,9% para apenas 9,4%.

[..] Tudo isso, somado, significa uma economia sólida, capaz de garantir o crescimento de forma sustentada e com força para resistir aos solavancos externos.

O Argumento de Enquadramento, argumento de Autoridade por Competência aparece marcado pelas expressões “acabou-se o tempo” - leia-se, do governo anterior e das coisas ruins - e “hoje” (governo Lula) dos aspectos positivos “Melhorou o Brasil e a vida dos Brasileiros”, diz Lula:

Acabou-se o tempo em que um leve resfriado nos mercados globalizados significava uma grave pneumonia no Brasil.

Porém, mais importante que os indicadores macroeconômicos são os benefícios concretos na vida das pessoas.

Melhoria de vida se mede, principalmente, pela capacidade de consumo da população pobre, não pelo consumo sofisticado dos mais ricos. E hoje o brasileiro, em especial o brasileiro pobre e de classe média, tem melhor capacidade de consumo.

Hoje muitos brasileiros pobres estão comendo melhor, porque ganham mais e têm alimento mais barato; podem construir ou reformar sua casa, porque baixamos os impostos e o preço do material de construção diminuiu; podem comprar sua geladeira, seu fogão e sua televisão, porque a renda melhorou e o crédito está mais acessível.

Hoje vivemos uma feliz combinação de inflação baixa, melhor poder aquisitivo das classes mais pobres e melhor acesso ao crédito.

Aqui também observamos Argumento de Autoridade por Competência, Argumento de Amplificação e de Qualificação:

Sei que muito ainda precisa ser feito para diminuir a pobreza e a desigualdade social. Mas estamos no caminho certo. E aqui me permitam fazer uma nova comparação com o passado recente.

O valor do índice Gini, que mede a desigualdade social, foi o menor dos

últimos 29 anos. Repito: o menor dos últimos 29 anos.  
 Conforme a Pnad, entre 2003 e 2004, a miséria teve uma redução de 8%, e 3 milhões e 200 mil pessoas saíram da linha de pobreza.  
 [...] Isso só ocorre porque temos, hoje, no Brasil, alguns dos maiores e mais eficientes programas de transferência de renda do mundo.  
 Eles formam uma grande rede de promoção e proteção social cuja cabeça é o Fome Zero; e o principal braço, o Bolsa Família.  
 [...] Nos nossos três anos e meio de governo, transferimos para as famílias carentes um volume de recursos 36% maior, em proporção ao PIB, que nos oito anos do governo deles.

Observamos Argumento de Vínculo pelo Exemplo, Argumento de Amplificação e de Qualificação, também neste trecho:

[...] Como exemplo do apoio ao pequeno empreendedor, quero citar o grande avanço que conseguimos na agricultura familiar. O crédito triplicou: enquanto no último ano de governo eles investiram 2,4 bilhões de reais no Pronaf, nós investimos 7,5 bilhões na safra 2005-2006. [...] Nos oito anos de governo deles, a taxa de desemprego aberto aumentou 41%. Nos nossos três anos e meio, a taxa de desemprego aberto diminuiu 13,7%. E o mais importante: enquanto eles criaram, em média, 8,3 mil empregos por mês, nós estamos criando uma média de 102 mil empregos mensais. Por isso, já criamos mais de quatro milhões de empregos com carteira assinada, um montante superior ao que eles criaram nos seus oito longos anos de inércia.  
 [...] Para não cansá-los com outros números, resumo o restante numa frase: fizemos em 42 meses mais que eles em 8 anos. Porém, mesmo que tivéssemos feito o dobro, ainda seria pouco, frente a imensa dívida social deixada por séculos de descaso com os mais pobres deste país.

Argumento de Vínculo Analógico pelo Exemplo pode ser observado neste trecho a seguir, onde Lula, através de “convidados especiais”, vai relacionar a vida deles com o período anterior ao governo Lula e as conquistas deles durante seu governo, assim como projeções de continuidade dessas melhorias. Este tipo de argumento, segundo Breton, é considerado como prático, eficaz, espontâneo:

Companheiros e companheiras,  
 Permitam-me, agora, conversar um pouco com meus convidados especiais. Com estes amigos que são a cara deste Brasil belo e sofrido. Deste Brasil que é a razão da minha existência e ao qual jurei dedicar a minha vida.  
 Meu caro Arnaldo Pereira: melhor do que ninguém, eu posso medir a sua alegria e de sua família quando o programa luz para todos levou energia elétrica para a propriedade de vocês, lá no Vale do Ribeira, em São Paulo.  
 Em boa parte da minha infância, Arnaldo, eu não tive luz em casa. Era difícil para minha mãe cozinhar e costurar com a luz de candeieiro.  
 É por isso que uma das minhas maiores alegrias como presidente é já ter

levado energia elétrica para 3 milhões e 300 mil de pessoas, nos pontos mais remotos do país. E quero ir além: quero ser o presidente que vai apagar a última lamparina da casa mais humilde do Brasil [...].

Neste próximo trecho, considerando-se todos os escândalos que envolveram o governo Lula no primeiro mandato, não temos o que Breton considera verdadeiro argumento, mas, o que segue, seria retórico. Notamos não o “convencer”, através da razão, mas, da emoção, principalmente ao dizer que “a oposição aproveitou-se de algumas condutas equivocadas para generalizar culpas e tentar destruir o partido mais autenticamente popular do Brasil” [...] “Nossos adversários tentaram se aproveitar de algumas situações, para passar a falsa idéia de que nosso governo compactuava com atos ilícitos”. - quando sabemos que dirigentes do PT, ministros e assessores de Lula estiveram diretamente relacionados aos escândalos de corrupção, e não podemos aceitar como argumento que Lula possa dizer: “Mas a sociedade entendeu o que se passou e sabe que se determinados fatos afloraram é porque este foi o governo que mais apurou - e puniu - a corrupção em toda a história. [...] O resultado é que nunca se apurou tanto e com tanta liberdade. Repito aqui o que já disse antes: depois de apurar todas as responsabilidades, a Justiça deve punir quem tiver culpa comprovada. Eu serei o primeiro a apoiar e aplaudir.” Quando o que vimos foi o arquivamento de CPIs, os integrantes do governo votando no Congresso para deixar de punir os culpados. O espetáculo retórico segue neste trecho:

Os que me atacaram injustamente, e tentaram me destruir, se esqueceram que em toda a minha história eu convivi, da forma mais democrática possível, com a divergência e a adversidade [...] Lembro de quantas divergências e disputas internas enfrentamos na campanha pela redemocratização do país. [...] Ali eu tinha embates francos, e limpos, com homens como João Amazonas, Leonel Brizola, Miguel Arraes e Ulysses Guimarães. Que falta, companheiros, homens como estes fazem ao Brasil! [...] Os tempos que vivemos hoje são muito diferentes. [...] Não quero posar de vítima ou de herói. Quero apenas poder cumprir com meu dever, honrar a confiança do povo e terminar meu governo em paz. [...] O Brasil precisa do PT para seguir em frente e o meu governo precisa do PT para governar. Quero fazer um governo que amplie nossos compromissos com os mais pobres, pois o melhor caminho de servir melhor a todos é atender primeiro os que mais necessitam.

### 3.3.3 Lula e o Espetáculo no Discurso como Candidato à Reeleição, na Convenção Nacional do PT

Na categoria Espetáculo, temos a possibilidade de identificação de Lula com o Homem Comum, ou Homem Ordinário - em Gerard Schwartzberg - este que ele denomina como o “prazer da identidade”. Neste discurso aparece com riqueza de situações este Homem Comum: “Vocês sabem muito bem quanto custou a cada um de nós chegar até aqui” [...] “o sonho coletivo de ter um trabalhador na Presidência do Brasil”. Lula se coloca em relação de pertencimento a eles, ao partido, aos trabalhadores: é o dirigente que veio da base, o “homem do povo saído das fileiras”, conforme Schwartzberg. Lula vai dirigir-se a eles por “companheiras, companheiros”, e vai enfatizar que as conquistas representam eles, “juntos”. Um trabalhador na presidência do Brasil:

Companheiras e companheiros,  
 Vocês sabem, muito bem, quanto custou a cada um de nós chegar até aqui. Quanta batalha foi preciso vencer, quanto preconceito foi preciso remover, quanta armadilha foi preciso desmontar.  
 Vocês sabem como foi difícil realizar aquele sonho que parecia impossível: o sonho coletivo de ter um trabalhador na Presidência do Brasil.  
 Juntos, conseguimos mostrar que este sonho não apenas era possível, como era justo e necessário. Juntos, mostramos ao mundo que um trabalhador tem condições de dirigir com competência um país da importância do Brasil. Que pode fazer isso governando para todos e sem trair os interesses da população mais pobre.

Como diz Schwartzberg, esse Homem Comum consolida o grupo ao preservar as explicações costumeiras e populares:

Hoje eu estou aqui para dizer a vocês que o sonho não acabou e a esperança não morreu.  
 Hoje eu estou aqui para dizer a vocês que aceitei, mais uma vez, o chamamento. O chamamento que vem de vocês, mas que vem, também, do fundo do meu coração.  
 O chamamento para continuar a luta de construção de um Brasil mais justo e independente, onde cada brasileiro possa fazer três refeições todos os dias; possa ter emprego, educação e saúde; possa viver em um país cada vez mais moderno e humano; e possa, acima de tudo, ter esperança de um futuro cada vez melhor.

Hoje estou aqui para dizer a vocês que decidi submeter meu nome e meu governo, humildemente, ao julgamento dos meus irmãos brasileiros. Hoje eu estou aqui para anunciar que sou, mais uma vez, candidato à Presidência da República.

Representando o prazer da igualdade, assim como, reflexos populistas, Lula diz ser outra vez candidato, porque os pobres estão menos pobres e poderão continuar melhorando de vida” se forem mantidos e aprofundados os programas sociais implantados em seu governo:

Sou outra vez candidato não por ambição, mas porque o projeto de mudança do Brasil tem que continuar. Volto a ser candidato porque o Brasil, hoje, está melhor do que o Brasil que encontrei três anos e meio atrás, mas pode - e precisa - melhorar muito mais. Volto a ser candidato porque os pobres estão menos pobres e poderão continuar melhorando de vida, caso sejam mantidos - e aprofundados - os programas sociais que implantamos. [...] E porque tenho a certeza de que podemos continuar reduzindo a desigualdade social que ainda é grande no nosso país.

Em Gérard - O Homem Comum é o elogio ao igualitarismo:

De cabeça erguida, posso olhar para vocês e dizer que obtivemos muitos avanços nesta luta, e como me sinto em condições de fazer muito mais, quero continuar à frente do governo de todos os brasileiros. Eu me sentiria frustrado se, nesta altura do meu governo, só pudesse mostrar bons indicadores macroeconômicos, sem que eles se refletissem na melhoria da vida do cidadão comum. Graças a Deus, o Brasil está conseguindo fazer da política econômica e da política social duas faces de uma mesma moeda. Por isso nossos indicadores sociais e os números da nossa economia são os melhores dos últimos dez anos.

Outro aspecto deste Homem Comum, ou Homem Ordinário, conforme Schwartzberg, é o que ele chama da “desforra dos “pequenos” contra os “grandes”, presente no trecho:

Hoje, as vozes do atraso estão de volta. E como não têm uma boa obra no passado e nem propostas para o futuro, fazem da agressão e da calúnia as suas principais armas.

Pensam que o povo esqueceu o que eles fizeram com o nosso país. Pensam que o povo esqueceu o tamanho do buraco que eles cavaram, e que só não engoliu o Brasil porque o Brasil era muito maior do que o abismo que eles construíram.

Nos lares, nas praças, nas fábricas e nos campos, o povo está dizendo que não os quer de volta. Mas eles nunca escutaram a voz do povo, e, obviamente, não vão querer escutá-la agora.

Porém, por mais que nos provoquem, não usaremos os mesmos métodos, pois temos armas limpas e poderosas. Uma delas é a comparação do que eles fizeram em oito anos de governo com o que nós estamos fazendo em penas três anos e meio.

A vitória dos “pequenos” contra os “grandes” também aparece neste trecho:

O caos que anunciaram que seria meu governo não aconteceu. Cumprimos contratos, negociamos com altivez nossas pendências, zeramos nossos débitos com o FMI e voltamos a crescer com justiça social.

Os números e os fatos demonstram que seguimos o caminho certo. Vamos começar comparando alguns números da economia.

Quando assumimos o governo, o país estava à beira da falência, com uma dívida externa de 210,7 bilhões de dólares e um risco Brasil de quase 2000 pontos [...]

Podemos ver, neste Homem Comum, o prazer da igualdade:

Porém, mais importante que os indicadores macroeconômicos são os benefícios concretos na vida das pessoas.

Melhoria de vida se mede, principalmente, pela capacidade de consumo da população pobre, não pelo consumo sofisticado dos mais ricos. E hoje o brasileiro, em especial o brasileiro pobre e de classe média, tem melhor capacidade de consumo.

Hoje muitos brasileiros pobres estão comendo melhor, porque ganham mais e têm alimento mais barato; podem construir ou reformar sua casa, porque baixamos os impostos e o preço do material de construção diminuiu; podem comprar sua geladeira, seu fogão e sua televisão, porque a renda melhorou e o crédito está mais acessível.

Outro trecho onde podemos perceber este “prazer da igualdade”:

Sei que muito ainda precisa ser feito para diminuir a pobreza e a desigualdade social. Mas estamos no caminho certo. E aqui me permitam fazer uma nova comparação com o passado recente. O valor do índice Gini, que mede a desigualdade social, foi o menor dos últimos 29 anos. Repito: o menor dos últimos 29 anos. Conforme a Pnad, entre 2003 e 2004, a miséria teve uma redução de 8%, e 3 milhões e 200 mil pessoas saíram da linha de pobreza. É como se um país inteiro de miseráveis tivesse levantado a cabeça e saído a caminhar em busca de um destino melhor.

Contrastando com o prazer da igualdade, temos a referência aos reflexos populistas:

O Bolsa Família é o programa de mais visibilidade do Fome Zero. [...]. Além da ajuda financeira a 11 milhões de famílias, o Bolsa Família está hoje integrado, entre outros programas, com o Brasil alfabetizado; com o Pronaf em ações na área da agricultura familiar; com o Peti, que é o programa de erradicação do trabalho infantil, e com o Sentinela, que combate a exploração sexual da criança e do adolescente. Não estamos dando esmola. Estamos transferindo renda, garantindo o direito à alimentação e ampliando a cidadania. Hoje, nossos programas de transferência de renda beneficiam a população de todos os Estados brasileiros. Eles melhoram a vida dos mais pobres e, ao mesmo tempo, ativam a economia de milhares de municípios, gerando renda e emprego para toda a comunidade. Nos nossos três anos e meio de governo, transferimos para as famílias carentes um volume de recursos 36% maior, em proporção ao PIB, que nos oito anos do governo deles.

Aqui temos o Homem Comum, “igual a todo mundo”:

Por minha história pessoal e minha formação política sou um homem que defendo a cultura do trabalho. E sei que somente com emprego e educação uma pessoa pode, definitivamente, melhorar de vida. É por isso que o eixo do nosso governo une o econômico, o social e o desenvolvimento tecnológico. Programas de transferência de renda convivem com políticas públicas de desenvolvimento e emprego. Equilíbrio macroeconômico é pano de fundo para o avanço social.

Ao comparar os resultados obtidos pelo governo Lula com o resultado do que ele denomina “governo deles” (Fernando Henrique Cardoso - PSDB), aparece novamente o ímpeto de mostrar a vitória dos “pequenos” (PT e governo Lula) contra os “grandes” (partidos estes, hoje, na oposição):

Eu quero encerrar este capítulo, comparando os resultados na área mais delicada e de mais forte demanda no mundo, que é a área do emprego. Nos oito anos de governo deles, a taxa de desemprego aberto aumentou 41%. Nos nossos três anos e meio, a taxa de desemprego aberto diminuiu 13,7%. E o mais importante: enquanto eles criaram, em média, 8,3 mil empregos por mês, nós estamos criando uma média de 102 mil empregos mensais. Por isso, já criamos mais de quatro milhões de empregos com carteira assinada, um montante superior ao que eles criaram nos seus oito longos anos de inércia. Para não cansá-los com outros números, resumo o restante numa frase: fizemos em 42 meses mais que eles em 8 anos. Porém, mesmo que tivéssemos feito o dobro, ainda seria pouco, frente a imensa dívida social deixada por séculos de descaso com os mais pobres deste país.

Quando estabelece uma “conversa” com “convidados especiais” aparece, novamente, o “prazer da igualdade”, a possibilidade de identificação deles com a história de Lula, assim como de Lula com eles: “Permitam-me, agora, conversar um pouco com meus convidados especiais. Com estes amigos que são a cara deste Brasil belo e sofrido. Deste Brasil que é a razão da minha existência e ao qual jurei dedicar a minha vida”.

Lula busca a identificação com o convidado “Arnaldo Pereira”, que assim como Lula, viveu parte da vida sem ter Luz em casa. Através dessa identificação, comenta o projeto “Luz para Todos” implantado em seu governo:

Meu caro Arnaldo Pereira: melhor do que ninguém, eu posso medir a sua alegria e de sua família quando o programa luz para todos levou energia elétrica para a propriedade de vocês, lá no Vale do Ribeira, em São Paulo. Em boa parte da minha infância, Arnaldo, eu não tive luz em casa. Era difícil para minha mãe cozinhar e costurar com a luz de candeeiro. É por isso que uma das minhas maiores alegrias como presidente é já ter levado energia elétrica para 3 milhões e 300 mil de pessoas, nos pontos mais remotos do país. E quero ir além: quero ser o presidente que vai apagar a última lamparina da casa mais humilde do Brasil. [...] São emoções como esta, Arnaldo, que fazem valer a pena ser presidente. Elas amenizam algumas injustiças que a gente sofre e nos mostram o tamanho do equívoco daqueles que acham que os programas que favorecem os mais humildes, como o luz para todos, são investimentos desnecessários e mal feitos.

Na identificação com a convidada, dona Maria, que assim como Lula - vivenciou a Fome durante sua infância - ela e sua família também sofreram este “infortúnio” e agora, pelo programa “Fome Zero”, do governo de Lula, é beneficiada por este “combate à fome”:

A mesma coisa, dona Maria, eles dizem do Bolsa Família, que beneficia a senhora e toda a sua família, aqui em Formosa. Eles são incapazes de ver a importância que tem este programa para as 11 milhões de famílias que hoje são beneficiadas por ele.

Na identificação com o Lula que não pôde prosseguir seus estudos, por dificuldades familiares e financeiras, mas que irá reforçar através de sua convidada Priscila o valor que dá ao estudo - e fala do Prouni, projeto de seu governo que dá bolsa a alunos carentes: “[...] Vejo ali a Priscila de Jesus, do Rio de Janeiro, que está podendo cursar a universidade porque conseguiu uma das 203 mil bolsas do Prouni”.

Na identificação com Ana Cristina Rodrigues, pelas dificuldades para adquirir a casa própria, também vividas por Lula, ele aproveita para citar a duplicação dos recursos federais para a habitação e o aumento da média anual de unidades de casas financiadas em seu governo:

[...] E você, Ana Cristina Rodrigues, que está concretizando seu sonho da casa própria, saiba que duplicamos os recursos federais para a habitação e aumentamos, para 397 mil, a média anual de unidades financiadas pelo governo federal. Tudo isso para que pessoas pobres, e da classe média, possam ter seu próprio teto.

O Homem Comum, vindo das camadas populares, o líder sindical que veio da base, intitula o seu governo como o de maior participação popular e de mais respeito aos movimentos sociais:

A síntese de nosso possível futuro governo será a distribuição de renda para que haja crescimento; o crescimento acelerado com estabilidade; e responsabilidade fiscal para manter a estabilidade. Conseguiremos isso porque vamos ampliar, ainda mais, a sólida parceria que firmamos com amplos setores da população. Nos últimos três anos e meio, mudamos a relação do Estado com a sociedade, fazendo o governo

de maior participação popular da história e de mais respeito aos movimentos sociais.

[...] Imaginem o que não poderemos fazer depois de termos ampliada e renovada a confiança popular?

Se reeleito, quero fazer um governo que reúna o que tiver de melhor na sociedade brasileira para mudarmos, ainda mais, o Brasil.

Na sua candidatura à reeleição, visualizamos o que Schwarzenberg estabelece como Homem Comum, aquele que atende ao igualitarismo, capaz de compreender as necessidades das pessoas comuns: “Quero fazer um governo que amplie nossos compromissos com os mais pobres, pois o melhor caminho de servir melhor a todos é atender primeiro os que mais necessitam”.

A identificação do Homem Comum, com o cidadão comum, pode ser vista neste trecho:

De cabeça erguida, posso olhar para vocês e dizer que obtivemos muitos avanços nesta luta, e como me sinto em condições de fazer muito mais, quero continuar à frente do governo de todos os brasileiros.

Eu me sentiria frustrado se, nesta altura do meu governo, só pudesse mostrar bons indicadores macroeconômicos, sem que eles se refletissem na melhoria da vida do cidadão comum.

### **3.3.4 Lula e o Socioleto no Discurso como candidato à reeleição, na Convenção Nacional do PT**

A Categoria Socioleto aparece já no início do discurso de Lula, quando ele diz: “vocês sabem, muito bem, quanto custou a cada um de nós chegar até aqui” - ao *poder*, leia-se. Lula estabelece nestas palavras, um discurso Encrático. A realização de “um sonho coletivo de ter um trabalhador na presidência do Brasil:

Vocês sabem, muito bem, quanto custou a cada um de nós chegar até aqui. Quanta batalha foi preciso vencer, quanto preconceito foi preciso remover, quanta armadilha foi preciso desmontar.

Vocês sabem como foi difícil realizar aquele sonho que parecia impossível: o sonho coletivo de ter um trabalhador na Presidência do Brasil.

Neste outro trecho, irá se revelar novamente candidato à Presidência da República. Estando ainda no poder, se candidata para mantê-lo, dizendo ter decidido submeter seu nome e seu governo:

Hoje estou aqui para dizer a vocês que decidi submeter meu nome e meu governo, humildemente, ao julgamento dos meus irmãos brasileiros. Hoje eu estou aqui para anunciar que sou, mais uma vez, candidato à Presidência da República.

Lula fala, neste trecho, dos projetos feitos “dentro do poder” e que necessitam de “continuidade e apoio nos próximos anos”, ou seja, com ele se mantendo no poder, se mantém o “governo de todos os brasileiros”. O governo cujos projetos “precisam ter continuidade e apoio nos próximos anos” - mas apenas mantendo Lula no poder terão continuidade os projetos - “do meu governo”, e por vezes, “do nosso governo” diz Lula, que quer continuar “à frente do governo de todos os brasileiros”:

Volto a ser candidato, porque abrimos as portas do Brasil para o século 21, lançando projetos que farão o nosso país dar o grande salto nas áreas de energia, infra-estrutura e pesquisa científica. E esses projetos precisam ter continuidade e apoio nos próximos anos.

[...] De cabeça erguida, posso olhar para vocês e dizer que obtivemos muitos avanços nesta luta, e como me sinto em condições de fazer muito mais, quero continuar à frente do governo de todos os brasileiros.

Eu me sentiria frustrado se, nesta altura do meu governo, só pudesse mostrar bons indicadores macroeconômicos, sem que eles se refletissem na melhoria da vida do cidadão comum.

O caos que anunciaram que seria meu governo não aconteceu. Cumprimos contratos, negociamos com altivez nossas pendências, zeramos nossos débitos com o FMI e voltamos a crescer com justiça social. É por isso que o eixo do nosso governo une o econômico, o social e o desenvolvimento tecnológico.

O discurso de Lula traça um paralelo entre o seu governo - dentro do poder - e o governo anterior - hoje, fora do poder:

Nos oito anos de governo deles, a taxa de desemprego aberto aumentou 41%. Nos nossos três anos e meio, a taxa de desemprego aberto diminuiu 13,7%.

E o mais importante: enquanto eles criaram, em média, 8,3 mil empregos

por mês, nós estamos criando uma média de 102 mil empregos mensais. Por isso, já criamos mais de quatro milhões de empregos com carteira assinada, um montante superior ao que eles criaram nos seus oito longos anos de inércia.

Se somarmos as vagas abertas no mercado informal e no setor público, o número de empregos criados por nós é de 5 milhões e 600 mil.

Para não cansá-los com outros números, resumo o restante numa frase: fizemos em 42 meses mais que eles em 8 anos. Porém, mesmo que tivéssemos feito o dobro, ainda seria pouco, frente a imensa dívida social deixada por séculos de descaso com os mais pobres deste país.

Quando fala do PT e da crise vivida (a partir de 2005) por causa dos escândalos envolvendo dirigentes do partido e pessoas ligadas diretamente ao governo, Lula critica os adversários, a oposição (antes, governo) “que tentaram se aproveitar de algumas situações, para passar a falsa idéia de que nosso governo compactuava com atos ilícitos”:

A oposição aproveitou-se de algumas condutas equivocadas para generalizar culpas e tentar destruir o partido mais autenticamente popular do Brasil; o único construído, de baixo para cima, com os sonhos e a dor de milhões de brasileiros.

Nossos adversários tentaram se aproveitar de algumas situações, para passar a falsa idéia de que nosso governo compactuava com atos ilícitos.

No discurso de dentro do poder, Lula diz, “este foi o governo que mais apurou - e puniu - a corrupção em toda a história”. (Observamos, segundo fatos relatados nos meios de comunicação, o arquivamento das CPIs que investigavam os atos ilícitos de pessoas - ministros, assessores de Lula -, através dos votos da maioria, diga-se, governo, deixando assim, de “punir os culpados”):

Mas a sociedade entendeu o que se passou e sabe que se determinados fatos afloraram é porque este foi o governo que mais apurou - e puniu - a corrupção em toda a história.

Respeitamos a independência do Ministério Público, reforçamos a Controladoria Geral da União e imprimimos uma nova dinâmica à Polícia Federal. O resultado é que nunca se apurou tanto e com tanta liberdade.

Repito aqui o que já disse antes: depois de apurar todas as responsabilidades, a Justiça deve punir quem tiver culpa comprovada. Eu serei o primeiro a apoiar e aplaudir.

### **3.3.5 Conclusões parciais: as categorias Comunicação, Argumentação, Pós-Modernidade, Espetáculo e Socioleto no discurso como Candidato à Reeleição, na Convenção Nacional do PT**

As categorias Comunicação, Pós-Modernidade, Argumentação, Espetáculo e Socioleto no discurso de Lula durante a Convenção Nacional do PT, mostraram uma Comunicação que reforça o tribalismo, principalmente em momentos em que diz “Mas eles nunca escutaram a voz do povo”, onde sabemos que, durante uma convenção do PT, a maioria são “pessoas do povo”, trabalhadores. Dizer isso é dar ênfase a viscosidade, ao perder-se no outro - Lula veio do povo. Mas, em uma democracia, o povo, de tempos em tempo vai alternando essas “vozes”, suas escolhas e, notamos o quanto esta fala de Lula tem de retórica da sedução, das paixões. A ênfase é dada pelo compartilhamento das emoções em detrimento da razão o que caracteriza a Pós-Modernidade, onde programas de transferência de renda buscando reduzir as desigualdades sociais convivem com programas e projetos na área de inovação tecnológica como os *softwares*, fármacos, bens de capital, semicondutores, TV digital, assim como os setores de energia, transporte, insumos básicos e construção civil. A argumentação neste discurso de Lula vai buscar o acordo prévio com seu auditório principalmente através de Argumento de Enquadramento do real com argumentos de autoridade de competência. Lula vai se colocar como “autoridade”, a qual conseguiu fazer em “apenas quatro anos o que eles não conseguiram fazer em oito anos”, e vai apresentar várias situações através de comparação - argumento de ligação analógico por comparação, considerado por Breton (1978) de uso freqüente na política. Lula utiliza também com propriedade Argumentos de Autoridade “a contrário”, visando desqualificar os adversários, os oponentes como acontece ao dizer “as vozes do atraso estão de volta” - logo ‘Lula é a voz do progresso’. Junto à sua tribo - PT - ele utiliza em suas falas, com freqüência, o que Schwartzberg denomina “prazer da identidade”, principalmente através de exemplos de seus “convidados especiais” relacionados pelo próprio Lula, com sua experiência de vida, com sua vivencia. São momentos do discurso que ilustram em Schwartzberg o “Homem Comum”, com o prazer da identidade. O discurso é Encrático estando Lula com uma percepção e fala de dentro do poder - e o governo anterior - hoje, fora do poder:

Nos oito anos de governo deles, a taxa de desemprego aberto aumentou 41%. Nos nossos três anos e meio, a taxa de desemprego aberto diminuiu 13,7%.

E o mais importante: enquanto eles criaram, em média, 8,3 mil empregos por mês, nós estamos criando uma média de 102 mil empregos mensais.

Por isso, já criamos mais de quatro milhões de empregos com carteira assinada, um montante superior ao que eles criaram nos seus oito longos anos de inércia.

A fala anterior serve para ilustrar o que Barthes (1999) denomina de discurso Encrático, aparece o Argumento de Autoridade por Competência e de Ligação por Comparação. Apresenta muitos argumentos de ressonância, conservadores, pois seu auditório são pessoas de seu próprio partido, identificadas com suas opiniões e valores.

### 3.4 LULA: O DISCURSO DE POSSE DO 2º MANDATO

#### **3.4.1 Lula: a Comunicação e a Pós-Modernidade no Discurso de Posse do 2º mandato**

A categoria Comunicação, em Maffesoli, mostra no discurso de posse de Lula do 2º mandato o tribalismo, a viscosidade como expressão, que talvez permita compreender que “apesar da falência de numerosas instituições, é possível resistir aos diversos golpes de sorte da existência”, pois, “o indivíduo racional e senhor de si está singularmente ausente. Trata-se, ao contrário, de perder-se no outro” (MAFFESOLI, 1988, p. 25). Lula percebe em sua eleição, no primeiro mandato, mais do que a realização do seu sonho, o resultado de um “poderoso movimento histórico”, do qual ele era “parte e humilde instrumento”, ou seja, a viscosidade:

Meus amigos e minhas amigas,

Quatro anos atrás, nesta Casa, em um 1º de janeiro, vivi a experiência mais importante de minha vida - a de assumir a Presidência do meu País. Não era apenas a realização de um sonho individual. O que então ocorreu foi o resultado de um poderoso movimento histórico do qual eu me sentia - e ainda hoje me sinto - parte e humilde instrumento.

A comunicação que reflete o perder-se no outro, é retomada neste trecho onde Lula, por seu passado de homem pobre, tem uma identificação com a maioria da população brasileira, que divide 15% da renda nacional, enquanto os outros 70%, ficam distribuídos na classe A, com os ricos, segundo dados do IBGE, 2006.

Pela primeira vez, um homem nascido na pobreza, que teve que derrotar o risco crônico da morte na infância e vencer, depois, a desesperança na idade adulta, chegava, pela disputa democrática, ao mais alto posto da República. Pela primeira vez, a longa jornada de um retirante, que começara, como a de milhões de nordestinos, em cima de um pau-de-arara, terminava como expressão de um projeto coletivo, na rampa do Planalto.

Ainda que declare seu governo como não personalista, Lula parece centralizar as atitudes de seu governo na sua experiência e história individual, utilizando uma comunicação que privilegia a emoção:

Tudo é muito parecido, mas tudo é profundamente diferente. É igual e diferente o Brasil; é igual e diferente o mundo; e eu sou, também, igual e diferente. Sou igual naquilo que mais prezo: no profundo compromisso com o povo e com meu País. Sou diferente na consciência madura do que posso e do que não posso, no pleno conhecimento dos limites. Sou igual no ímpeto e na coragem de fazer. Sou diferente na experiência acumulada na difícil arte de governar.

Sou igual quando volto a conjugar, nas suas formas mais afirmativas, o verbo mudar, como fiz aqui quatro anos atrás. Mas sou diferente, pois, sem renegar a paciência e a persistência que aqui também preguei, quero hoje pedir, com toda ênfase, pressa, ousadia, coragem e criatividade para abrir novos caminhos.

Quando menciona “padrões éticos e práticas políticas”, assim como “corrupção e crime organizado” dizendo que o Brasil hoje é muito melhor na eficiência dos seus mecanismos de controle, na fiscalização sobre seus governantes - até chegar ao extremo de dizer: “Nunca se combateu tanto a corrupção e o crime organizado”, percebemos uma comunicação marcadamente emocional, pois no aspecto racional quem mais combateu a corrupção e exerceu mais a fiscalização sobre seus governantes foi o PT. O Partido dos Trabalhadores, enquanto oposição teve “muito melhor eficiência”, a ponto de se mobilizarem ativamente para o *impeachment* de Fernando Collor, o que a oposição ao governo Lula não conseguiu. E, mesmo Lula tendo dito “não saber de nada”, as pessoas envolvidas nesses

escândalos eram seus ministros, seus assessores, pessoas ligadas diretamente ao governo e, de sua confiança. Outro aspecto não pautado pela razão é o fato de os escândalos terem vazado através da imprensa; ou seja, não foram atos de controle ou fiscalização do governo, ao contrário: nas CPIs desses escândalos fez o possível para arquivar os processos e não punir os culpados. O tipo de comunicação de Lula está relacionada à ética, não como uma moral universal, o que caracteriza a Comunicação na pós-modernidade:

O Brasil ainda precisa avançar em padrões éticos e em práticas políticas. Mas hoje é muito melhor na eficiência dos seus mecanismos de controle e na fiscalização sobre seus governantes. Nunca se combateu tanto a corrupção e o crime organizado.

Com uma comunicação que se fixa no auto-reconhecimento, na viscosidade, Lula diz “cuidar” primeiro dos que mais precisam. Mesmo que diga que “governar para todos é o caminho dele”, acrescenta que “defender os interesses dos mais pobres é o que nos guia nesta caminhada”:

Meus senhores e minhas senhoras, um dos compromissos mais profundos que tenho comigo mesmo é o de jamais esquecer de onde vim. Ele me permite saber para onde seguir. Hoje, posso olhar nos olhos de cada um dos brasileiros e brasileiras e dizer que mantive, mantenho e mantereí meu compromisso de cuidar, primeiro, dos que mais precisam. Governar para todos é meu caminho, mas defender os interesses dos mais pobres é o que nos guia nesta caminhada.

A Comunicação, marcada pelo tribalismo, pela viscosidade, pode ser vista neste trecho: “Ouço as vozes das cidades, das ruas e dos campos e escuto, muito perto, a voz da minha consciência”, o perder-se no outro:

Sei que, a partir de hoje, cabe-me corrigir o que deve ser corrigido e avançar com maior determinação no que está dando certo, para consolidar as conquistas populares. O desafio é grande, porém maior é a minha disposição de vencê-lo. Ouço as vozes das cidades, das ruas e dos campos

e escuto, muito perto, a voz da minha consciência. Ela me diz que não fui reeleito para ouvir a velha e conformista ladainha segundo a qual tudo é muito difícil, quase impossível, que só pode ser conquistado numa lentidão secular.

A viscosidade que o verbo “mudar” mobilizou no primeiro mandato e sua carga afetiva, emocional, são renovadas agora com os verbos “acelerar”, “crescer”, “incluir”, como novos traços de sensibilidade agregadora:

Quatro anos atrás eu disse que o verbo mudar iria reger o nosso governo. E o Brasil mudou. Hoje, digo que os verbos acelerar, crescer e incluir vão reger o Brasil nestes próximos quatro anos. Os efeitos das mudanças têm que ser sentidos rápida e amplamente. Vamos destravar o Brasil para crescer e incluir de forma mais acelerada. Minhas senhoras e meus senhores, o Brasil não pode continuar como uma fera presa numa rede de aço invisível, debatendo-se, exaurindo-se, sem enxergar a teia que a aprisiona. É preciso desatar alguns nós decisivos para que o País possa usar a força que tem e avançar com toda velocidade.

Meu governo, atento às manifestações das ruas e, em especial, aos movimentos sociais, construiu grande parte de suas políticas públicas e importantes decisões governamentais consultando a opinião da sociedade organizada em conferências nacionais, conselhos e foros. Continuaremos nesse rumo.

A questão ética, ao contrário do discurso de posse do primeiro mandato, onde o combate a corrupção era ponto essencial, aqui se reduz a uma fala evasiva, emocional, na qual Lula reafirma “compromissos éticos em uma perspectiva republicana”, considerando que não há “nada mais ético do que a promoção do bem comum e da justiça”:

Reafirmamos, finalmente, nossos compromissos éticos em uma perspectiva republicana. Nada mais ético do que a promoção do bem comum e da justiça. A reforma política deve ser prioritária no Brasil. Convido todos os senhores para nos sentarmos à mesa e iniciarmos o seu debate e urgente encaminhamento, ao lado de outras reformas importantes, como a tributária, que precisamos concluir.

Os aspectos de uma Comunicação com traços de sensibilidade reivindicam no discurso de Lula o “nascimento de um novo humanismo, fundado nos valores universais da democracia, da tolerância e da solidariedade”, característicos da Pós-Modernidade. Observamos a solidariedade, característica da Comunicação atual, assim como a tolerância que também propõe o combate “de maneira decidida e permanente” de todas as formas de discriminação de gênero, raça, orientação sexual e faixa etária, ou seja, valorização do societal, segundo Maffesoli, também presente neste trecho:

Senhoras e senhores é tempo do nascimento de um novo humanismo, fundado nos valores universais da democracia, da tolerância e da solidariedade. O Brasil tem muito o que contribuir neste debate. Colocamos o respeito aos Direitos Humanos no centro de nossas preocupações. Ampliamos políticas públicas nesta direção e criamos instituições de Estado fortes e capazes de garantir, que este País combaterá de maneira decidida e permanente todas as formas de discriminação de gênero, raça, orientação sexual e faixa etária.

A Comunicação, no aspecto do tribalismo, aparece aqui no paralelo traçado por Lula entre o mundo, que “busca caminhos para o convívio, espaços para o diálogo, para a coabitação do múltiplo e do diverso” e o Brasil, que para ele pode ser uma “voz e um exemplo autêntico e poderoso na questão da diversidade” - em Maffesoli, a convivência de diferentes tribos, uma “neotribalização das sociedades”.

E, diz Lula, o Brasil pode mostrar que é possível avançar no sentido do entendimento, mesmo em um mundo tão desigual, “quando os interesses dos diferentes - e, sobretudo dos excluídos” - fazem parte da agenda nacional.

Em um mundo que busca caminhos para o convívio, espaços para o diálogo, para a coabitação do múltiplo e do diverso, o Brasil tem o que oferecer. Nosso País pode ser uma voz e um exemplo autêntico e poderoso para o mundo na questão da diversidade. Pode ajudar a mostrar que, neste planeta desigual, é possível avançar no sentido do entendimento quando os interesses dos diferentes - e, sobretudo, dos excluídos - passam a integrar efetivamente a agenda nacional.

Ao falar a respeito de sua reeleição aparece o tribalismo com seu aspecto emocional: “O povo fez uma escolha consciente. Mais do que um homem, escolheu uma proposta, optou por um lado”. Um candidato pode afirmar, conforme faz Lula, que o povo fez uma escolha consciente - ao que ele chama “opção popular”? E, continua: “Não faltaram os que, do alto de seus preconceitos elitistas, tentaram desqualificar a opção popular como fruto da sedução que poderia exercer sobre ela, o que chamavam de “distribuição de migalhas”. Os que assim pensam não conhecem e não entendem este País”. Ou seja, a “opção popular” é o perder-se no outro, o emocional como valor em si, abdicando de qualquer razão: “Este povo constitui a verdadeira opinião pública do País que alguns pretenderam monopolizar”. Quanto ao fato de Lula dizer que o povo escolheu uma proposta, temos que, depois dos escândalos envolvendo o PT e o governo Lula, houve um enfraquecimento do Partido dos Trabalhadores, o qual perdeu espaços, cargos importantes, nas eleições posteriores aos escândalos. Se, realmente as pessoas investissem na proposta e não em pessoas, essa “opção popular”, esses resultado desfavorável ao PT não teria ocorrido. Por outro aspecto, como explicar a “blindagem” de Lula? Se estivesse realmente ligado ao partido como parte da proposta, teria recebido as mesmas críticas e hostilidades de outros integrantes do PT.

Senhoras e senhores fui reconduzido à Presidência da República pela vontade majoritária do povo brasileiro. A realização do segundo turno deu mais nitidez à escolha, contrapondo projetos de País com contornos bem definidos e diferenciados.

O povo fez uma escolha consciente. Mais do que um homem, escolheu uma proposta, optou por um lado. Não faltaram os que, do alto de seus preconceitos elitistas, tentaram desqualificar a opção popular como fruto da sedução que poderia exercer sobre ela o que chamavam de “distribuição de migalhas”. Os que assim pensam não conhecem e não entendem este País. Desconhecem o que é um povo sem feitores, capaz de expressar-se livremente. O que distribuimos - e mais do que isso: socializamos - foi cidadania. Este povo constitui a verdadeira opinião pública do País que alguns pretenderam monopolizar. Finalmente, quem tentou desqualificar a opção popular não foi capaz de valorar algo fundamental.

Em mais um trecho com uma comunicação marcadamente emocional, Lula revela-se como portador da mudança - único caminho efetivo desta - “reprimida por décadas, séculos”, como se os brasileiros nunca antes houvessem depositado em nenhum partido, candidato, essa expectativa - frustrada ou, potencialmente atendida:

A vontade de mudança - que esteve reprimida por décadas, séculos - expressou-se pacificamente, democraticamente e esta manifestação contribuiu de modo notável para o fortalecimento das instituições.

O caminho da política exige paciência, concessões mútuas, compreensão do outro. Exige que sejamos capazes de levar ao extremo a prática da escuta. Pois só assim é possível sintonizar e harmonizar interesses. Mas exige opções, alinhamentos.

Neste dia inaugural de meu novo mandato, não peço a ninguém que abandone suas convicções. Não desejo que a oposição deixe de cumprir o papel que dela esperam os que por ela livremente optaram.

Quero pedir-lhes, apenas, que olhemos mais para o que nos une do que para o que nos separa. Que concentremos o debate nos grandes desafios colocados para o nosso País e para o mundo. Que estejamos à altura do que necessita e deseja o nosso povo.

A Pós-Modernidade, como o tribalismo na Comunicação, a convivência do arcaico com o desenvolvimento tecnológico, o descrédito na política, está presente nesta fala de Lula:

Apesar dos avanços científicos e tecnológicos de nosso mundo, ainda não foi inventada nenhuma ferramenta mais importante do que a política para a solução dos problemas dos povos. Nunca o mundo viveu - como vive hoje - um período de tão grande descrédito na política. Mas, paradoxalmente, nunca a política foi tão imprescindível.

[...] Temos de construir consensos que não eliminem nossas diferenças, nem apaguem os conflitos próprios das sociedades democráticas.

Precisamos de um sistema político capaz de dar conta da rica diversidade de nossa vida social. Nossas instituições têm de ser mais permeáveis à voz das ruas. Precisamos fortalecer um espaço público capaz de gerar novos direitos e produzir uma cidadania ativa. As formas de democracia participativa não são opostas às da democracia representativa. Elas se complementam.

### **3.4.2 Lula e a Argumentação no Discurso de Posse do 2º Mandato**

A Categoria Argumentação mostra neste trecho o Argumento de Autoridade por Competência quando Lula coloca a experiência do primeiro Mandato aliada a sua experiência de vida, elo este que lhe dá autoridade para falar de si mesmo como

“expressão de um projeto coletivo” que chegou no mais alto posto da República:

Quatro anos atrás, nesta Casa, em um 1º de janeiro, vivi a experiência mais importante de minha vida - a de assumir a Presidência do meu País. Não era apenas a realização de um sonho individual. O que então ocorreu foi o resultado de um poderoso movimento histórico do qual eu me sentia - e ainda hoje me sinto - parte e humilde instrumento.

Pela primeira vez, um homem nascido na pobreza, que teve que derrotar o risco crônico da morte na infância e vencer, depois, a desesperança na idade adulta, chegava, pela disputa democrática, ao mais alto posto da República. Pela primeira vez, a longa jornada de um retirante, que começara, como a de milhões de nordestinos, em cima de um pau-de-arara, terminava, como expressão de um projeto coletivo, na rampa do Planalto.

O que aparece aqui não é argumentativo, mas, retórico, com figuras de linguagem:

Tudo é muito parecido, mas tudo é profundamente diferente. É igual e diferente o Brasil; é igual e diferente o mundo; e eu sou, também, igual e diferente. Sou igual naquilo que mais prezo: no profundo compromisso com o povo e com meu País. Sou diferente na consciência madura do que posso e do que não posso, no pleno conhecimento dos limites. Sou igual no ímpeto e na coragem de fazer. Sou diferente na experiência acumulada na difícil arte de governar.

Sou igual quando volto a conjugar, nas suas formas mais afirmativas, o verbo mudar, como fiz aqui quatro anos atrás. Mas sou diferente, pois, sem renegar a paciência e a persistência que aqui também preguei, quero hoje pedir, com toda ênfase, pressa, ousadia, coragem e criatividade para abrir novos caminhos.

Outro trecho marcadamente retórico, com figuras de linguagem, emocional:

Meus senhores e minhas senhoras, um dos compromissos mais profundos que tenho comigo mesmo é o de jamais esquecer de onde vim. Ele me permite saber para onde seguir.

Hoje, posso olhar nos olhos de cada um dos brasileiros e brasileiras e dizer que mantive, mantenho e mantereí meu compromisso de cuidar, primeiro, dos que mais precisam. Governar para todos é meu caminho, mas defender os interesses dos mais pobres é o que nos guia nesta caminhada.

Se alguns quiseram ver na minha primeira eleição apenas um parêntese histórico, a reeleição mostrou que um governo que cumpre os seus compromissos obtém a confiança do povo.

Em outubro, nossa população afirmou de modo inequívoco que não precisa nem admite tutela de nenhuma espécie para fazer a sua escolha.

O elemento retórico em detrimento do argumentativo tem seqüência na fala de Lula:

O desafio é grande, porém maior é a minha disposição de vencê-lo. Ouço as vozes das cidades, das ruas e dos campos e escuto, muito perto, a voz da minha consciência.

Ela me diz que não fui reeleito para ouvir a velha e conformista ladainha segundo a qual tudo é muito difícil, quase impossível, que só pode ser conquistado numa lentidão secular.

Quatro anos atrás eu disse que o verbo mudar iria reger o nosso governo. E o Brasil mudou. Hoje, digo que os verbos acelerar, crescer e incluir vão reger o Brasil nestes próximos quatro anos. Os efeitos das mudanças têm que ser sentidos rápida e amplamente. Vamos destravar o Brasil para crescer e incluir de forma mais acelerada. Minhas senhoras e meus senhores, o Brasil não pode continuar como uma fera presa numa rede de aço invisível, debatendo-se, exaurindo-se, sem enxergar a teia que a aprisiona. É preciso desatar alguns nós decisivos para que o País possa usar a força que tem e avançar com toda velocidade.

Aqui temos um Argumento Dedutivo Causal: o que deu certo é mérito do governo, de sua ação, enquanto o fracasso cabe ao ambiente (fatores históricos, dificuldades políticas, prioridades inadiáveis):

Muito tentamos nos últimos quatro anos, mas fatores históricos, dificuldades políticas e prioridades inadiáveis fizeram com que nosso esforço não fosse inteiramente premiado. Hoje a situação é bem melhor, pois construímos os alicerces e temos um projeto claro de País a ser realizado. Precisamos de firmeza e ousadia para mudar as regras necessárias e avançar. Não podemos desperdiçar energias, talentos, esperanças.

Sei que o crescimento, para ser rápido, sustentável e duradouro, tem de ser com responsabilidade fiscal. Disso não abriremos mão, em hipótese alguma. Mas é preciso combinar essa responsabilidade com mudanças de postura e ousadia na criação de novas oportunidades para o País.

É necessário, igualmente, que este crescimento esteja inserido em uma visão estratégica de desenvolvimento que nosso País havia perdido. É preciso uma combinação ampla e equilibrada do investimento público e do investimento privado.

O Argumento de Reenquadramento por Definição aparece neste trecho quando Lula ao comentar as conquistas do Bolsa Família e do programa Fome Zero - “saudado pelas comunidades pobres e criticado por alguns setores privilegiados”- define seu governo como “popular” por ter retirado da miséria homens e mulheres, por ter dinamizado a economia e recebido reconhecimento internacional. Não considera “populista” pois pretende criar alternativas de trabalho e produção para os beneficiários

dos programas de transferência de renda, e vai especificar algumas formas:

O Bolsa Família, principal instrumento do Fome Zero - saudado pelas comunidades pobres e criticado por alguns setores privilegiados - teve duplo efeito. Por um lado, retirou da miséria milhões de homens e mulheres. Por outro, contribuiu para dinamizar a economia de forma mais equânime. Por isso obteve reconhecimento internacional e já inspira programas semelhantes em vários países.

Nosso governo nunca foi nem é populista. Este governo foi, é e será popular. Temos de criar alternativas de trabalho e produção para os beneficiários dos nossos programas de transferência de renda.

E aí ocuparão lugar importante a educação, a formação de mão-de-obra, a expansão do microcrédito e do crédito consignado, o fortalecimento da agricultura familiar, o avanço da reforma agrária pacífica e produtiva, a economia solidária, o cooperativismo, o desenvolvimento de tecnologias simples e a expansão da arte e da cultura popular.

Argumentos de apelo a Pressupostos Comuns, a valores comuns, essenciais como apoio para a argumentação, aparecem neste trecho:

É preciso garantir o crescimento de todos, diminuindo desigualdades entre as pessoas e as regiões. Para diminuir a desigualdade entre as pessoas a alavanca básica é a educação; para diminuir a desigualdade entre as regiões o principal instrumento são os grandes programas de desenvolvimento, especialmente os de infra-estrutura.

Estes grandes programas e projetos de desenvolvimento regional já estão definidos e envolvem setores estratégicos como energia, transporte, inovação tecnológica, insumos básicos e construção civil. Na área de energia, eles privilegiam o petróleo, gás, etanol, biocombustíveis e eletricidade.

[...] Minhas senhoras e meus senhores reitero que a educação de qualidade será prioridade de meu governo. Mais do que a qualificação para o mundo do trabalho, a educação é um instrumento de libertação, que o acesso à cultura propicia. Ela dá conteúdo à cidadania formal de homens e mulheres.

#### **3.4.4 Lula e o Espetáculo no Discurso de Posse do 2º Mandato**

A Categoria Espetáculo encontrada neste trecho, o “Homem Comum”, ou, “Homem Ordinário” - conforme Schwartzberg (1979, p. 10), - é o “prazer da identidade” com aquele dirigente vindo da base, a “possibilidade de identificação com esse homem do povo”:

Meus amigos e minhas amigas,

Quatro anos atrás, nesta Casa, em um 1º de janeiro, vivi a experiência mais importante de minha vida - a de assumir a Presidência do meu País. Não era apenas a realização de um sonho individual. O que então ocorreu foi o resultado de um poderoso movimento histórico do qual eu me sentia - e ainda hoje me sinto - parte e humilde instrumento.

Pela primeira vez, um homem nascido na pobreza, que teve que derrotar o risco crônico da morte na infância e vencer, depois, a desesperança na idade adulta, chegava, pela disputa democrática, ao mais alto posto da República. Pela primeira vez, a longa jornada de um retirante, que começara, como a de milhões de nordestinos, em cima de um pau-de-arara, terminava, como expressão de um projeto coletivo, na rampa do Planalto.

A luta do Lula sindicalista em prol do trabalhador e sua identificação com este aparece nesta afirmação enquanto candidato à reeleição, pela melhoria de condições financeiras do trabalhador:

O trabalhador brasileiro ainda não ganha o que realmente merece, mas temos hoje um dos mais altos salários mínimos das últimas décadas, e os trabalhadores obtiveram ganhos reais em 90% das negociações salariais nestes últimos quatro anos.

Criamos mais de 100 mil empregos por mês com carteira assinada, sem falar das ocupações informais e daquelas geradas pela agricultura familiar, totalizando mais de 7 milhões de novos postos de trabalho.

É possível identificarmos o Homem Comum mesmo quando Lula se refere aos problemas mundiais, onde ele coloca os países emergentes, pobres, em sua relação com as nações ricas, e considera que não melhorou:

Ao mesmo tempo em que o crescimento da economia mundial permitiu um certo desafogo aos países emergentes, a relação entre nações ricas e pobres não melhorou. A solução dos grandes problemas mundiais, como as persistentes desigualdades econômicas e financeiras entre as nações; o protecionismo comercial dos grandes; a fome e a inclusão dos deserdados; a preservação do meio ambiente; o desarmamento e o combate adequado ao terrorismo e à criminalidade internacional não evoluiu.

Os organismos internacionais - especialmente a ONU - não se atualizaram em relação aos novos tempos que vive a humanidade.

Na sua identificação com os pobres, ele diz ter como compromisso, jamais

esquecer de onde veio e, ainda, que “governar para todos” seja o seu caminho, “defender os interesses dos mais pobres” é o que vai “guiar sua caminhada”, ou seja, através destas palavras ele estabelece um forte elo de ligação com aqueles que tiveram uma vida pobre e desfavorecida como a sua vida no nordeste e depois, quando passa a morar em São Paulo - da infância até a trajetória como sindicalista.

Meus senhores e minhas senhoras, um dos compromissos mais profundos que tenho comigo mesmo é o de jamais esquecer de onde vim. Ele me permite saber para onde seguir.

Hoje, posso olhar nos olhos de cada um dos brasileiros e brasileiras e dizer que mantive, mantenho e mantereí meu compromisso de cuidar, primeiro, dos que mais precisam. Governar para todos é meu caminho, mas defender os interesses dos mais pobres é o que nos guia nesta caminhada.

Quando diz da plena consciência do que significa ser o presidente com índice de aprovação mais elevado ao final do mandato, referindo-se a força do povo, que nele votou, temos o Homem Comum ciente de que foi eleito por uma massa de também “homens comuns”. O prazer da identidade, conforme Schwartzberg (1978):

Se alguns quiseram ver na minha primeira eleição apenas um parêntese histórico, a reeleição mostrou que um governo que cumpre os seus compromissos obtém a confiança do povo.

Em outubro, nossa população afirmou de modo inequívoco que não precisa nem admite tutela de nenhuma espécie para fazer a sua escolha. Ela foi livre e soberana, como deve ser a força do povo. É uma responsabilidade enorme tornar-se o presidente com o índice de aprovação mais elevado ao final de seu mandato. Tenho plena consciência do que isso significa.

O programa Bolsa Família é o elo entre o Lula pobre de ontem, que ao contrário de negar sua origem faz dela motivo de orgulho, e assim, reforça sua identidade com o povo, com os pobres, sendo a voz deles:

O Bolsa Família, principal instrumento do Fome Zero - saudado pelas comunidades pobres e criticado por alguns setores privilegiados - teve duplo efeito. Por um lado, retirou da miséria milhões de homens e mulheres. Por outro, contribuiu para dinamizar a economia de forma mais equânime. Por isso obteve reconhecimento internacional e já inspira programas semelhantes em vários países.

Nosso governo nunca foi nem é populista. Este governo foi, é e será popular. Temos de criar alternativas de trabalho e produção para os beneficiários dos nossos programas de transferência de renda.

Na fala de Lula podemos perceber a Pós-Modernidade no contraste entre todo o avanço tecnológico que o Brasil começa a galgar quer seja na área tecnológica ou dos biocombustíveis, com relação aos programas de transferência de renda, cujos beneficiários se encontram no outro extremo deste progresso.

Estes grandes programas e projetos de desenvolvimento regional já estão definidos e envolvem setores estratégicos como energia, transporte, inovação tecnológica, insumos básicos e construção civil. Na área de energia, eles privilegiam o petróleo, gás, etanol, biocombustíveis e eletricidade.

Na área de inovação tecnológica, os softwares, fármacos, bens de capital, semicondutores e TV Digital. Na área dos transportes englobam indistintamente os setores automotivo, ferroviário, naval e aéreo. Na construção civil, os setores de infra-estrutura, habitação e saneamento básico. Na área dos insumos, a siderurgia, papel e celulose, petroquímica e mineração.

O Lula sindicalista, que buscava ser uma das vozes no sindicato de São Bernardo do Campo e que, depois, com dirigente sindical, passou a escutar essas vozes para tomar decisões nas assembleias, quer trazer essa vivência para o seu governo. Fazendo isso, aproxima a sua experiência de “Homem Comum” à experiência cotidiana do povo, que através dos movimentos sindicais, ainda hoje, busca ser ouvido nas decisões de sua classe. Lula assim, aproxima em perspectiva de “igualdade” o povo de seu líder - Lula.

Precisamos de um sistema político capaz de dar conta da rica diversidade de nossa vida social. Nossas instituições têm de ser mais permeáveis à voz das ruas. Precisamos fortalecer um espaço público capaz de gerar novos direitos e produzir uma cidadania ativa. As formas de democracia participativa não são opostas às da democracia representativa. Elas se complementam.

Meu governo, atento às manifestações das ruas e, em especial, aos movimentos sociais, construiu grande parte de suas políticas públicas e importantes decisões governamentais consultando a opinião da sociedade organizada em conferências nacionais, conselhos e foros. Continuaremos nesse rumo. Pode ajudar a mostrar que, neste planeta desigual, é possível avançar no sentido do entendimento quando os interesses dos diferentes - e, sobretudo, dos excluídos - passam a integrar efetivamente a agenda nacional.

A escolha do povo, a opção popular, conforme Lula - dizendo que o povo fez uma escolha consciente - enfocam nos “projetos de contorno bem definidos” a busca de igualdade que o Homem Comum, conforme Schwzrtzenberg, procura mostrar:

Senhoras e senhores fui reconduzido à Presidência da República pela vontade majoritária do povo brasileiro. A realização do segundo turno deu mais nitidez à escolha, contrapondo projetos de País com contornos bem definidos e diferenciados.

O povo fez uma escolha consciente. Mais do que um homem, escolheu uma proposta, optou por um lado. Não faltaram os que, do alto de seus preconceitos elitistas, tentaram desqualificar a opção popular como fruto da sedução que poderia exercer sobre ela o que chamavam de “distribuição de migalhas”. Os que assim pensam não conhecem e não entendem este País. Desconhecem o que é um povo sem feitores, capaz de expressar-se livremente. O que distribuímos - e mais do que isso: socializamos - foi cidadania. Este povo constitui a verdadeira opinião pública do País que alguns pretenderam monopolizar. Finalmente, quem tentou desqualificar a opção popular não foi capaz de valorar algo fundamental.

Após tanto identificar-se com o homem pobre, com o trabalhador, com o excluído, mostrando-se o Homem Comum, Lula finaliza seu discurso dizendo que “devemos estar à altura do que necessita e deseja nosso povo”, porque “só assim podemos todos estar a serviço deste país que tanto amamos” - nesta identificação que se sucedeu em vários trechos do discurso - para, finalmente ampliar esse espaço, através dele mesmo, que tanto evidenciou os “pobres”, o “povo”, para dizer que “governará para todos”, sem olhar para credo, opção ideológica ou partidária. Diz-se homem de “uma só causa. E essa causa se chama Brasil”:

Que concentremos o debate nos grandes desafios colocados para o nosso País e para o mundo. Que estejamos à altura do que necessita e deseja o nosso povo.

Só assim poderemos estar todos a serviço deste País que tanto amamos. Eu, de minha parte, governarei para todos, sem olhar para cor, credo, opção ideológica ou partidária. Mais que nunca, sou um homem de uma só causa. E esta causa se chama Brasil.

Com um poema da cultura popular, Lula encerra seu discurso, onde temos a figura de Deus que, ao contrário das figuras mitológicas que representavam dons, riquezas, o Deus aqui ilustrado representa o próprio trabalhador, o homem pobre: suas dádivas são os obstáculos, o que terá de enfrentar - nada virá por um fluxo

natural de energia: nunca a presença da força para “se um dia precisar...” Mas, as dificuldades para que assim se gere a força. Nenhuma sabedoria pára nas necessidades da vida ir solucionando os problemas, mas problemas que vão requerer sabedoria - mas, sabemos se fosse nesse sentido, o Brasil seria o país com o maior número de sábios, e não de pessoas passando fome, pois os sábios escolhem passar fome, raramente ela os encontra. E, onde dificuldades podem tornar um fraco em forte? O fraco é esmagado pela dificuldade. O dom da força precede as dificuldades. Imaginemos uma ovelha corajosa rodeada por lobos - é uma mancha de sangue que se dilui em nada. Quantas pessoas têm ao seu redor várias pessoas que poderiam ajudar - e aí, segundo o poema, descobririam o amor - mas, se a pessoa não tem este sentimento em seu interior, de nada lhe valerá centenas de pessoas para ajudar. Nessas características conservadoras Lula busca estabelecer proximidades entre ele e o povo, quando sua trajetória mostra a presença de força, sabedoria, prosperidade, coragem, amor e dádivas que possibilitaram superar as dificuldades. Podemos considerar que esta talvez seja uma das distâncias do Homem Comum - líder, para o “homem-comum - povo”, e quem sabe, neste sentido venha o que Schwartzbeg denomina de populista, busca uma igualdade que nem sempre acredita.

Minhas senhoras, meus senhores, reconheço que Deus tem sido generoso comigo. Mais do que mereço.  
 Eu pedi forças... e Deus me deu dificuldades para fazer-me forte.  
 Eu pedi sabedoria... e Deus me deu problemas para resolver.  
 Eu pedi prosperidade... e Deus me deu cérebro e músculos para trabalhar.  
 Eu pedi coragem... e Deus me deu perigos para superar.  
 Eu pedi amor... e Deus me deu pessoas com dificuldades para ajudar.  
 Eu pedi dádivas... e Deus me deu oportunidades.  
 Eu não recebi nada do que pedi, mas eu recebi tudo que precisava.  
 Muito obrigado.

### **3.4.5 Lula e o Socioleto no Discurso de Posse do 2º Mandato**

Na Categoria Socioleto, em Barthes, temos um discurso Enocrático, onde Lula considera o fato de ser eleito Presidente, mais do que a realização de um sonho individual, “o resultado de um poderoso movimento histórico” do qual ele se sente

como parte e instrumento. Onde, “pela primeira vez, a longa jornada de um retirante, que começara, como a de milhões de nordestinos, em cima de um pau-de-arara, terminava, como expressão de um projeto coletivo, na rampa do Planalto” - Lula vai trazendo sua vivência fora do poder para um discurso “dentro do poder”, até reconhecer as diferenças entre estar do lado de dentro ou estar do lado de fora: “Tudo é muito parecido, mas tudo é profundamente diferente. É igual e diferente o Brasil; é igual e diferente o mundo; e eu sou, também, igual e diferente. Sou igual naquilo que mais prezo: no profundo compromisso com o povo e com meu País. Sou diferente na consciência madura do que posso e do que não posso, no pleno conhecimento dos limites. Sou igual no ímpeto e na coragem de fazer. Sou diferente na experiência acumulada na difícil arte de governar”. Ou seja, fora do poder as possibilidades visualizadas diferem das possibilidades concretas estando dentro do poder. Aí revela a “experiência acumulada na difícil arte de governar”, onde surgem os pontos discordantes entre um discurso Acrático para um discurso Enchrático:

Quatro anos atrás, nesta Casa, em um 1º de janeiro, vivi a experiência mais importante de minha vida - a de assumir a Presidência do meu País. Não era apenas a realização de um sonho individual. O que então ocorreu foi o resultado de um poderoso movimento histórico do qual eu me sentia - e ainda hoje me sinto - parte e humilde instrumento.

Pela primeira vez, um homem nascido na pobreza, que teve que derrotar o risco crônico da morte na infância e vencer, depois, a desesperança na idade adulta, chegava, pela disputa democrática, ao mais alto posto da República. Pela primeira vez, a longa jornada de um retirante, que começara, como a de milhões de nordestinos, em cima de um pau-de-arara, terminava, como expressão de um projeto coletivo, na rampa do Planalto. [...] Tudo é muito parecido, mas tudo é profundamente diferente. Sou igual naquilo que mais prezo: no profundo compromisso com o povo e com meu País. [...] Sou diferente na experiência acumulada na difícil arte de governar.

Na questão da Ética temos o discurso Enchrático, onde estando “no poder” as colocações tornam-se mais flexíveis, e aquilo que seria inconcebível de algum governante fazer, opinando de fora do poder, vai se diluir em frases feitas para “dourar a pílula”, tangenciando, por exemplo, o problema da corrupção, e da defesa da ética que, no discurso de posse do primeiro mandato aparecia como objetivos centrais e permanentes, pois era “preciso enfrentar com determinação e derrotar a verdadeira cultura da impunidade que prevalece nos setores da vida pública. Não

permitiremos que a corrupção, a sonegação e o desperdício continuem privando a população de recursos que são seus [...]”, agora aparece discretamente no discurso durante o discurso de posse do segundo mandato:

O Brasil ainda precisa avançar em padrões éticos e em práticas políticas. Mas hoje é muito melhor na eficiência dos seus mecanismos de controle e na fiscalização sobre seus governantes. Nunca se combateu tanto a corrupção e o crime organizado.

O Lula Presidente percebe as dificuldades entre o discurso “fora” e o “dentro do poder”, mas agora, busca “fatores históricos”, “dificuldades políticas” “prioridades inadiáveis” como escape para “que nosso esforço não fosse inteiramente premiado”. Ou seja, dentro do poder há um socioleto onde as desculpas são toleradas, cabíveis. Dentro do poder há fatores externos bloqueando a passagem enquanto, fora do poder, a falta de vontade política parece ser a única razão de não se avançar:

Muito tentamos nos últimos quatro anos, mas fatores históricos, dificuldades políticas e prioridades inadiáveis fizeram com que nosso esforço não fosse inteiramente premiado. Hoje a situação é bem melhor, pois construímos os alicerces e temos um projeto claro de País a ser realizado. Precisamos de firmeza e ousadia para mudar as regras necessárias e avançar. Não podemos desperdiçar energias, talentos, esperanças.

#### **3.4.6 Considerações parciais: as categorias Comunicação, Argumentação, Pós-Modernidade, Espetáculo e Socioleto no discurso de Posse do 2º Mandato**

As categorias Comunicação, Argumentação, Espetáculo e Socioleto no discurso de Lula durante a posse do segundo Mandato mostraram uma Comunicação que reforça o tribalismo, com uma Comunicação que se fixa no auto-reconhecimento, na viscosidade, Lula diz “cuidar” primeiro dos que mais precisam. Mesmo que diga que “governar para todos é o caminho dele”, acrescenta que “defender os interesses dos mais pobres é o que nos guia nesta caminhada”. Temos

nesta fala a “viscosidade” como expressão, o “perder-se no outro”, o que em Maffesoli aparece como a possibilidade de compreender que “apesar da falência de numerosas instituições, é possível resistir aos diversos golpes de sorte da existência”, pois, “o indivíduo racional e senhor de si está singularmente ausente (MAFFESOLI, 1988, p. 25). Para Lula sua eleição à Presidência no primeiro mandato, mais do que a realização do seu sonho, foi o resultado de um “poderoso movimento histórico”, do qual ele era “parte e humilde instrumento”, ou seja, a viscosidade. Essa sensação de vivência conjunta caracteriza a Pós-Modernidade.

A questão ética, o combate à corrupção, que era ponto essencial no discurso do primeiro mandato, aqui se reduz a uma fala evasiva, emocional, na qual Lula reafirma “compromissos éticos em uma perspectiva republicana”, considerando que não há “nada mais ético do que a promoção do bem comum e da justiça”. Ou seja, neste discurso se destacam figuras de linguagem, o elemento retórico em detrimento do argumentativo. Utiliza argumentos como o dedutivo causal onde o que deu certo é seu mérito, os fracassos são decorrentes do ambiente - onde podemos inserir os fatores históricos, dificuldades políticas [...]. Através de argumento de reenquadramento por definição ele quer convencer da importância dos programas sociais de seu governo, da transferência de renda, como o Bolsa Família, com uma definição de seu governo como “popular” e não “populista”. Estabelece argumentos analógicos de comparação cuja estratégia é tentar convencer da superioridade do seu governo com relação ao anterior. Quanto à categoria Espetáculo, em Schwartzberg, temos o Homem Comum, a identificação com o outro. Quando Lula diz “cuidar” primeiro dos que mais precisam, mesmo que diga que “governar para todos é o caminho dele”, acrescenta que “defender os interesses dos mais pobres é o que nos guia nesta caminhada” - é o prazer da igualdade, da identidade.

O socioleto revela, de acordo com Barthes, um discurso Encrático evidenciado quando Lula diz que durante a campanha à reeleição afirmou que seu segundo governo será “o governo do desenvolvimento, com distribuição de renda e educação de qualidade” - palavras constantes dentro do poder.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O agenciamento conclusivo retomará as conclusões finais da análise de cada discurso. Antes, queremos retomar alguns aspectos relevantes dos discursos de Lula e de sua trajetória política.

Os discursos de Lula foram redigidos, desde a fundação do PT, por Luiz Dulci, atual secretário-geral da presidência da República. Lula os repassa e realiza os últimos acertos no texto.

Cabe lembrarmos que os *speechwriters*, ou seja, redatores de discursos, sempre tiveram importante papel nas campanhas presidenciais, como diz Schwartzberg, em *O Estado Espetáculo*, citando o exemplo de John Kennedy que utilizava a contribuição de Arthur Schlesinger Jr, prêmio Pulitzer de História, Ralph A. Dungan, seu conselheiro especial adjunto, Richard N. Goodwin, Pierre Salinger e de seu colaborador preferido Theodore Sorensen, seu assessor durante dez anos. Schwartzberg (1978, p.233-4) cita em Kennedy o fato dele tomar nota das histórias interessantes contadas por algum orador para utilizá-las posteriormente, assim como, a utilização de citações de personagens ilustres ou referências a acontecimentos históricos, os quais em uma breve peroração seriam utilizados para encerrar qualquer discurso. Outro exemplo citado é o de Ford que com uma semana de antecedência começava a trabalhar a apresentação oral do discurso, lendo para um auditório de três pessoas, seus conselheiros. Após gravar esses discursos eles buscavam limitar as manias, as quais, faziam Ford engasgar-se com as palavras, baixar a voz, reduzindo-a, a um sussurro melodramático, ou exagerar nas “flores da retórica”.

Ao atingir esse grau de hiperpreparação e de antiespontaneidade, o candidato se transforma quase num ator, ensaiando demoradamente o seu texto sob o controle atento do dramaturgo e do diretor, que supervisionam os mais insignificantes pormenores de sua interpretação (SCHWARTZENBERG, 1978, p. 235).

Lula chegou a mencionar, no seu discurso durante a Convenção Nacional do PT, em 2006, ter mudado sua argumentação após o resultado da eleição para o governo de São Paulo, em 1982, quando perdeu para Franco Montoro. O slogan da campanha era “Trabalhador vota em trabalhador” e mostrava a história de vida de

Lula: “Luiz Inácio Lula da Silva, ex-retirante, ex-engraxate, ex-tintureiro, ex-operário, ex-político [...] um brasileiro igual a você”. Para ele o resultado das urnas refletia que “as pessoas não querem ser ex-nada, querem alguma coisa na vida, um vencedor e não quem foi e não é mais”. A partir deste episódio, Lula começou a procurar eleitores em outros segmentos da sociedade, a fazer alianças, a se mostrar mais flexível.

O resultado dessas mudanças se cristaliza em 1986 quando é eleito Deputado Federal, com recorde de 650.134 votos, e participa da elaboração da Constituição Federal. Porém, este desempenho não se consolida na busca pela presidência da República e, no ano de 1989, é derrotado por Fernando Collor de Mello (PRN). Nas eleições seguintes, em 1994 e 1998, vai concorrer novamente, porém ainda sem êxito, perdendo para Fernando Henrique Cardoso.

No ano de 2002, ao concorrer pela quarta vez à Presidência, Luiz Inácio Lula da Silva vence com a maior votação já recebida por um presidente. O Lula sindicalista e das campanhas de 1982, 1989, 1994 e 1998, o líder sindical “de cara amarrada, raivoso, mal penteado e mal vestido, que nunca sorria e andava em companhia de pessoas que sonhavam e lutavam para destruir os capitalistas privados e a democracia republicana e representativa em construção no Brasil” (ALVES, 2003, p. 88).

Em 2006, concorrendo à Presidência da República e tendo como seu adversário mais expressivo, Geraldo Alckmin, Lula é reeleito em segundo turno.

No discurso de posse do 2º mandato Lula fala do aspecto politicamente inovador que sua eleição trouxe para o Brasil:

Pela primeira vez, um homem nascido na pobreza, que teve que derrotar o risco crônico da morte na infância e vencer, depois, a desesperança na idade adulta, chegava, pela disputa democrática, ao mais alto posto da República. Pela primeira vez, a longa jornada de um retirante, que começara, como a de milhões de nordestinos, em cima de um pau-de-arara, terminava, como expressão de um projeto coletivo, na rampa do Planalto.

As categorias Comunicação, em Maffesoli, Argumentação, em Breton, Espetáculo, em Schwantzenberg, Socioleto, em Barthes e a categoria *a posteriori* Pós-Modernidade nos apontam alguns caminhos para a compreensão dos discursos de Lula. A categoria Comunicação, no discurso do Lula Sindicalista, apresentava-se com muitos elementos de integração entre o auditório (metalúrgicos) e ele, uma

comunicação marcadamente afetiva. O discurso de posse do primeiro mandato continuou a mostrar uma Comunicação marcadamente emocional, porém agora o apelo às emoções torna-se mais pungente, e como já mencionamos na análise, Lula utiliza expressões como “convocar o meu povo”, o que poderia ser “convocar o povo brasileiro”. Quando diz “enquanto houver um irmão ou irmã brasileira passando fome”, ao utilizar irmão, irmã, estabelece um vínculo de proximidade afetual que simula uma realidade familiar, ou ainda, ao dizer que “trata-se de uma poderosa energia solidária que nossa campanha despertou”, temos presente a viscosidade, a vontade do “estar-junto” onde o que importa é o compartilhamento das emoções, característico da Comunicação em Maffesoli. Este fator emocional perpassa os discursos e no da Convenção Nacional do PT irá aparecer uma Comunicação que reforça o tribalismo, principalmente nos momentos em que diz “Mas eles nunca escutaram a voz do povo”, onde sabemos que, durante uma convenção do PT, a maioria são “pessoas do povo”, trabalhadores. Dizer isso é dar ênfase à viscosidade, ao perder-se no outro - Lula veio do povo. Porém, de tempos em tempos, essas “vozes” fazem novas escolhas, retomam escolhas anteriores. Notamos, neste discurso o quanto esta fala de Lula tem de retórica da sedução, das paixões, provavelmente por estar com integrantes do partido onde a razão cede lugar ao tribalismo. No discurso de Lula durante a posse do segundo Mandato novamente temos uma Comunicação que reforça o tribalismo, e se fixa no auto-reconhecimento, na viscosidade, agora com uma amplitude maior, pois seu auditório vai além dos integrantes do PT e, como ele faz questão de reforçar em vários trechos deste discurso, direciona-se freqüentemente “aos que mais precisam”, “aos pobres”. Quando Lula diz “cuidar” primeiro dos que mais precisam, ainda que diga que “governar para todos é o caminho dele”, acrescenta que “defender os interesses dos mais pobres é o que nos guia nesta caminhada”. Temos nesta fala a “viscosidade” como expressão, o “perder-se no outro”, o que em Maffesoli aparece como a possibilidade de compreender que, “apesar da falência de numerosas instituições, é possível resistir aos diversos golpes de sorte da existência”, pois “o indivíduo racional e senhor de si está singularmente ausente (MAFFESOLI, 1988, p. 25). Ou seja, a Comunicação de Lula se estabeleceu em um crescendo do que Maffesoli denomina tribalismo, e o apelo emocional, o perder-se no outro, tornou-se mais abrangente, mas sempre com um forte vínculo com os econômica e socialmente desfavorecidos.

A categoria Argumentação, que no discurso do Lula Sindicalista apresentava argumentos de enquadramento e de reenquadramento do real e de Vínculo de forma equilibrada tanto no modo de buscar o acordo prévio, como numa perspectiva de comunicação que buscava intervir no contexto da recepção, nos pareceram bastante eficientes para convencer o auditório, conforme a própria história de líder sindical de Lula mostrou. Neste discurso a argumentação de Lula com fortes argumentos racionais, buscava realmente convencer e se sobrepunha ao que é denominado retórica das paixões. Já em seu discurso de posse do primeiro mandato esta relação se inverte com a presença de muitos argumentos de valores e de pontos de vista, opinião, considerados - embora o espírito de mudança - argumentos conservadores, de ressonância, os quais proporcionam “efeito de comunidade”, acabando por tirar a ação de convencer do campo da Argumentação, e isto, segundo Breton (1999), é característico do “populismo” e da “demagogia”. A proposta do discurso aborda com ênfase a Mudança, a questão da Fome, da Corrupção e do Emprego como valores partilhados pelo “auditório” em uma “viscosidade” pelo que Lula reforça como história partilhada, do sonho de um trabalhador na presidência do Brasil. A argumentação do discurso durante a Convenção Nacional do PT mostra Lula em uma perspectiva de comunicação, buscando intervir, no contexto da recepção, com muitos argumentos de vínculo analógico por comparação e pelo exemplo, que parecem bastante eficientes em convencer o auditório, já predisposto pelo que Breton (1999) estabelece como confiança do auditório no orador, o que se dá neste caso, quer seja pela trajetória política de Lula, quer seja pelo carisma com que sua “*persona*” passou a ser percebida por grande parte da população brasileira. O enfoque desta argumentação parece ser a própria trajetória de Lula, a sua própria “*persona*” demonstrando uma clareza em relação ao conhecimento do seu poder pessoal, pois utiliza isso buscando a eficiência na argumentação, com argumentos de autoridade e de competência. Lula vai se colocar como “autoridade”, a qual conseguiu fazer em “apenas quatro anos o que eles não conseguiram fazer em oito anos”, e vai apresentar várias situações através da comparação - sendo os argumentos Analógicos considerados, segundo por Breton (1978), de uso freqüente na política. Lula utiliza também com propriedade Argumentos de Autoridade “a contrário”, visando desqualificar os adversários, os oponentes como acontece ao dizer: “as vozes do atraso estão de volta”; logo, “Lula é a voz do progresso”. Em contraste com o discurso do primeiro mandato a presença de alguns argumentos é

enfraquecida no discurso de posse do segundo mandato. Sempre utilizando uma fala marcadamente emocional agora a questão da corrupção e da ética no governo se reduzem neste discurso a uma fala evasiva, onde ele apenas reafirma “compromissos éticos em uma perspectiva republicana”, considerando que não há “nada mais ético do que a promoção do bem comum e da justiça”. Ou seja, neste discurso, como nesta colocação abordando a corrupção, se destacam figuras de linguagem, o elemento retórico em detrimento do argumentativo. Utiliza argumentos como o dedutivo causal onde, conforme colocamos na análise, para Lula, o que deu certo é seu mérito, os fracassos são decorrentes do ambiente - onde podemos inserir os fatores históricos, dificuldades políticas... Através de argumento de reenquadramento por definição ele quer convencer da importância dos programas sociais de seu governo, da transferência de renda, como o Bolsa Família, com uma definição de seu governo como “popular” e não “populista”. Neste discurso também são freqüentes argumentos analógicos de comparação cuja estratégia é tentar convencer da superioridade do seu governo em relação ao(s) anterior(es).

A categoria Espetáculo político nos indicou no discurso de Lula como líder sindical, a autoridade paterno-heróica, marcada na firmeza e energia de Lula, na capacidade de enfrentar as circunstâncias adversas que figuram neste discurso. Porém, nos outros discursos, objetos de nossa análise, essa perspectiva se altera e o que temos é um discurso caracterizado em seu Espetáculo político pelo que Schwartzberg denomina “Homem Comum”: “o prazer da igualdade. Personifica a desforra dos “pequenos” contra os “grandes”. (SCHWARTZENBERG, 1978), o que fica evidenciado quando Lula diz: “Sim, temos uma mensagem a dar ao mundo: temos de colocar nosso projeto nacional democraticamente em diálogo aberto com as demais nações do planeta, *porque nós somos o novo, somos a novidade de uma civilização que se desenhou sem temor, porque se desenhou no corpo, na alma e no coração do povo, muitas vezes, à revelia das elites, das instituições e até mesmo do Estado*” (grifo nosso). No discurso durante a convenção, junto à sua tribo - PT - ele utiliza em suas falas, com freqüência, o que Schwartzberg denomina “prazer da identidade”, principalmente através de exemplos de seus “convidados especiais” relacionados pelo próprio Lula, com sua experiência de vida, com sua vivência, relacionando momentos de sua história pessoal de privações com as de seu auditório. São momentos do discurso que ilustram em Schwartzberg o “Homem Comum”, com o prazer da identidade, ao dizer que se trata de uma poderosa

energia solidária que o governo dele despertou, onde está o desejo de “pertencimento, também característico da Pós-Modernidade.

A categoria Socioleto do discurso enquanto líder sindical mostra em diversos momentos do discurso que estamos diante de um discurso de fora do poder - Acrático - onde Lula argumenta contra esse poder estabelecido. Esta perspectiva se altera nos outros discursos e nos dão conta da mudança à qual Lula se submete, e como em diversos momentos do discurso ficou representado, estamos diante de um discurso “de dentro do poder” - Encrático - onde já demonstramos na análise, Lula adere às circunstâncias desse poder: “Sob a minha liderança o Poder Executivo manterá uma relação construtiva e fraterna com os outros Poderes da República, respeitando exemplarmente a sua independência e o exercício de suas altas funções constitucionais”. Lula quer o “combate” à cultura da impunidade: “O combate à corrupção e a defesa da ética no trato da coisa pública serão objetivos centrais e permanentes de meu governo. É preciso enfrentar com determinação e derrotar a verdadeira cultura da impunidade que prevalece em certos setores da vida pública. Não permitiremos que a corrupção, a sonegação e o desperdício continuem privando a população de recursos que são seus e que tanto poderiam ajudar na sua dura luta pela sobrevivência”, uma fala de quando ainda representava o discurso Acrático sendo projetada para seu discurso Encrático, porém, no decorrer deste primeiro mandato mostrou que estava verdadeiramente potencializada no discurso Acrático. O discurso na Convenção do PT é Encrático, estando Lula com uma percepção e fala de dentro do poder. No discurso de posse do segundo mandato, o socioleto revela, de acordo com Barthes, um discurso Encrático evidenciado quando Lula diz que durante a campanha à reeleição afirmou que seu segundo governo será “o governo do desenvolvimento, com distribuição de renda e educação de qualidade” - palavras constantes dentro do poder. Ou quando diz “Nos oito anos de governo deles, a taxa de desemprego aberto aumentou 41%. Nos nossos três anos e meio, a taxa de desemprego aberto diminuiu 13,7%”. Ao mostrar a diferença ele também se estabelece como discurso “de dentro do poder”.

A Categoria a *posteriori*, Pós-Modernidade, que não aparece no discurso enquanto líder sindical, está presente nos demais discursos de nosso estudo. Lula percebe a sua eleição à Presidência no primeiro mandato, sendo mais do que a realização do seu sonho, o resultado de um “poderoso movimento histórico”, do qual ele era “parte e humilde instrumento”, ou seja, a viscosidade. Essa sensação de

vivência conjunta caracteriza a Pós-Modernidade. Outra face desta Pós-Modernidade é o contraste entre o arcaico e o desenvolvimento tecnológico. Ou seja, o mesmo Lula que aponta para as mudanças de caráter tecnológico também vai apontar para esse lado emocional do tribalismo onde há a identificação dele com os desfavorecidos, com as pessoas beneficiadas pelos projetos Bolsa Família, Bolsa Escola, e outros que buscam a transferência de renda, e com aqueles aos quais denomina irmãos, irmãs, “meu povo”.

O agendamento conclusivo - embora não tenha caráter definitivo, ou de querer apreender “matematicamente” a realidade social, parece apontar para um discurso em evolução, onde Lula foi se adaptando ao que as diferentes situações lhe exigiam. Como apontamos durante nosso estudo, Lula mudou a forma de ser, a aparência e foi adquirindo maior flexibilidade. As mudanças mais evidentes no discurso dizem respeito ao Espetáculo, tratado por Schwartzberg, onde da figura heróica do Pai, durante a trajetória de líder sindical, vai dar lugar ao discurso do Homem Comum - o prazer da igualdade. Outro aspecto está relacionado a argumentação onde, a cada discurso, os argumentos cedem mais espaço às figuras de Retórica, que não primam pelo racional, não visam convencer através de argumentos discutíveis.

É também relevante na Comunicação de Lula que ele foi sendo “encorajado”, como no período de líder sindical, a falar, como ele próprio diz, “o que todos tinham medo de falar”, e relata que muitos sindicalistas tinham medo por estarem muito mais apegados ao cargo do que ao dever de representar suas categorias”. Aliado a esse fator, ele ressalta que “muitos políticos mentiam” e isso deixou, ainda segundo Lula, “o vazio que permitiu a voz da gente soar alto”. Esse parece-nos ser o ápice da retórica de Lula, um tribalismo, um “estar-junto” através de uma argumentação centrada nas necessidades de sua(s) tribo(s) o que foi fazendo outras tribos irem “aderindo” a Lula, principalmente a tribo atual, denominada “os mais necessitados”, “os pobres”, “os irmãos e as irmãs” e, o que denomina “meu povo”. Esse Homem Comum, com uma comunicação afetual, de argumentos e de um socioleto que souberam ativar seu lado “camaleão”, mostra uma Retórica dividida entre o convencer e o persuadir.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Brito. **A história de Lula: o operário presidente**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 2003.

ARENDT, Hannah. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 1994.

ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. Rio de Janeiro: Ouro, s/d.

\_\_\_\_\_. **Retórica das paixões**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BARRILI, Renato. **Retórica**. Lisboa: Presença, 1979.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1989.

\_\_\_\_\_. **O rumor da língua**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

BAUDELLAIRE, Charles. **As Flores do Mal**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BENEVIDES, Maria Vitória de Mesquita. **O governo Kubitschek**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

BETTO, Frei. **Lula: biografia política de um operário**. São Paulo: Estação da Liberdade, 1989.

BITTENCOURT, Getúlio. Lula - entrevista. **Jornal Folha de São Paulo**, São Paulo, 24 set. 1978.

BRETON, Felipe. **A argumentação na comunicação**. São Paulo: EDUCS, 1999.

BRIGUGLIO, Nunzio. "PT: um Partido dos Trabalhadores". **Revista Isto É**, São Paulo, 20 fev. 1980.

CARVALHO, José Murilo. **A formação das almas: o imaginário da república no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CASALECCHI, José Ênio. **O Partido Republicano Paulista**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2002.

COSTA, Sérgio Amad. **O CTG (Comando Geral dos Trabalhadores) e as lutas sindicais brasileiras (1960-1964)**. São Paulo: Grêmio Politécnico, 1981.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

DANTAS, Eduardo. "Lula: o líder sindical". **Jornal Diário do ABC**, São Paulo, 23 jul. 1978.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1994.

FARIA, Antônio Augusto; BARRROS, Edgar Luís de. **O retrato do velho**. São Paulo: Atual, 1984.

FAUSTO, Boris. **A revolução de 1930: historiografia e história**. São Paulo, 1981.

\_\_\_\_\_. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 1995.

FÉLIX, Loiva Otero. **Coronelismo, borguismo e cooptação**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

FENELON, Dea Ribeiro. **50 textos de história do Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1983.

HALLIDAY, Tereza Lúcia. **Atos retóricos: mensagens estratégicas de políticos e igrejas**. São Paulo: Summus, 1988.

HOHLFELDT, Antônio. **O fascínio da estrela - Trajetória e contradições do partido dos trabalhadores**. Antônio Hohlfeldt e José Fortunati. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2001.

IANNI, Otávio. **O colapso do populismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização

Brasileira, 1975.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**: o município e o regime representativo no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

LIMA, Heitor Ferreira. **História político-econômica e industrial do Brasil**. São Paulo: Nacional, 1970.

MACHADO, Josué. "Lula - entrevista". **Revista Playboy**, São Paulo, jul. 1979.

MAFFESOLI, Michel. **A transfiguração do político**. Porto Alegre: Sulina, 1997.

\_\_\_\_\_. **A violência totalitária**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

\_\_\_\_\_. **Conhecimento comum**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

\_\_\_\_\_. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

MARQUES, Luiz. Governo **Lula**: social-liberal ou social reformista? Porto Alegre: Vozes, 2005.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. 18. ed. São Paulo, [s.d.].

MESQUITA, Rui. "Entrevista: Lula". **Revista Senhor Vogue**, São Paulo, jul. 1978.

MONTEIRO, João Paulo. **Teoria, retórica, ideologia**. São Paulo: Ática, 1975.

MOREL, Mário. **Lula, o metalúrgico**: anatomia de uma liderança. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

MOTA, Carlos Guilherme. **Brasil em perspectiva**. São Paulo: Difel, 1984.

OLIVEN, Ruben George. **Violência e cultura no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1983.

PARANÁ, Denise. **Lula, o filho do Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

PERELMAN, Chaim. e OLBRECHTS-TYTECA. **Tratado da argumentação** - A nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PRADO JÚNIOR, Caio. **História econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ROHDEN, Luiz. **O poder da linguagem**: a arte retórica de Aristóteles. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

SCHWARZTENBERG, Roger-Gerard. **Sociologia política**. Rio de Janeiro: Difel, 1979.

\_\_\_\_\_. **O Estado espetáculo**. Rio de Janeiro: Difel, 1979.

SILVA, Luís Inácio Lula da. "Entrevista". **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 14 jan. 1979.

\_\_\_\_\_. "Greve é responsabilidade do sindicato". **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 14 jan. 1979.

\_\_\_\_\_. "O direito a greve". **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 10 abr. 1978.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil**: de Castello a Tancredo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

\_\_\_\_\_. **Brasil**: de Getúlio Vargas a Castello Branco (1930-1964). Rio de Janeiro: Saga, 1969.

VALE, Oswaldo Figueiredo do. **O general Dutra e a redemocratização de 45**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1978.

VIEIRA, Edvaldo. **A República brasileira**: 1964-1984. São Paulo: Moderna, 1985.

## **ANEXOS**

## ANEXO A - Discurso, dirigindo-se aos sindicalistas, em 17 de abril de 1980

Pessoal:

Vamos bater um papo aqui como nós sempre fizemos. Vocês sabem tanto quanto eu sei que, mais dia menos dia, isto viria a acontecer. Vocês sabem que em todas as reuniões que nós fizemos na porta da fábrica, aqui no sindicato, naquele estádio, a gente dizia pra vocês uma única coisa: o que está impossibilitando os patrões de darem o aumento pra gente não é aumento. Não são os 15%, nem seriam até mesmo os 30 %. O que estava na cabeça de cada empresário, o que está ainda na cabeça de cabeça de cada empresário, o que esta na cabeça do governo é a derrubada da diretoria deste sindicato. Foi dito pra vocês que eles jogaram muito alto nisto; e quantos discursos foram feitos naquele campo dizendo pra vocês que eles estavam apostando nisto. Por quê? Porque no Brasil, historicamente, todas às vezes que os sindicatos que começavam a andar. A partir de 64 o governo conseguiu o que queria. Conseguiu transformar cada sindicato deste Brasil num posto de atendimento médico e odontológico. Vocês sabem perfeitamente bem que, há dois anos atrás, pra conseguir um sócio pro sindicato, a gente era obrigado a prometer médico, dentista e colônia de férias. E os trabalhadores só entravam pro sindicato por causa disso. A partir de 77 São Bernardo mudou, mudaram-se as coisas. Pra entrar como sócio do sindicato não precisava mais querer médico e dentista, não precisava querer colônia de férias, precisava ter um pouco de fibra e ter disposição de brigar.

Aí as coisas começaram a mudar. Houve as greves de 78, houve a campanha pela reposição salarial em 77, houve a greve de 79, houve a greve de 1980. E quantos de vocês talvez não tenham ficado putos da vida comigo porque eu não deixei vocês recomeçarem a greve naquele famoso 13 de maio. É importante que cada um de vocês tenha na cabeça que a medida mais fácil pra diretoria do sindicato, e pra mim pessoalmente naquele instante, era chegar pra vocês e pedir para começarem a greve na segunda-feira. Era a medida mais fácil e mais cômoda.

Por que era a mais cômoda? Porque existia um respeito total do governo e da opinião pública ao nosso movimento. Se a gente continuasse em greve, com o esquema de massacre que estava montado, a greve continuaria mais dois ou três dias. E a gente voltava a trabalhar, quem sabe, embaixo de porrada.

Vocês sabem o quanto custou pra eu pedir pra vocês voltarem a trabalhar. Quantos dos companheiros que estão aqui hoje, quantos de vocês foram vanguarda naquela greve e são vanguarda agora - e por isso estão aqui dentro - me chamaram de filho da puta. Quantos companheiros chegavam aqui no sindicato e falavam: Lula, a barra está pesada. Na ferramentaria da Ford está acontecendo isto. Na ferramentaria da Volks está acontecendo isto. Na funilaria da Mercedes está acontecendo isto. Na funilaria de não sei onde disseram que você se vendeu. Na linha de montagem da volkswagen está escrito no banheiro que você se vendeu. Não sei onde estão dizendo que você ganhou um Fiat. E eu tinha certeza, como tenho a certeza de que estou vendo vocês aqui, de que mais dia menos dia, era uma questão de tempo, os trabalhadores iriam entender o que eu estava fazendo, como os filhos da gente entendem quando a gente bate neles. Quando a gente dá um tapa na bunda do filho da gente, podem ter certeza de que ele fica com raiva, e na cabecinha dele passa: "Oh pai filho da puta!" Podem ter certeza disso. Mas, em compensação, ele também tem a certeza de que o pai não bateu nele à toa. Tem certeza de que o pai bateu nele para o seu bem.

Vocês sabem, e tem companheiros aqui que devem estar lembrados quantas vezes eu saí daqui carregado daquele palanque. E aquilo não me deixava tão orgulhoso como me sinto agora. Não me deixava, porque agora a gente percebeu que o nível de consciência do trabalhador não permite que ele faça uma greve festiva. E o que é mais importante - o nível de consciência tem demonstrado isso - os trabalhadores parecem um bando de formigas. Das 9 horas às 10 e meia chegam ao campo, e do meio-dia ao meio-dia e vinte foram todos embora para casa. Eu me sinto muito mais orgulhoso, eu me sinto muito mais orgulhoso com a atitude de vocês, com o procedimento de vocês agora do que no ano passado. Porque, hoje, a consciência política que tomou conta de cada um dos metalúrgicos é algo que vai ensinar muitos cientistas políticos que precisarão agora refazer seus cursos e terão com professores, quem sabe, trabalhadores metalúrgicos.

Agora há uma coisa mais séria que eu quero dizer pros companheiros. Há uma coisa ainda muito séria. Foi dito naquele campo durante 20 dias que a greve tem que continuar, aconteça o que acontecer. Foi dito isso pra vocês. E eu vou dizer pra vocês uma coisa. Se vocês, amanhã ou terça-feira, votarem a trabalhar de cabeça baixa, talvez a gente demore mais 30 anos pra fazer o que nós fizemos em três anos. É importante, eu já disse isso pra vocês, e já saiu também um boletim do

sindicato, que a greve é um estágio de consciência permitiu que 100 000 trabalhadores ficassem parados 17 dias, sendo que, 90 000 não saíam sequer à rua. Só saíam pra vir às assembléias. O que eu quero pedir pra vocês agora, e que vai me deixar muito orgulhoso se vocês me atenderem, não é partirmos pro quebra-quebra com a polícia se ela chegar aqui, não. Isso não vai me deixar orgulhoso. O que vai me deixar muito orgulhoso é, mesmo que os caras me prendam, vocês continuarem em greve até a vitória final. Este é um pedido que eu faço. Vocês não precisam se preocupar comigo.

Entendam bem uma coisa. Entendam bem, por favor! Cada um de nós aqui, cada um de nós, o Lula, o Ratinho, o jornalista, o metalúrgico, individualmente não vale porra nenhuma. Não vale. A categoria como um todo vale muito. E o que nós precisamos preservar é a categoria. O que nós precisamos preservar é todo o trabalho que foi montado desde o dia primeiro de abril. É por isso que eu vou fazer um pedido pra vocês. Durante 15 dias, eu pedi pelo microfone que os companheiros viessem para o sindicato. O pedido que eu faço hoje é o contrário. E eu gostaria que vocês entendessem que nem é um pedido, é uma súplica. É que cada um de vocês será muito mais importante, amanhã de manhã, numa rua do ABC, conversando com os companheiros pra não irem trabalhar. Imaginem se eles colocarem aqui nessa rua 5000 dos caras do Exército, interditem o sindicato como interditem no ano passado, e a gente ficar aqui dentro preso. O que será da nossa greve? O que será da nossa greve se todos os companheiros que estão aqui, que são a vanguarda, não estiverem lá fora pra dizer pro pessoal que não é para trabalhar, que houve intervenção no nosso sindicato? São vocês que têm de meditar, que não sou eu que vou dar opinião pra vocês, não. Vocês já são adultos, e é por sermos adultos que nós fazemos o que estamos fazendo. São vocês que têm de meditar e ver onde vocês são mais importantes.

Eu já disse para vocês que o sindicato não é esse prédio. O sindicato é cada um de vocês, nada mais do que vocês. O sindicato é cada um de vocês na rua. O sindicato é cada um de vocês onde vocês estiverem. Se um de vocês estiver pescando na represa amanhã, eu terei a coragem de dizer que lá está o Sindicato de São Bernardo do Campo e Diadema. Entretanto, se 5 000 furadores de greve estiverem aqui, eu não terei coragem de dizer que aqui está o sindicato de São Bernardo do campo e Diadema. Vejam a inversão das coisas, gente! Eu estou dizendo que se um de vocês estiver na beira da represa, amanhã, pescando, vocês

serão muito mais sindicato do que 10 000 furadores de greve aqui dentro. É por isso que eu apelo aos companheiros. Meditem! Meditem! A minha opinião pessoal é que nós temos que decidir o que é mais importante. Nós temos que decidir o que é mais importante. Para mim o mais importante é os trabalhadores ficarem em greve e voltarem a trabalhar com uma vitória. Porque, se voltarem a trabalhar com uma vitória, no ano que vem teremos outra vitória.

Eu não estou precisando de proteção. Eu acho que Deus protege cada um de nós. Entretanto, existem alguns milhares de trabalhadores aí na rua que precisam de proteção daqueles que tem consciência. E vocês têm consciência e têm que ir lá fora dar consciência para esse pessoal. A vitória da nossa greve, a vitória do nosso movimento será a capacidade de decisão que vocês tiverem. E vocês vão ter que fazer uma opção: ou ficam aqui dentro ou vão às 3 horas da manhã parar o pessoal lá fora, o que acho que é muito importante. Quem for favorável a ficar lá fazendo o que nós fizemos durante 15 dias, quem achar que isso é mais importante, levante a mão.

Pessoal, depois da decisão de vocês, eu tenho um pedido pra fazer. Nada de ficar dormindo até às 9. Eu tenho um pedido pra vocês: levantem às 3 da manhã, façam o que tem que ser feito, não marquem bobeira. Depois, voltem pra casa, durmam até a hora da assembléia e venham para a assembléia. Isso eu tenho pedido para vocês durante esses 15 dias. Graças a Deus vocês deram uma demonstração de consciência quando aprovaram que é melhor estar na rua às 3 da manhã do que estar aqui dentro. É o que eu disse na assembléia hoje. Não sei se todo mundo me ouviu bem, porque a minha voz está como duas folhas de lixa grossa raspando uma na outra.

É importante que vocês entendam bem uma coisa. O governo está apostando no esvaziamento da greve, está apostando nisso. Ele acha que terça-feira a gente não agüenta mais e volta a trabalhar. Prestem atenção numa coisa. Talvez eles me prendam. Prestem atenção! Ninguém fala nada. Talvez eles me prendam como prenderam o Olívio Dutra no Rio Grande do Sul. E vocês sabem que se eu estiver preso e tiver notícia que a greve acabou porque eu estava preso, eu vou ficar puto da vida com vocês. Agora, se eu estiver preso e ficar sabendo que vocês estão em greve, podem me segurar dez anos lá dentro. O que é importante e que vai satisfazer a gente é saber que os metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema só voltaram a trabalhar quando a classe empresarial se ajoelhou a seus

pés. Tem muitos companheiros, tem muitos companheiros deputados aqui dentro. Tem muita gente amiga da gente que está aqui para dar proteção pra mim e pra diretoria do sindicato. O que eu queria agora era fazer um pedido pra vocês, dar um aviso importante. O sindicato tem 178 funcionários. Eu não sei qual vai ser a atitude dos funcionários do sindicato porque, como presidente do sindicato, eu não posso orientar os funcionários pra fazer isso ou pra fazer aquilo. Eu acho que é uma decisão deles, como fazer greve foi uma decisão nossa. Cada companheiro tem que ter um funcionário como amigo. Cada companheiro tem que saber que cada funcionário do sindicato que está aqui dentro é um amigo, e, enquanto eles estiverem aqui dentro, vocês podem ter a certeza de serem bem informados, podem ter a certeza de que tratarão vocês com o máximo de respeito e o máximo de dignidade. Pode ter a certeza de que esses funcionários que o sindicato tem são pessoas escolhidas a dedo, são pessoas nas quais a diretoria do sindicato confia, como confia em cada um de vocês.

Dito isso, eu queria, antes de dar a palavra pro Djalma, lembrar o esquema que está montado e que vocês já sabem. Se eles interditarem o campo no sábado, a gente vai pro Paço Municipal; se eles interditarem o Paço Municipal, a gente vai pras igrejas, pras matrizes de cada cidade e de cada bairro. Cada membro da comissão, enquanto estiver solto - Deus queira que estejam sempre soltos - vai falar com vocês. Um dia se acontecer de não poderem falar dentro de uma orientação dos trabalhadores e não da orientação do próprio deputado ou do padre. Se vocês tiverem de fazer assembléias nas igrejas, se vocês tiverem assembléias em cada igreja de seu bairro, cada padre terá um comunicado único. Em todas as igrejas terá um comunicado único pra vocês saberem o que cada companheiro está ouvindo em outra igreja. Um companheiro que estiver numa igreja do bairro Assunção, em São Bernardo, estará recebendo a mesma mensagem que um companheiro que estiver no bairro Assunção, em Santo André. A ordem é a seguinte: só voltar ao trabalho com vitória e nunca com derrota.

Amanhã vai sair o jornal, vocês estão lembrados daquele jornal que sustentou a gente o ano passado, o *ABCD Jornal*? Estão lembrados de que quando estiveram no sindicato, a gente distribuiu trezentos mil *ABCD*? Então, o *ABCD*, já está pronto e, amanhã, nas igrejas, nos bares, já estará sendo distribuído o *ABCD Jornal*, que passa a ser, enquanto não sair a próxima *Tribuna Metalúrgica*, o jornalzinho com as palavras de ordem do sindicato, da diretoria do sindicato, do comando de greve e

da comissão de salário. Amanhã já sai esse jornal.

O que vocês têm de saber e fazer é o que o companheiro falou: fazer a operação graxa. Amanhã de manhã é pra isso. É importante que depois das palavras do Djalma, cada um de nós reflita.

Eu não sei se vocês percebiam, nos dias que vocês estavam aí e eu estava reunido com a diretoria do sindicato, que eu dizia pra diretoria: olha seu bando de filhos da puta, nós temos que sair aí pra esse corredor com os dentes abertos, arreganhados, porque nós temos que mostrar otimismo pros trabalhadores. Então, eu acho que cada um de nós tem que sair daqui, hoje, com um sorriso, um sorriso que será muito maior ainda no dia em que a gente voltar a trabalhar com o aumento no bolso e com o respeito dos trabalhadores.

E nada, nada de trabalhador ficar aí acabrunhado, com carinha fechada porque há intervenção no sindicato. Nós temos de ir pra rua mostrar otimismo. Eles podem cassar 20, mas nós somos 142 000, e eles jamais vão conseguir cassar 140 000. Então, eu peço pra vocês o seguinte: eu não quero ninguém de carinha amarrada, eu quero todo mundo sorrindo, assim como aquele companheiro. Todo mundo sorrindo, porque isso que está acontecendo hoje é uma das passagens da nossa luta, e se a gente ficar com a cabeça amuada, com a cara amuada, vamos fazer o jogo deles. A gente tem que mostrar aí pra televisão, pra fotografia, que nós estamos rindo porque isso que aconteceu não vai acabar com a nossa luta.

## ANEXO B - Discurso de posse do primeiro mandato em 1º de janeiro de 2003

### Íntegra do discurso de Lula no Congresso Nacional

“Companheiros e companheiras

“Mudança”; esta é a palavra chave, esta foi a grande mensagem da sociedade brasileira nas eleições de outubro. A esperança finalmente venceu o medo e a sociedade brasileira decidiu que estava na hora de trilhar novos caminhos.

Diante do esgotamento de um modelo que, em vez de gerar crescimento, produziu estagnação, desemprego e fome; diante do fracasso de uma cultura do individualismo, do egoísmo, da indiferença perante o próximo, da desintegração das famílias e das comunidades

Diante das ameaças à soberania nacional, da precariedade avassaladora da segurança pública, do desrespeito aos mais velhos e do desalento dos mais jovens; diante do impasse econômico, social e moral do país, a sociedade brasileira escolheu mudar e começou, ela mesma, a promover a mudança necessária.

Foi para isso que o povo brasileiro me elegeu Presidente da República: para mudar. Este foi o sentido de cada voto dado a mim e ao meu bravo companheiro José Alencar.

E eu estou aqui, neste dia sonhado por tantas gerações de lutadores que vieram antes de nós, para reafirmar os meus compromissos mais profundos e essenciais, para reiterar a todo cidadão e cidadã do meu País o significado de cada palavra dita na campanha, para imprimir à mudança um caráter de intensidade prática, para dizer que chegou a hora de transformar o Brasil naquela nação com a qual a gente sempre sonhou: uma nação soberana, digna, consciente da própria importância no cenário internacional e, ao mesmo tempo, capaz de abrigar, acolher e tratar com justiça todos os seus filhos.

Vamos mudar, sim. Mudar com coragem e cuidado, humildade e ousadia. Mudar tendo consciência de que a mudança é um processo gradativo e continuado, não um simples ato de vontade, não um arroubo voluntarista. Mudança por meio do diálogo e da negociação, sem atropelos ou precipitações, para que o resultado seja consistente e duradouro.

O Brasil é um país imenso, um continente de alta complexidade humana, ecológica e social, com quase 175 milhões de habitantes. Não podemos deixá-lo seguir à deriva, ao sabor dos ventos, carente de um verdadeiro projeto de desenvolvimento nacional e de um planejamento de fato estratégico. Se queremos transformá-lo, a fim de vivermos em uma nação em que todos possam andar de cabeça erguida, teremos de exercer quotidianamente duas virtudes: a paciência e a perseverança.

Teremos que manter sob controle as nossas muitas e legítimas ansiedades sociais, para que elas possam ser atendidas no ritmo adequado e no momento justo; teremos que pisar na estrada com os olhos abertos e caminhar com os passos pensados, precisos e sólidos, pelo simples motivo de que ninguém pode colher os frutos antes de plantar as árvores.

Mas começaremos a mudar já, pois como diz a sabedoria popular, uma longa caminhada começa pelos primeiros passos.

Este é um país extraordinário. Da Amazônia ao Rio Grande do Sul, em meio a populações praiieras, sertanejas e ribeirinhas, o que vejo em todo lugar é um povo maduro, calejado e otimista. Um povo que não deixa nunca de ser novo e jovem, um povo que sabe o que é sofrer, mas sabe também o que é alegria, que confia em si mesmo em suas próprias forças. Creio num futuro grandioso para o Brasil, porque a nossa alegria é maior do que a nossa dor, a nossa força é maior do que a nossa miséria, a nossa esperança é maior do que o nosso medo.

O povo brasileiro, tanto em sua história mais antiga, quanto na mais recente, tem dado provas incontestáveis de sua grandeza e generosidade, provas de sua capacidade de mobilizar a energia nacional em grandes momentos cívicos; e eu desejo, antes de qualquer outra coisa, convocar o meu povo, justamente para um grande mutirão cívico, para um mutirão nacional contra a fome.

Num país que conta com tantas terras férteis e com tanta gente que quer trabalhar, não deveria haver razão alguma para se falar em fome. No entanto, milhões de brasileiros, no campo e na cidade, nas zonas rurais mais desamparadas e nas periferias urbanas, estão, neste momento, sem ter o que comer. Sobrevivem milagrosamente abaixo da linha da pobreza, quando não morrem de miséria, mendigando um pedaço de pão.

Essa é uma história antiga. O Brasil conheceu a riqueza dos engenhos e das plantações de cana-de-açúcar nos primeiros tempos coloniais, mas não venceu a

fome; proclamou a independência nacional e aboliu a escravidão, mas não venceu a fome; conheceu a riqueza das jazidas de ouro, em Minas Gerais, e da produção de café, no Vale do Paraíba, mas não venceu a fome; industrializou-se e forjou um notável e diversificado parque produtivo, mas não venceu a fome. Isso não pode continuar assim.

Enquanto houver um irmão brasileiro ou uma irmã brasileira passando fome, teremos motivo de sobra para nos cobrirmos de vergonha.

Por isso, defini entre as prioridades de meu governo um programa de segurança alimentar que leva o nome de “Fome Zero”. Como disse em meu primeiro pronunciamento após a eleição, se, ao final do meu mandato, todos os brasileiros tiverem a possibilidade de tomar café da manhã, almoçar e jantar, terei cumprido a missão da minha vida.

É por isso que hoje conclamo: Vamos acabar com a fome em nosso país. Transformemos o fim da fome em uma grande causa nacional, como foram no passado a criação da Petrobras e a memorável luta pela redemocratização do país.

Essa é uma causa que pode e deve ser de todos, sem distinção de classe, partido, ideologia. Em face do clamor dos que padecem o flagelo da fome, deve prevalecer o imperativo ético de somar forças, capacidades e instrumentos para defender o que é mais sagrado: a dignidade humana.

Para isso, será também imprescindível fazer uma reforma agrária pacífica, organizada e planejada.

Vamos garantir acesso à terra para quem quer trabalhar, não apenas por uma questão de justiça social, mas para que os campos do Brasil produzam mais e tragam mais alimentos para a mesa de todos nós, tragam trigo, tragam soja, tragam farinha, tragam frutos, tragam o nosso feijão com arroz.

Para que o homem do campo recupere sua dignidade sabendo que, ao se levantar com o nascer do sol, cada movimento de sua enxada ou do seu trator irá contribuir para o bem-estar dos brasileiros do campo e da cidade, vamos incrementar também a agricultura familiar, o cooperativismo, as formas de economia solidária.

Elas são perfeitamente compatíveis com o nosso vigoroso apoio à pecuária e à agricultura empresarial, à agroindústria e ao agronegócio, são, na verdade, complementares tanto na dimensão econômica quanto social. Temos de nos orgulhar de todos esses bens que produzimos e comercializamos.

A reforma agrária será feita em terras ociosas, nos milhões de hectares hoje disponíveis para a chegada de famílias e de sementes, que brotarão viçosas com linhas de crédito e assistência técnica e científica. Faremos isso sem afetar de modo algum as terras que produzem, porque as terras produtivas se justificam por si mesmas e serão estimuladas a produzir sempre mais, a exemplo da gigantesca montanha de grãos que colhemos a cada ano.

Hoje, tantas e tantas áreas do país estão devidamente ocupadas, as plantações espalham-se a perder de vista, há locais em que alcançamos produtividade maior do que a da Austrália e a dos Estados Unidos. Temos que cuidar bem - muito bem - deste imenso patrimônio produtivo brasileiro. Por outro lado, é absolutamente necessário que o país volte a crescer, gerando empregos e distribuindo renda.

Quero reafirmar aqui o meu compromisso com a produção, com os brasileiros e brasileiras, que querem trabalhar e viver dignamente do fruto do seu trabalho. Disse e repito: criar empregos será a minha obsessão. Vamos dar ênfase especial ao Projeto Primeiro Emprego, voltado para criar oportunidades aos jovens, que hoje encontram tremenda dificuldade em se inserir no mercado de trabalho.

Nesse sentido, trabalharemos para superar nossas vulnerabilidades atuais e criar condições macroeconômicas favoráveis à retomada do crescimento sustentado para a qual a estabilidade e a gestão responsável das finanças públicas são valores essenciais.

Para avançar nessa direção, além de travar combate implacável à inflação, precisaremos exportar mais, agregando valor aos nossos produtos e atuando, com energia e criatividade, nos solos internacionais do comércio globalizado. Da mesma forma, é necessário incrementar - muito - o mercado interno, fortalecendo as pequenas e microempresas. É necessário também investir em capacitação tecnológica e infra-estrutura voltada para o escoamento da produção.

Para repor o Brasil no caminho do crescimento, que gere os postos de trabalho tão necessários, carecemos de um autêntico pacto social pelas mudança e de uma aliança que entrelace objetivamente o trabalho e o capital produtivo, geradores da riqueza fundamental da nação, de modo a que o Brasil supere a estagnação atual e para que o país volte a navegar no mar aberto do desenvolvimento econômico e social.

O pacto social será, igualmente, decisivo para viabilizar as reformas que a sociedade brasileira reclama e que eu me comprometi a fazer: a reforma da Previdência, reforma tributária, reforma política e da legislação trabalhista, além da própria reforma agrária. Esse conjunto de reformas vai impulsionar um novo ciclo do desenvolvimento nacional.

Instrumento fundamental desse pacto pela mudança será o Conselho Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social que pretendo instalar já a partir de janeiro, reunindo empresários, trabalhadores e lideranças dos diferentes segmentos da sociedade civil.

Estamos em um momento particularmente propício para isso. Um momento raro da vida de um povo. Um momento em que o Presidente da República tem consigo, ao seu lado, a vontade nacional. O empresariado, os partidos políticos, as Forças Armadas e os trabalhadores estão unidos. Os homens, as mulheres, os mais velhos, os mais jovens, estão irmanados em um mesmo propósito de contribuir para que o país cumpra o seu destino histórico de prosperidade e justiça.

Além do apoio da imensa maioria das organizações e dos movimentos sociais, contamos também com a adesão entusiasmada de milhões de brasileiros e brasileiras que querem participar dessa cruzada pela retomada pelo crescimento contra a fome, o desemprego e a desigualdade social. Trata-se de uma poderosa energia solidária que a nossa campanha despertou e que não podemos e não vamos desperdiçar. Uma energia ético-política extraordinária que nos empenharemos para que se encontre canais de expressão em nosso governo.

Por tudo isso, acredito no pacto social. Com esse mesmo espírito constituí o meu Ministério com alguns dos melhores líderes de cada segmento econômico e social brasileiro. Trabalharemos em equipe, sem personalismo, pelo bem do Brasil e vamos adotar um novo estilo de Governo com absoluta transparência e permanente estímulo à participação popular.

O combate à corrupção e a defesa da ética no trato da coisa pública serão objetivos centrais e permanentes do meu governo. É preciso enfrentar com determinação e derrotar a verdadeira cultura da impunidade que prevalece em certos setores da vida pública.

Não permitiremos que a corrupção, a sonegação e o desperdício continuem privando a população de recursos que são seus e que tanto poderiam ajudar na sua dura luta pela sobrevivência.

Ser honesto é mais do que apenas não roubar e não deixar roubar. É também aplicar com eficiência e transparência, sem desperdícios, os recursos públicos focados em resultados sociais concretos. Estou convencido de que temos, dessa forma, uma chance única de superar os principais entraves ao desenvolvimento sustentado do País. E acreditem, acreditem mesmo, não pretendo desperdiçar essa oportunidade conquistada com a luta de muitos milhões e milhões de brasileiros e brasileiras.

Sob a minha liderança o Poder Executivo manterá uma relação construtiva e fraterna com os outros Poderes da República, respeitando exemplarmente a sua independência e o exercício de suas altas funções constitucionais.

Eu, que tive a honra de ser Parlamentar desta Casa, espero contar com a contribuição do Congresso Nacional no debate criterioso e na viabilização das reformas estruturais de que o País demanda de todos nós.

Em meu governo, o Brasil vai estar no centro de todas as atenções. O Brasil precisa fazer em todos os domínios um mergulho para dentro de si mesmo, de forma a criar forças que lhe permitam ampliar o seu horizonte. Fazer esse mergulho não significa fechar as portas e janelas ao mundo.

O Brasil pode e deve ter um projeto de desenvolvimento que seja ao mesmo tempo nacional e universalista, significa, simplesmente, adquirir confiança em nós mesmos, na capacidade de fixar objetivos de curto, médio e longo prazos e de buscar realizá-los. O ponto principal do modelo para o qual queremos caminhar é a ampliação da poupança interna e da nossa capacidade própria de investimento, assim como o Brasil necessita valorizar o seu capital humano investindo em conhecimento e tecnologia.

Sobretudo vamos produzir. A riqueza que conta é aquela gerada por nossas próprias mãos, produzida por nossas máquinas, pela nossa inteligência e pelo nosso suor.

O Brasil é grande. Apesar de todas as crueldades e discriminações, especialmente contra as comunidades indígenas e negras, e de todas as desigualdades e dores que não devemos esquecer jamais, o povo brasileiro realizou uma obra de resistência e construção nacional admirável.

Construiu, ao longo do século, uma nação plural, diversificada, contraditória até, mas que se entende de uma ponta a outra do território. Dos encantados da Amazônia aos orixás da Bahia; do frevo pernambucano às escolas de samba do Rio

de Janeiro; dos tambores do Maranhão ao barroco mineiro; da arquitetura de Brasília à música sertaneja.

Estendendo o arco de sua multiplicidade nas culturas de São Paulo, do Paraná, de Santa Catarina, do Rio Grande do Sul e da Região Centro-Oeste. Esta é uma nação que fala a mesma língua, partilha os mesmos valores fundamentais, se sente que é brasileira.

Onde a mestiçagem e o sincretismo se impuseram dando uma contribuição original ao mundo. Onde judeus e árabes conversam sem medo. Onde a mestiçagem e o sincretismo se impuseram, dando uma contribuição original ao mundo, onde judeus e árabes conversam sem medo, onde toda migração é bem-vinda, porque sabemos que em pouco tempo, pela nossa própria capacidade de assimilação e de bem-querer, cada migrante se transforma em mais um brasileiro.

Esta nação que se criou sob o céu tropical tem que dizer a que veio; internamente, fazendo justiça à luta pela sobrevivência em que seus filhos se acham engajados; externamente, afirmando a sua presença soberana e criativa no mundo. Nossa política externa refletirá também os anseios de mudança que se expressaram nas ruas.

No meu governo, a ação diplomática do Brasil estará orientada por uma perspectiva humanista e será, antes de tudo, um instrumento do desenvolvimento nacional. Por meio do comércio exterior, da capacitação de tecnologias avançadas, e da busca de investimentos produtivos, o relacionamento externo do Brasil deverá contribuir para a melhoria das condições de vida da mulher e do homem brasileiros, elevando os níveis de renda e gerando empregos dignos.

As negociações comerciais são hoje de importância vital. Em relação à Alca, nos entendimentos entre o Mercosul e a União Européia, que na Organização Mundial do Comércio, o Brasil combaterá o protecionismo, lutará pela eliminação e tratará de obter regras mais justas e adequadas à nossa condição de país em desenvolvimento.

Buscaremos eliminar os escandalosos subsídios agrícolas dos países desenvolvidos que prejudicam os nossos produtores privando-os de suas vantagens comparativas. Com igual empenho, esforçaremos-nos para remover os injustificáveis obstáculos às exportações de produtos industriais. Essencial em todos esses foros é preservar os espaços de flexibilidade para nossas políticas de desenvolvimento nos campos social e regional, de meio ambiente, agrícola, industrial e tecnológico.

Não perderemos de vista que o ser humano é o destinatário último do resultado das negociações. De pouco valerá participarmos de esforço tão amplo e em tantas frentes se daí não decorrerem benefícios diretos para o nosso povo. Estaremos atentos também para que essas negociações, que hoje em dia vão muito além de meras reduções tarifárias e englobam um amplo espectro normativo, não criem restrições inaceitáveis ao direito soberano do povo brasileiro de decidir sobre seu modelo de desenvolvimento.

A grande prioridade da política externa durante o meu governo será a construção de uma América do Sul politicamente estável, próspera e unida, com base em ideais democráticos e de justiça social. Para isso é essencial uma ação decidida de revitalização do Mercosul, enfraquecido pelas crises de cada um de seus membros e por visões muitas vezes estreitas e egoístas do significado da integração.

O Mercosul, assim como a integração da América do Sul em seu conjunto, é sobretudo um projeto político. Mas esse projeto repousa em alicerces econômico-comerciais que precisam ser urgentemente reparados e reforçados.

Cuidaremos também das dimensões social, cultural e científico-tecnológica do processo de integração. Estimularemos empreendimentos conjuntos e fomentaremos um vivo intercâmbio intelectual e artístico entre os países sul-americanos.

Apoiaremos os arranjos institucionais necessários, para que possa florescer uma verdadeira identidade do Mercosul e da América do Sul. Vários dos nossos vizinhos vivem hoje situações difíceis. Contribuiremos, desde que chamados e na medida de nossas possibilidades, para encontrar soluções pacíficas para tais crises, com base no diálogo, nos preceitos democráticos e nas normas constitucionais de cada país.

O mesmo empenho de cooperação concreta e de diálogos substantivos teremos com todos os países da América Latina.

Procuraremos ter com os Estados Unidos da América uma parceria madura, com base no interesse recíproco e no respeito mútuo. Trataremos de fortalecer o entendimento e a cooperação com a União Européia e os seus Estados-Membros, bem como com outros importantes países desenvolvidos, a exemplo do Japão.

Aprofundaremos as relações com grandes nações em desenvolvimento: a China, a Índia, a Rússia, a África do Sul, entre outros.

Reafirmamos os laços profundos que nos unem a todo o continente africano e a nossa disposição de contribuir ativamente para que ele desenvolva as suas enormes potencialidades.

Visamos não só a explorar os benefícios potenciais de um maior intercâmbio econômico e de uma presença maior do Brasil no mercado internacional, mas também a estimular os incipientes elementos de multipolaridade da vida internacional contemporânea.

A democratização das relações internacionais sem hegemonias de qualquer espécie é tão importante para o futuro da humanidade quanto a consolidação e o desenvolvimento da democracia no interior de cada Estado.

Vamos valorizar as organizações multilaterais, em especial as Nações Unidas, a quem cabe a primazia na preservação da paz e da segurança internacionais.

As resoluções do Conselho de Segurança devem ser fielmente cumpridas. Crises internacionais como a do Oriente Médio devem ser resolvidas por meios pacíficos e pela negociação. Defenderemos um Conselho de Segurança reformado, representativo da realidade contemporânea com países desenvolvidos e em desenvolvimento das várias regiões do mundo entre os seus membros permanentes.

Enfrentaremos os desafios da hora atual como o terrorismo e o crime organizado, valendo-nos da cooperação internacional e com base nos princípios do multilateralismo e do direito internacional.

Apoiaremos os esforços para tornar a ONU e suas agências instrumentos ágeis e eficazes da promoção do desenvolvimento social e econômico do combate à pobreza, às desigualdades e a todas as formas de discriminação da defesa dos direitos humanos e da preservação do meio ambiental.

Sim, temos uma mensagem a dar ao mundo: temos de colocar nosso projeto nacional democraticamente em diálogo aberto, como as demais nações do planeta, porque nós somos o novo, somos a novidade de uma civilização que se desenhou sem temor, porque se desenhou no corpo, na alma e no coração do povo, muitas vezes, à revelia das elites, das instituições e até mesmo do Estado.

É verdade que a deterioração dos laços sociais no Brasil nas últimas duas décadas decorrentes de políticas econômicas que não favoreceram o crescimento trouxe uma nuvem ameaçadora ao padrão tolerante da cultura nacional.

Crimes hediondos, massacres e linchamentos crisparam o país e fizeram do cotidiano, sobretudo nas grandes cidades, uma experiência próxima da guerra de todos contra todos.

Por isso, inicio este mandato com a firme decisão de colocar o governo federal em parceria com os Estados a serviço de uma política de segurança pública muito mais vigorosa e eficiente. Uma política que, combinada com ações de saúde, educação, entre outras, seja capaz de prevenir a violência, reprimir a criminalidade e restabelecer a segurança dos cidadãos e cidadãs.

Se conseguirmos voltar a andar em paz em nossas ruas e praças, daremos um extraordinário impulso ao projeto nacional de construir, neste rincão da América, um bastião mundial da tolerância, do pluralismo democrático e do convívio respeitoso com a diferença.

O Brasil pode dar muito a si mesmo e ao mundo. Por isso devemos exigir muito de nós mesmos. Devemos exigir até mais do que pensamos, porque ainda não nos expressamos por inteiro na nossa história, porque ainda não cumprimos a grande missão planetária que nos espera.

O Brasil, nesta nova empreitada histórica, social, cultural e econômica, terá de contar, sobretudo, consigo mesmo; terá de pensar com a sua cabeça; andar com as suas próprias pernas; ouvir o que diz o seu coração. E todos vamos ter de aprender a amar com intensidade ainda maior o nosso País, amar a nossa bandeira, amar a nossa luta, amar o nosso povo.

Cada um de nós, brasileiros, sabe que o que fizemos até hoje não foi pouco, mas sabe também que podemos fazer muito mais. Quando olho a minha própria vida de retirante nordestino, de menino que vendia amendoim e laranja no cais de Santos, que se tornou torneiro mecânico e líder sindical, que um dia fundou o Partido dos Trabalhadores e acreditou no que estava fazendo, que agora assume o posto de supremo mandatário da nação, vejo e sei, com toda a clareza e com toda a convicção, que nós podemos muito mais.

E, para isso, basta acreditar em nós mesmos, em nossa força, em nossa capacidade de criar e em nossa disposição para fazer.

Estamos começando hoje um novo capítulo na história do Brasil, não como nação submissa, abrindo mão de sua soberania, não como nação injusta, assistindo passivamente ao sofrimento dos mais pobres, mas como nação altiva, nobre, afirmando-se corajosamente no mundo como nação de todos, sem distinção de

classe, etnia, sexo e crença.

Este é um país que pode dar, e vai dar, um verdadeiro salto de qualidade. Este é o país do novo milênio, pela sua potência agrícola, pela sua estrutura urbana e industrial, por sua fantástica biodiversidade, por sua riqueza cultural, por seu amor à natureza, pela sua criatividade, por sua competência intelectual e científica, por seu calor humano, pelo seu amor ao novo e à invenção, mas sobretudo pelos dons e poderes do seu povo.

O que nós estamos vivendo hoje neste momento, meus companheiros e minhas companheiras, meus irmãos e minhas irmãs de todo o Brasil, pode ser resumido em poucas palavras: hoje é o dia do reencontro do Brasil consigo mesmo.

Agradeço a Deus por chegar até aonde cheguei. Sou agora o servidor público número um do meu país.

Peço a Deus sabedoria para governar, discernimento para julgar, serenidade para administrar, coragem para decidir e um coração do tamanho do Brasil para me sentir unido a cada cidadão e cidadã deste país no dia a dia dos próximos quatro anos.

Viva o povo brasileiro!"

## ANEXO C - Discurso na Convenção Nacional do PT em 24 de junho de 2005

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva anunciou durante convenção do PT em Brasília, sábado, 24 de junho de 2005, sua candidatura à reeleição. Seu vice na chapa é novamente José Alencar (PRB).

“Companheiras e companheiros,

Vocês sabem, muito bem, quanto custou a cada um de nós chegar até aqui. Quanta batalha foi preciso vencer, quanto preconceito foi preciso remover, quanta armadilha foi preciso desmontar.

Vocês sabem como foi difícil realizar aquele sonho que parecia impossível: o sonho coletivo de ter um trabalhador na Presidência do Brasil.

Juntos, conseguimos mostrar que este sonho não apenas era possível, como era justo e necessário. Juntos, mostramos ao mundo que um trabalhador tem condições de dirigir com competência um país da importância do Brasil. Que pode fazer isso governando para todos e sem trair os interesses da população mais pobre.

Hoje eu estou aqui para dizer a vocês que o sonho não acabou e a esperança não morreu.

Hoje eu estou aqui para dizer a vocês que aceitei, mais uma vez, o chamamento. O chamamento que vem de vocês, mas que vem, também, do fundo do meu coração.

O chamamento para continuar a luta de construção de um Brasil mais justo e independente, onde cada brasileiro possa fazer três refeições todos os dias; possa ter emprego, educação e saúde; possa viver em um país cada vez mais moderno e humano; e possa, acima de tudo, ter esperança de um futuro cada vez melhor.

Hoje estou aqui para dizer a vocês que decidi submeter meu nome e meu governo, humildemente, ao julgamento dos meus irmãos brasileiros.

Hoje eu estou aqui para anunciar que sou, mais uma vez, candidato à Presidência da República.

E mais uma vez me acompanha, nesta jornada, o meu querido companheiro José Alencar.

Companheiros e companheiras,

Sou outra vez candidato não por ambição, mas porque o projeto de mudança do Brasil tem que continuar. Volto a ser candidato porque o Brasil, hoje, está melhor do que o Brasil que encontrei três anos e meio atrás, mas pode - e precisa - melhorar muito mais.

Volto a ser candidato porque os pobres estão menos pobres e poderão continuar melhorando de vida, caso sejam mantidos - e aprofundados - os programas sociais que implantamos.

Volto a ser candidato porque conseguimos recuperar uma economia que encontramos profundamente fragilizada. Porque provamos que é possível garantir, ao mesmo tempo, estabilidade, crescimento e distribuição de renda. Porque provamos que é possível ter crescimento econômico com geração de empregos e inclusão social. E porque queremos provar que é possível ampliar estas conquistas ainda mais.

Volto a ser candidato porque demos às classes mais pobres um alto índice de crescimento de renda e de poder de consumo. E porque tenho a certeza de que podemos continuar reduzindo a desigualdade social que ainda é grande no nosso país.

Volto a ser candidato porque melhoramos a educação, e vamos melhorá-la mais ainda, oferecendo ensino de qualidade em todos os níveis e fazendo com que a universidade seja cada vez mais acessível para os mais pobres.

Volto a ser candidato, porque abrimos as portas do Brasil para o século 21, lançando projetos que farão o nosso país dar o grande salto nas áreas de energia, infra-estrutura e pesquisa científica. E esses projetos precisam ter continuidade e apoio nos próximos anos.

Volto a ser candidato porque o Brasil é hoje uma nação mais respeitada internacionalmente e, se mantiver o rumo certo, poderá ampliar cada vez mais o seu papel no mundo.

Volto a ser candidato porque me sinto ainda mais maduro e preparado, pois aprendi bastante nos últimos anos, muitas vezes com sofrimento e injustiças.

Volto a ser candidato para ampliar o que está dando certo, corrigir o que houve de errado e fazer muita coisa que ainda não pôde ser feita.

Volto a ser candidato porque amo o Brasil, amo meu povo e não tenho ódio no peito. Porque tenho feito e continuarei a fazer um governo capaz de unir os brasileiros.

Companheiras e companheiros,

Meu mandato só acaba em 31 de dezembro. Mas se acabasse hoje, eu poderia dizer: não fizemos tudo que queríamos, porém fizemos muito mais do que certa gente imaginava.

Tenho certeza de que só frustrei profundamente dois tipos de pessoas: aquelas que pensavam que meu governo seria um caos - e torciam para isso - e aquelas, que com paixão e ingenuidade, imaginavam que eu poderia resolver todos os problemas do Brasil em apenas quatro anos.

O que conseguimos?

Além de ter retirado o país da beira do abismo, recolocamos o Brasil nos trilhos, iniciando um ciclo duradouro de desenvolvimento sustentado.

No início do governo, eu disse a vocês que iria primeiro fazer o necessário; depois o possível; para enfrentar, mais tarde, o impossível.

Por causa das dificuldades agudas que enfrentamos, tivemos, às vezes, de fazer tudo isso simultaneamente. Algumas vezes erramos e sofremos derrotas. Mas, graças a Deus, o saldo tem sido muito positivo. E este saldo favorece a todos os brasileiros, sem distinção.

E qual é a base deste projeto que temos implantado, nos últimos três anos e meio?

É a integração do social e do econômico, buscando que o social seja o eixo do desenvolvimento econômico e o desenvolvimento econômico seja o eixo do progresso social.

Nosso objetivo nunca foi alcançar apenas o superávit na economia, mas, sim, uma meta mais difícil: o superávit social. A economia é transitória, muda com as circunstâncias. As conquistas sociais são definitivas.

*Superávit social*, para mim, é a oferta justa, a todos os brasileiros, de bens e serviços de qualidade. E de meios para que todos possam crescer e progredir.

Para que desapareça da nossa paisagem o triste desenho da fome, da miséria, do desemprego, do analfabetismo, da má assistência à saúde e da falta de segurança.

De cabeça erguida, posso olhar para vocês e dizer que obtivemos muitos avanços nesta luta, e como me sinto em condições de fazer muito mais, quero continuar à frente do governo de todos os brasileiros.

Eu me sentiria frustrado se, nesta altura do meu governo, só pudesse mostrar bons indicadores macroeconômicos, sem que eles se refletissem na melhoria da vida do cidadão comum.

Graças a Deus, o Brasil está conseguindo fazer da política econômica e da política social duas faces de uma mesma moeda. Por isso nossos indicadores sociais e os números da nossa economia são os melhores dos últimos dez anos.

Companheiros e companheiras,

Hoje, as vozes do atraso estão de volta. E como não têm uma boa obra no passado e nem propostas para o futuro, fazem da agressão e da calúnia as suas principais armas.

Pensam que o povo esqueceu o que eles fizeram com o nosso país. Pensam que o povo esqueceu o tamanho do buraco que eles cavaram, e que só não engoliu o Brasil porque o Brasil era muito maior do que o abismo que eles construíram.

Nos lares, nas praças, nas fábricas e nos campos, o povo está dizendo que não os quer de volta. Mas eles nunca escutaram a voz do povo, e, obviamente, não vão querer escutá-la agora.

Porém, por mais que nos provoquem, não usaremos os mesmos métodos, pois temos armas limpas e poderosas. Uma delas é a comparação do que eles fizeram em oito anos de governo com o que nós estamos fazendo em apenas três anos e meio.

Todos se lembram do final do governo deles, quando a economia encolhia, o emprego diminuía e a pobreza aumentava. Era o tempo da instabilidade e da vulnerabilidade econômica. Era a época da insensibilidade social e do sucateamento da infra-estrutura. Era o tempo dos grandes apagões. Era o final da sanha privatista que dilapidou o patrimônio público. Era a época da desesperança e da baixa estima.

Começamos a trabalhar sem tréguas. Não nos queixamos da realidade, nem nos deixamos paralisar pela herança recebida. Iniciamos o processo de mudança e de reconstrução do Brasil que continua ainda hoje.

O caos que anunciaram que seria meu governo não aconteceu. Cumprimos contratos, negociamos com altivez nossas pendências, zeramos nossos débitos com o FMI e voltamos a crescer com justiça social.

Os números e os fatos demonstram que seguimos o caminho certo. Vamos começar comparando alguns números da economia.

Quando assumimos o governo, o país estava à beira da falência, com uma dívida externa de 210,7 bilhões de dólares e um risco Brasil de quase 2000 pontos.

Em três anos e meio, zeramos nossa dívida com o FMI, diminuimos a dívida restante para 161 bilhões de dólares e derrubamos o risco Brasil para os patamares mais baixos desde que é medido. Hoje ele está em 260 pontos.

Enquanto, com eles, a relação da dívida externa líquida com o PIB aumentou de 17,4% para 35,9%; conosco ela diminuiu de 35,9% para apenas 9,4%.

Na época deles, nossas reservas internacionais diminuíram de 37,9 bilhões de dólares para 16,3 bilhões. A economia ficou bastante vulnerável, o que era uma ameaça à nossa soberania.

Nos nossos três anos e meio de governo, as reservas aumentaram de 16,3 bilhões para 63 bilhões de dólares. E vão continuar crescendo.

No tempo deles, o saldo comercial acumulado sofreu um déficit de 8,6 bilhões de dólares. No nosso, tivemos um superávit de 118,7 bilhões de dólares e nossas exportações cresceram 106%. Um índice de crescimento muito acima da média mundial.

Eles prometem, agora, baixar os juros da noite para o dia. Mas no governo deles, a taxa Selic chegou a alcançar um pico de 85% ao ano.

Não estou satisfeito com a taxa de juros praticada no país. Mas já conseguimos baixá-la para 15,25% e criamos condições macroeconômicas para que ela continue diminuindo de forma equilibrada e consistente.

Eles prometem, agora, reduzir os impostos. Mas nos oito anos deles, foi grande o aumento da carga tributária. Nosso aumento de arrecadação, ao contrário, se deu fundamentalmente pelo crescimento da economia e a melhoria da máquina arrecadadora. Além do mais, desoneramos produtos de consumo popular e setores produtivos estratégicos.

Tudo isso, somado, significa uma economia sólida, capaz de garantir o crescimento de forma sustentada e com força para resistir aos solavancos externos.

Acabou-se o tempo em que um leve resfriado nos mercados globalizados significava uma grave pneumonia no Brasil.

Porém, mais importante que os indicadores macroeconômicos são os benefícios concretos na vida das pessoas.

Melhoria de vida se mede, principalmente, pela capacidade de consumo da população pobre, não pelo consumo sofisticado dos mais ricos. E hoje o brasileiro,

em especial o brasileiro pobre e de classe média, tem melhor capacidade de consumo.

Hoje muitos brasileiros pobres estão comendo melhor, porque ganham mais e têm alimento mais barato; podem construir ou reformar sua casa, porque baixamos os impostos e o preço do material de construção diminuiu; podem comprar sua geladeira, seu fogão e sua televisão, porque a renda melhorou e o crédito está mais acessível.

Hoje vivemos uma feliz combinação de inflação baixa, melhor poder aquisitivo das classes mais pobres e melhor acesso ao crédito.

Nos nossos três anos e meio de governo, o salário mínimo real teve o maior aumento dos últimos 12 anos. Como a inflação é baixa, a oferta de alimentos boa, e nós reduzimos os impostos dos produtos, o poder de compra do salário mínimo aumentou fortemente em relação à cesta básica.

Ao mesmo tempo, praticamos uma verdadeira revolução no crédito, abrindo suas portas para amplos setores da população que nunca tiveram acesso a ele.

Ou seja, melhorou o Brasil e a vida dos brasileiros também melhorou.

Companheiras e companheiros,

Sei que muito ainda precisa ser feito para diminuir a pobreza e a desigualdade social. Mas estamos no caminho certo. E aqui me permitam fazer uma nova comparação com o passado recente.

O valor do índice Gini, que mede a desigualdade social, foi o menor dos últimos 29 anos. Repito: o menor dos últimos 29 anos.

Conforme a Pnad, entre 2003 e 2004, a miséria teve uma redução de 8%, e 3 milhões e 200 mil pessoas saíram da linha de pobreza.

É como se um país inteiro de miseráveis tivesse levantado a cabeça e saído a caminhar em busca de um destino melhor.

Isso só ocorre porque temos, hoje, no Brasil, alguns dos maiores e mais eficientes programas de transferência de renda do mundo.

Eles formam uma grande rede de promoção e proteção social cuja cabeça é o Fome Zero; e o principal braço, o Bolsa Família.

O Fome Zero é, na verdade, um guarda-chuva de cidadania que integra ações de combate à fome, transferência de renda, acesso a alimentos mais baratos e fortalecimento da agricultura familiar.

O Bolsa Família é o programa de maior visibilidade do Fome Zero. Porém, a sociedade ainda não conhece todas as suas facetas.

Além da ajuda financeira a 11 milhões de famílias, o Bolsa Família está hoje integrado, entre outros programas, com o Brasil alfabetizado; com o Pronaf em ações na área da agricultura familiar; com o Peti, que é o programa de erradicação do trabalho infantil, e com o Sentinela, que combate a exploração sexual da criança e do adolescente.

Não estamos dando esmola. Estamos transferindo renda, garantindo o direito à alimentação e ampliando a cidadania.

Hoje, nossos programas de transferência de renda beneficiam a população de todos os Estados brasileiros. Eles melhoram a vida dos mais pobres e, ao mesmo tempo, ativam a economia de milhares de municípios, gerando renda e emprego para toda a comunidade.

Nos nossos três anos e meio de governo, transferimos para as famílias carentes um volume de recursos 36% maior, em proporção ao PIB, que nos oito anos do governo deles.

Por minha história pessoal e minha formação política sou um homem que defendo a cultura do trabalho. E sei que somente com emprego e educação uma pessoa pode, definitivamente, melhorar de vida.

É por isso que o eixo do nosso governo une o econômico, o social e o desenvolvimento tecnológico. Programas de transferência de renda convivem com políticas públicas de desenvolvimento e emprego. Equilíbrio macroeconômico é pano de fundo para o avanço social. Políticas de longo prazo interagem com ações emergenciais no cotidiano. E o apoio a grandes indústrias e ao grande setor de serviços ocorre junto com um vigoroso suporte ao pequeno e médio empreendedor.

Como exemplo do apoio ao pequeno empreendedor, quero citar o grande avanço que conseguimos na agricultura familiar.

O crédito triplicou: enquanto no último ano de governo eles investiram 2,4 bilhões de reais no Pronaf, nós investimos 7,5 bilhões na safra 2005-2006.

Demos um salto, além disso, na implantação da reforma agrária, aumentando os assentamentos, o crédito e a assistência técnica. Já assentamos 260 mil novas famílias e aumentamos o orçamento do setor em 255%.

Eu quero encerrar este capítulo, comparando os resultados na área mais delicada e de maior demanda no mundo, que é a área do emprego.

Nos oito anos de governo deles, a taxa de desemprego aberto aumentou 41%. Nos nossos três anos e meio, a taxa de desemprego aberto diminuiu 13,7%.

E o mais importante: enquanto eles criaram, em média, 8,3 mil empregos por mês, nós estamos criando uma média de 102 mil empregos mensais.

Por isso, já criamos mais de quatro milhões de empregos com carteira assinada, um montante superior ao que eles criaram nos seus oito longos anos de inércia.

Se somarmos as vagas abertas no mercado informal e no setor público, o número de empregos criados por nós é de 5 milhões e 600 mil.

Para não cansá-los com outros números, resumo o restante numa frase: fizemos em 42 meses mais que eles em 8 anos. Porém, mesmo que tivéssemos feito o dobro, ainda seria pouco, frente a imensa dívida social deixada por séculos de descaso com os mais pobres deste país.

Companheiros e companheiras,

Permitam-me, agora, conversar um pouco com meus convidados especiais. Com estes amigos que são a cara deste Brasil belo e sofrido. Deste Brasil que é a razão da minha existência e ao qual jurei dedicar a minha vida.

Meu caro Arnaldo Pereira: melhor do que ninguém, eu posso medir a sua alegria e de sua família quando o programa luz para todos levou energia elétrica para a propriedade de vocês, lá no Vale do Ribeira, em São Paulo.

Em boa parte da minha infância, Arnaldo, eu não tive luz em casa. Era difícil para minha mãe cozinhar e costurar com a luz de candeeiro.

É por isso que uma das minhas maiores alegrias como presidente é já ter levado energia elétrica para 3 milhões e 300 mil de pessoas, nos pontos mais remotos do país. E quero ir além: quero ser o presidente que vai apagar a última lamparina da casa mais humilde do Brasil.

Sabe por que Arnaldo? Entre outras coisas, para poder ouvir histórias como a de uma companheira nossa, lá do sertão do Ceará, que nos primeiros dias em que a energia chegou à sua casa, ficou acendendo a luz do quarto a noite inteira. O marido perguntou por que ela estava fazendo aquilo. E ela respondeu: “É porque eu nunca tinha visto a cara do meu filho dormindo de noite”.

São emoções como esta, Arnaldo, que fazem valer a pena ser presidente. Elas amenizam algumas injustiças que a gente sofre e nos mostram o tamanho do equívoco daqueles que acham que os programas que favorecem os mais humildes,

como o luz para todos, são investimentos desnecessários e mal feitos.

A mesma coisa, dona Maria, eles dizem do Bolsa Família, que beneficia a senhora e toda a sua família, aqui em Formosa. Eles são incapazes de ver a importância que tem este programa para as 11 milhões de famílias que hoje são beneficiadas por ele.

Vejo ali a Priscila de Jesus, do Rio de Janeiro, que está podendo cursar a universidade porque conseguiu uma das 203 mil bolsas do Prouni.

Saiba, Priscila, que o Prouni é apenas um aspecto da grande transformação que estamos fazendo na educação.

Além do aumento de verbas que fizemos nos primeiros anos de governo, enviamos ao Congresso - em junho de 2005 e espero que seja votado logo - um projeto de lei criando o Fundeb, um fundo que, nos próximos três anos, vai aumentar em dez vezes o investimento federal nos setores mais carentes do ensino.

Estamos criando as bases para investir em todos os níveis de ensino, Priscila, porque sabemos que os pobres, os trabalhadores e a classe média, merecem ter uma pré-escola boa, um curso fundamental eficiente, um nível médio de qualidade, uma universidade moderna e uma pós-graduação de excelência.

Já criamos quatro universidades federais, transformamos seis faculdades em universidades e levamos 42 extensões universitárias para o interior do país.

E estamos fazendo uma reparação histórica: a garantia de vagas, nas universidades públicas e no Prouni, para afrodescendentes, além da concessão de bolsas universitárias para índios.

Além disso, temos vários outros programas na área da educação e da formação profissional, como o ProJovem, que assegura a conclusão do curso fundamental e o aprendizado de uma profissão. Ele já beneficiou 95 mil jovens, como você, Priscila, em todo o Brasil. E mais 112 mil acabam de se inscrever para a nova etapa.

Este esforço na educação tem que continuar, Priscila. Pois educação não é apenas instrumento de promoção social e econômica, mas, também, de cidadania. E somente através do conhecimento poderemos fazer a verdadeira revolução que o Brasil precisa.

Quero também saudar Antonio Klein, este gaúcho de fibra, batalhador do nosso campo. Em sua pessoa, quero homenagear todos heróis anônimos que colocam comida barata na mesa do brasileiro e ajudam a melhorar a vida dos seus

compatriotas.

Sei da importância do trabalho de vocês, Antonio. Foi por isso que quase triplicamos o volume de recursos do Pronaf. Foi por isso que criamos o seguro agrícola para a agricultura familiar, e que fizemos a repactuação e o alongamento de dívidas do crédito rural, tirando mais de 500 mil produtores rurais da inadimplência.

Mas eu quero comentar com meu amigo Enoque Lopes, que mora em Fortaleza, e que recebeu financiamento para tocar a sua lanchonete, as profundas mudanças que estamos fazendo no crédito popular no Brasil.

Já concretizamos mais de 17 milhões de operações de microcrédito, com taxa de juros máxima de 2%, num total de R\$ 3 bilhões emprestados.

Ampliamos, também, o crédito direto ao consumidor, criando formas de crédito consignado para trabalhadores da ativa e aposentados.

Para facilitar a vida das pessoas com baixos recursos, autorizamos, ainda, a abertura de 6 milhões de contas bancárias simplificadas, isentas de tarifas.

E você, Ana Cristina Rodrigues, que está concretizando seu sonho da casa própria, saiba que duplicamos os recursos federais para a habitação e aumentamos, para 397 mil, a média anual de unidades financiadas pelo governo federal. Tudo isso para que pessoas pobres, e da classe média, possam ter seu próprio teto.

E deixei você por último, Alex Oliveira, porque sua história é singela e comovente. Sua vida foi salva por causa do atendimento rápido e eficiente do Samu, aqui em Brasília. Saiba que o Samu está implantado, hoje, em 647 municípios brasileiros, beneficiando, diariamente, milhares de pessoas.

Sei que a saúde pública precisa ainda melhorar muito. Sei que muitas pessoas ainda morrem sem atendimento no nosso país. Mas temos trabalhado muito para melhorar isso.

Entre 2003 e 2005, o repasse do SUS para Estados e municípios cresceu 35%. O programa agente comunitário de saúde foi reforçado com mais de 38 mil agentes; o programa Saúde da Família aumentou o número de equipes, de municípios beneficiados e de beneficiários.

E o programa Brasil Sorridente, pelo qual tenho uma simpatia toda especial, já possui 13.408 equipes e 383 centros de especialidades odontológicas em operação, minorando o sofrimento e aumentando a auto-estima de milhões de brasileiros que agora podem sorrir melhor.

Sem falar do programa Farmácia Popular do Brasil, que já tem 149 unidades em 117 municípios, e 1719 pontos de vendas em farmácias privadas, comercializando medicamentos por preço até 90% inferior ao de mercado.

Uma oferta, meu caro Alex, que vai melhorar ainda mais agora, com o estímulo que temos dados à venda de medicamentos fracionados, o que vai baixar o custo do remédio e evitar desperdício.

Companheiras e companheiros,

Se reeleito presidente do Brasil, pretendo modificar por completo o que não funcionou. E, com muita ênfase, manter e ampliar o que deu certo.

Para nossa felicidade, os principais caminhos de um futuro governo já estão abertos, em especial na área do desenvolvimento.

Nosso governo não mudou apenas a cara da política social e da política econômica. Mudou, especialmente, o modelo de desenvolvimento do país.

A linha mestra do nosso modelo de desenvolvimento é a do crescimento sustentável, com distribuição de renda, geração de emprego e redução das desigualdades.

Este novo modelo está nos abrindo novas vertentes estratégicas, como a da nova matriz energética; e implantando vetores de futuro como a TV digital, e as indústrias de semicondutores, software, fármacos, biotecnologia e nanotecnologia.

Meu possível futuro governo conciliará, de forma contundente e irreversível, uma eficiente ação social com uma política de alto desenvolvimento tecnológico. Vai conjugar, ainda mais fortemente, uma política de redução das desigualdades sociais com uma política de redução das desigualdades regionais.

Hoje, através de medidas vigorosas, estamos queimando etapas para transformar o Brasil na maior potência energética mundial.

Nenhum país no mundo tem condições de produzir, em quantidade e qualidade, combustíveis alternativos como o Brasil. E isto não é mais um sonho distante, e sim uma realidade.

Depois da experiência pioneira, nas décadas passada, com o etanol, chegamos agora a era revolucionária do biodiesel e do Hbio, este último uma maravilhosa invenção brasileira, fruto da competência técnica da Petrobras.

Parte disso só foi possível porque nos últimos três anos e meio, a Petrobras deu um salto sem precedentes. Alcançou nossa auto-suficiência em petróleo, aumentou sua presença no exterior e seu valor de mercado saltou de R\$ 60 bilhões

em 2002 para R\$ 204 bilhões no início de 2006.

Nosso modelo de desenvolvimento também incorpora, em todas suas ações, a defesa do meio-ambiente. Não foi por acaso que conseguimos reduzir, em 2005, 31% do índice de desmatamento na Amazônia, a maior marca dos últimos nove anos.

Não foi por acaso que criamos 19,6 milhões de hectares de áreas protegidas, quase metade de tudo que tinha sido feito, nesta área, em toda nossa história. E não foi por acaso que nos transformamos no primeiro país da América Latina a adotar um plano nacional de recursos hídricos.

Nosso modelo de desenvolvimento tem também por base uma forte política de diminuição das desigualdades regionais. E ela se traduz em projetos estruturantes como a refinaria de Pernambuco, a ferrovia Transnordestina, o pólo siderúrgico do Ceará, a BR-101 do Sul, a BR-101 do Nordeste e a BR-163 e o pólo petroquímico do Rio de Janeiro.

É para garantir a continuidade e ampliação destes e de muitos outros projetos que queremos continuar à frente do governo.

Mas se tivesse que destacar uma só área de prioridade máxima, para um próximo governo, eu citaria a educação. Se reeleito, pretendo intensificar ainda mais o esforço que estamos fazendo para revolucionar a qualidade da educação no Brasil.

O Brasil só poderá ocupar seu verdadeiro papel no mundo se formar melhor a sua juventude, se aperfeiçoar seus quadros técnicos, se criar novas gerações pensantes.

Para isso não basta que nosso jovem tenha o direito de entrar na escola, mas que tenha a felicidade de sair dela bem formado, preparado para a vida e em condições de competir no mercado de trabalho.

Prioridade na educação significa, também, cultura. Cultura erudita e popular. Apoio e incentivo às artes, à música, ao teatro, ao cinema, à dança, ao livro e a todas as manifestações culturais do nosso povo.

Já disse que estudei menos do que gostaria. Exatamente por isso, quero ser o presidente que mais fez pela educação no Brasil. Ela terá prioridade absoluta.

Companheiras e companheiros,

A síntese de nosso possível futuro governo será a distribuição de renda para que haja crescimento; o crescimento acelerado com estabilidade; e responsabilidade

fiscal para manter a estabilidade.

Conseguiremos isso porque vamos ampliar, ainda mais, a sólida parceria que firmamos com amplos setores da população. Nos últimos três anos e meio, mudamos a relação do Estado com a sociedade, fazendo o governo de maior participação popular da história e de mais respeito aos movimentos sociais.

Se reeleitos, continuaremos fazendo um governo de seriedade, responsabilidade e equilíbrio. Continuaremos honrando nossos acordos e cumprindo, de forma sagrada, nossos compromissos nacionais e internacionais. Mas nosso compromisso mais especial continuará sendo com o povo brasileiro.

Dedicarei meu segundo governo, também, para resolver uma questão difícil e delicada: a qualidade do gasto público. Se não fizermos assim, a carga tributária inevitavelmente aumentará. Isso ninguém quer e não é bom para a economia.

Por isso, vamos investir mais nas reformas e enfrentar o problema do desperdício e das falhas de controle, em especial na Previdência Social.

Uma das características que pretendo manter num segundo governo é a de continuar lutando por mudanças que melhorem a vida da nação.

A reforma política, por exemplo, não poderá mais ser adiada. Ela é fundamental para aperfeiçoarmos nossa vida institucional e corrigir graves defeitos que ainda persistem.

Esta reforma, que deve ser a nossa prioridade institucional imediata, e terá por base a fidelidade partidária, é fundamental para dar suporte às demais reformas que deveremos implantar.

Muitas das crises que o Brasil tem enfrentado, ao longo destes anos, não teriam ocorrido se já houvéssemos modernizado nosso sistema eleitoral, nosso sistema partidário e algumas particularidades do nosso sistema representativo. Isso terá que ser feito, nos próximos quatro anos, sob pena de comprometermos seriamente a nossa evolução política.

A reforma agrária precisa ter continuidade, com a implantação de novos assentamentos e a garantia de infra-estrutura. Tudo feito com respeito às normas e às leis.

A reforma urbana precisa se tornar uma realidade, com ênfase na regularização fundiária e na infra-estrutura das áreas mais pobres, em especial das regiões metropolitanas.

Neste processo será também fundamental rediscutir a problemática da segurança.

A constituição federal estabelece que a segurança pública é de responsabilidade dos Estados. Não quero criar um alibi legal para afastar-me do dever de considerar este um dos mais sérios problemas do Brasil.

Quero estabelecer mecanismos solidários e de cooperação com todas as unidades federativas, para dar segurança à sociedade, que não pode ser acuada pelo medo e pelo crime organizado, com centrais de comando nas penitenciárias.

A luta contra o crime só pode ser vencida com o trabalho persistente de toda a sociedade. Ela envolve tanto uma ação de vigilância e repressão, como, em especial, uma luta contra a pobreza e as desigualdades.

Nos últimos três anos e meio, tomamos muitas medidas para melhorar a segurança pública. Ampliamos e modernizamos a Polícia Federal, com um aumento de 74% no seu orçamento e um crescimento de 33,7% no seu efetivo.

Criamos a força nacional de segurança, que tem atuado com eficiência em graves casos de perturbação da ordem pública.

Implantamos o sistema único de segurança pública e consolidamos o banco de dados digital de informações criminais, numa parceria da Polícia Federal com as polícias estaduais.

Estamos concluindo duas penitenciárias federais e outras três ficam prontas no próximo ano, obras, aliás, que estavam previstas desde 1984 e nunca tinham saído do papel.

Promovemos a campanha do desarmamento, principal responsável pela primeira queda na taxa de homicídios desde 1992.

Estas medidas trouxeram bons resultados. Mas elas precisam ser ampliadas. Isso é também uma tarefa fundamental para um segundo mandato.

Queridas companheiras e companheiros,

Ao longo de sua história, o PT tem enfrentado muitas lutas e muitas dificuldades. Mas, sem dúvida, nunca enfrentamos uma crise como a que se abateu sobre nós no ano passado.

O importante é que não perdemos o rumo nem esquecemos nossos ideais, e o partido iniciou um processo de autocrítica que deve continuar.

A oposição aproveitou-se de algumas condutas equivocadas para generalizar culpas e tentar destruir o partido mais autenticamente popular do Brasil; o único

construído, de baixo para cima, com os sonhos e a dor de milhões de brasileiros.

Nossos adversários tentaram se aproveitar de algumas situações, para passar a falsa idéia de que nosso governo compactuava com atos ilícitos.

Mas a sociedade entendeu o que se passou e sabe que se determinados fatos afloraram é porque este foi o governo que mais apurou --e puniu-- a corrupção em toda a história.

Respeitamos a independência do Ministério Público, reforçamos a Controladoria Geral da União e imprimimos uma nova dinâmica à Polícia Federal. O resultado é que nunca se apurou tanto e com tanta liberdade.

Repito aqui o que já disse antes: depois de apurar todas as responsabilidades, a Justiça deve punir quem tiver culpa comprovada. Eu serei o primeiro a apoiar e aplaudir.

Os que me atacaram injustamente, e tentaram me destruir, se esqueceram que em toda a minha história eu convivi, da forma mais democrática possível, com a divergência e a adversidade. Dentro do sindicato, eu tinha oposição das mais diversas facções e isso continuou na vida política.

Lembro de quantas divergências e disputas internas enfrentamos na campanha pela redemocratização do país. Mas havia uma grande diferença de qualidade. Ali eu tinha embates francos, e limpos, com homens como João Amazonas, Leonel Brizola, Miguel Arraes e Ulysses Guimarães.

Que falta, companheiros, homens como estes fazem ao Brasil!

Pessoas com as quais podíamos divergir, mas que sabíamos que combatiam o bom combate. Defendiam os verdadeiros interesses nacionais.

Pessoas que não queriam destruir ninguém, mas fazer prevalecer o que julgavam melhor para o país.

Os tempos que vivemos hoje são muito diferentes. E isto é muito triste.

Não quero posar de vítima ou de herói. Quero apenas poder cumprir com meu dever, honrar a confiança do povo e terminar meu governo em paz. E, se os brasileiros quiserem, continuar aprofundando o trabalho de mudança do nosso querido Brasil.

Para continuar este trabalho, queridas companheiras e queridos companheiros, precisamos nos aperfeiçoar cada vez mais.

Precisamos continuar convivendo com a divergência e nos abrindo, sempre, para os setores que querem, de verdade, construir um Brasil moderno, independente

e justo.

No campo partidário, mais que nunca nossas alianças têm que estar fundadas em princípios programáticos. Sempre buscamos isso, mas agora temos que buscar ainda mais.

O Brasil precisa do PT para seguir em frente e o meu governo precisa do PT para governar.

Mas o PT sabe, melhor do que ninguém, que precisamos fazer um segundo governo melhor do que o primeiro e buscar coalizões sólidas para dar sustentação, sem indecisões, ao programa de governo.

Não tenho dúvida que temos todas as condições de fazer um governo ainda melhor.

Se com a inexperiência que tínhamos, e com a tormenta política que enfrentamos, conseguimos recuperar o Brasil, imaginem o que não poderemos fazer, num segundo governo, com mais experiência e com pleno conhecimento da máquina?

Imaginem o que não poderemos fazer depois de termos ampliada e renovada a confiança popular?

Se reeleito, quero fazer um governo que reúna o que tiver de melhor na sociedade brasileira para mudarmos, ainda mais, o Brasil.

Quero fazer um governo que amplie nossos compromissos com os mais pobres, pois o melhor caminho de servir melhor a todos é atender primeiro os que mais necessitam.

Muito obrigado e viva o Brasil!

## ANEXO D - Discurso de Posse do segundo mandato em 1º de janeiro de 2007

SÃO PAULO - O presidente Luiz Inácio Lula da Silva tomou posse nesta segunda-feira no Congresso Nacional e fez um extenso discurso, em que destacou as conquistas do seu primeiro mandato e fez promessas para o segundo. Leia a íntegra do discurso:

Meus amigos e minhas amigas,

Quatro anos atrás, nesta Casa, em um 1º de janeiro, vivi a experiência mais importante de minha vida - a de assumir a Presidência do meu País. Não era apenas a realização de um sonho individual. O que então ocorreu foi o resultado de um poderoso movimento histórico do qual eu me sentia - e ainda hoje me sinto - parte e humilde instrumento.

Pela primeira vez, um homem nascido na pobreza, que teve que derrotar o risco crônico da morte na infância e vencer, depois, a desesperança na idade adulta, chegava, pela disputa democrática, ao mais alto posto da República. Pela primeira vez, a longa jornada de um retirante, que começara, como a de milhões de nordestinos, em cima de um pau-de-arara, terminava, como expressão de um projeto coletivo, na rampa do Planalto.

Hoje estou de volta a esta Casa, no mesmo 1º de janeiro e quase na mesma hora. Tenho a meu lado, como em 2003, o amigo e companheiro José Alencar, cuja colaboração inteligente e leal tornou menos árduas as tarefas destes quatro anos. E assim o será no governo que se inicia.

Tudo é muito parecido, mas tudo é profundamente diferente. É igual e diferente o Brasil; é igual e diferente o mundo; e eu sou, também, igual e diferente. Sou igual naquilo que mais prezo: no profundo compromisso com o povo e com meu País. Sou diferente na consciência madura do que posso e do que não posso, no pleno conhecimento dos limites. Sou igual no ímpeto e na coragem de fazer. Sou diferente na experiência acumulada na difícil arte de governar.

Sou igual quando volto a conjugar, nas suas formas mais afirmativas, o verbo mudar, como fiz aqui quatro anos atrás. Mas sou diferente, pois, sem renegar a paciência e a persistência que aqui também preguei, quero hoje pedir, com toda ênfase, pressa, ousadia, coragem e criatividade para abrir novos caminhos.

Minhas senhoras e meus senhores, quatro anos depois, o Brasil é igual na sua energia produtiva e criadora. Mas é diferente - para melhor - na força da sua economia, na consistência de suas instituições e no seu equilíbrio social.

Em que momento de nossa história tivemos uma conjugação tão favorável e auspiciosa: de inflação baixa; crescimento das exportações; expansão do mercado interno, com aumento do consumo popular e do crédito; e ampliação do emprego e da renda dos trabalhadores?

O Brasil ainda é igual, infelizmente, na permanência de injustiças contra as camadas mais pobres. Porém é diferente, para melhor, na erradicação da fome, na diminuição da desigualdade e do desemprego. É melhor na distribuição de renda, no acesso à educação, à saúde e à moradia. Muito já fizemos nessas áreas, mas precisamos fazer muito mais.

O Brasil ainda possui sérias travas ao seu crescimento e fragilidades nos seus instrumentos de gestão. Mas nosso País é diferente - para melhor: na estabilidade monetária; na robustez fiscal; na qualidade da sua dívida; no acesso a novos mercados e a novas tecnologias; e na redução da vulnerabilidade externa.

O trabalhador brasileiro ainda não ganha o que realmente merece, mas temos hoje um dos mais altos salários mínimos das últimas décadas, e os trabalhadores obtiveram ganhos reais em 90% das negociações salariais nestes últimos quatro anos.

Criamos mais de 100 mil empregos por mês com carteira assinada, sem falar das ocupações informais e daquelas geradas pela agricultura familiar, totalizando mais de 7 milhões de novos postos de trabalho.

O Brasil ainda precisa avançar em padrões éticos e em práticas políticas. Mas hoje é muito melhor na eficiência dos seus mecanismos de controle e na fiscalização sobre seus governantes. Nunca se combateu tanto a corrupção e o crime organizado.

Muita coisa melhorou na garantia dos direitos humanos, na defesa do meio ambiente, na ampliação da cidadania e na valorização das minorias. O Brasil é uma nação mais respeitada, com inserção criativa e soberana no mundo.

E o mundo, vasto mundo, como está quatro anos depois?

Melhor em certos aspectos, mas pior, infelizmente, em tantos outros. Foram quatro anos sem graves crises econômicas, mas com graves conflitos políticos e militares internacionais.

Ao mesmo tempo em que o crescimento da economia mundial permitiu um certo desafogo aos países emergentes, a relação entre nações ricas e pobres não melhorou. A solução dos grandes problemas mundiais, como as persistentes desigualdades econômicas e financeiras entre as nações; o protecionismo comercial dos grandes; a fome e a inclusão dos deserdados; a preservação do meio ambiente; o desarmamento e o combate adequado ao terrorismo e à criminalidade internacional não evoluiu.

Os organismos internacionais - especialmente a ONU - não se atualizaram em relação aos novos tempos que vive a humanidade.

Meus senhores e minhas senhoras, um dos compromissos mais profundos que tenho comigo mesmo é o de jamais esquecer de onde vim. Ele me permite saber para onde seguir.

Hoje, posso olhar nos olhos de cada um dos brasileiros e brasileiras e dizer que mantive, mantenho e mantereí meu compromisso de cuidar, primeiro, dos que mais precisam. Governar para todos é meu caminho, mas defender os interesses dos mais pobres é o que nos guia nesta caminhada.

Se alguns quiseram ver na minha primeira eleição apenas um parêntese histórico, a reeleição mostrou que um governo que cumpre os seus compromissos obtém a confiança do povo.

Em outubro, nossa população afirmou de modo inequívoco que não precisa nem admite tutela de nenhuma espécie para fazer a sua escolha. Ela foi livre e soberana, como deve ser a força do povo. É uma responsabilidade enorme tornar-se o presidente com o índice de aprovação mais elevado ao final de seu mandato. Tenho plena consciência do que isso significa.

Sei que, a partir de hoje, cabe-me corrigir o que deve ser corrigido e avançar com maior determinação no que está dando certo, para consolidar as conquistas populares. O desafio é grande, porém maior é a minha disposição de vencê-lo. Ouço as vozes das cidades, das ruas e dos campos e escuto, muito perto, a voz da minha consciência.

Ela me diz que não fui reeleito para ouvir a velha e conformista ladainha segundo a qual tudo é muito difícil, quase impossível, que só pode ser conquistado numa lentidão secular.

Quatro anos atrás eu disse que o verbo mudar iria reger o nosso governo. E o Brasil mudou. Hoje, digo que os verbos acelerar, crescer e incluir vão reger o Brasil

nestes próximos quatro anos. Os efeitos das mudanças têm que ser sentidos rápida e amplamente. Vamos destravar o Brasil para crescer e incluir de forma mais acelerada. Minhas senhoras e meus senhores, o Brasil não pode continuar como uma fera presa numa rede de aço invisível, debatendo-se, exaurindo-se, sem enxergar a teia que a aprisiona. É preciso desatar alguns nós decisivos para que o País possa usar a força que tem e avançar com toda velocidade.

Muito tentamos nos últimos quatro anos, mas fatores históricos, dificuldades políticas e prioridades inadiáveis fizeram com que nosso esforço não fosse inteiramente premiado. Hoje a situação é bem melhor, pois construímos os alicerces e temos um projeto claro de País a ser realizado. Precisamos de firmeza e ousadia para mudar as regras necessárias e avançar. Não podemos desperdiçar energias, talentos, esperanças.

Sei que o crescimento, para ser rápido, sustentável e duradouro, tem de ser com responsabilidade fiscal. Disso não abriremos mão, em hipótese alguma. Mas é preciso combinar essa responsabilidade com mudanças de postura e ousadia na criação de novas oportunidades para o País.

É necessário, igualmente, que este crescimento esteja inserido em uma visão estratégica de desenvolvimento que nosso País havia perdido. É preciso uma combinação ampla e equilibrada do investimento público e do investimento privado.

Para lograr este equilíbrio temos de desobstruir os gargalos e de romper as amarras que travam cada um destes setores. Isso significa ampliar e agilizar o investimento público, desonerar e incentivar o investimento privado. Sei que o investimento público não pode, sozinho, garantir o crescimento. Porém, ele é decisivo para estimular e mesmo ordenar o investimento privado. Estas duas colunas, articuladas, são capazes de dar grande impulso a qualquer projeto de crescimento.

Para atingir estes objetivos, estaremos lançando, já neste primeiro mês de governo, um conjunto de medidas, englobadas no Programa de Aceleração do Crescimento, o PAC.

Nosso esforço não se esgota nas medidas que anunciaremos em janeiro. Ao contrário, elas serão apenas o começo.

Serão desdobradas e complementadas ao longo de todo o mandato, incorporando, inclusive, reformas mais amplas que seguramente estarão na pauta desta Casa.

Vamos realinhar prioridades; otimizar recursos; aumentar fontes de financiamento; expandir projetos de infra-estrutura; aperfeiçoar o marco jurídico e ampliar o diálogo sistemático com as instituições de controle e fiscalização para garantir a transparência dos projetos e agilizar sua execução.

O fornecimento de energia nos próximos dez anos está garantido pelos projetos em andamento e pelos novos e ambiciosos projetos que serão licitados em 2007. Continuaremos dando prioridade ao setor de bioenergia, no qual o Brasil ocupa a vanguarda mundial, como decorrência dos esforços de meu governo.

O Programa Luz Para Todos, que já propiciou energia elétrica para cinco milhões de pessoas, tem como objetivo chegar até o fim de 2008 a todos os brasileiros ainda sem acesso à eletricidade.

Vamos estabelecer, com o BNDES, a Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial, a Embrapa, o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio e o Ministério da Ciência e Tecnologia, um amplo programa de incentivo à produtividade das empresas brasileiras, facilitando a importação de equipamentos; melhorando a qualidade dos tributos; favorecendo o acesso à tecnologia da informação, apoiando a inovação; e estimulando a integração empresa-universidade.

E vamos consolidar, em harmonia com esta Casa e com os Estados, a legislação unificada do ICMS, simplificando as normas, reduzindo alíquotas, com previsão de implantar um único imposto de valor agregado a ser distribuído automaticamente para União, Estados e municípios.

Este conjunto de iniciativas significa o reforço das linhas mestras da política macroeconômica, com a redução da taxa real de juros. Tenho claro que nenhum país consegue firmar uma política sólida de crescimento se o custo do capital - ou seja, o juro- for mais alto do que a taxa média de retorno dos negócios. Da mesma forma que é necessária uma expansão planejada do crédito.

Nossa meta é criar condições para que sua expansão, até 2010, chegue a 50% do PIB, especialmente para o investimento, a infra-estrutura, a agricultura, a habitação e o consumo.

Outro ponto vital é a implantação de vigorosas medidas de desburocratização, sobretudo as que facilitem o comércio exterior, a abertura e fechamento de empresas, além de levar adiante o aperfeiçoamento das legislações sanitária e ambiental.

Meus senhores e minhas senhoras, durante a campanha afirmei que meu segundo governo será o governo do desenvolvimento, com distribuição de renda e educação de qualidade.

Disse que, para termos um crescimento acelerado, duradouro e justo, devemos articular cada vez melhor a política macroeconômica com uma política social capaz de distribuir renda, gerar emprego e inclusão.

Dessa forma, nossa política social, que nunca foi compensatória, e sim criadora de direitos, será cada vez mais estrutural. Será peça-chave do próprio desenvolvimento estratégico do País.

O Bolsa Família, principal instrumento do Fome Zero - saudado pelas comunidades pobres e criticado por alguns setores privilegiados - teve duplo efeito. Por um lado, retirou da miséria milhões de homens e mulheres. Por outro, contribuiu para dinamizar a economia de forma mais equânime. Por isso obteve reconhecimento internacional e já inspira programas semelhantes em vários países.

Nosso governo nunca foi nem é populista. Este governo foi, é e será popular. Temos de criar alternativas de trabalho e produção para os beneficiários dos nossos programas de transferência de renda.

E aí ocuparão lugar importante a educação, a formação de mão-de-obra, a expansão do microcrédito e do crédito consignado, o fortalecimento da agricultura familiar, o avanço da reforma agrária pacífica e produtiva, a economia solidária, o cooperativismo, o desenvolvimento de tecnologias simples e a expansão da arte e da cultura popular.

Para isso, as políticas setoriais de governo devem ser fortemente integradas. É preciso continuar expandindo o consumo de bens essenciais da população de baixa renda; fomentar o empreendedorismo das classes médias; dar continuidade à recuperação do salário mínimo; ampliar o crescimento de empregos formais e da massa salarial; e aprofundar a política nacional para micro, pequena e média empresas, nos moldes da Lei Geral aprovada por este Congresso, que estabelece tratamento diferenciado em matéria de crédito, acesso à tecnologia e às exportações.

É preciso garantir o crescimento de todos, diminuindo desigualdades entre as pessoas e as regiões. Para diminuir a desigualdade entre as pessoas a alavanca básica é a educação; para diminuir a desigualdade entre as regiões o principal instrumento são os grandes programas de desenvolvimento, especialmente os de

infra-estrutura.

Estes grandes programas e projetos de desenvolvimento regional já estão definidos e envolvem setores estratégicos como energia, transporte, inovação tecnológica, insumos básicos e construção civil. Na área de energia, eles privilegiam o petróleo, gás, etanol, biocombustíveis e eletricidade.

Na área de inovação tecnológica, os softwares, fármacos, bens de capital, semicondutores e TV Digital. Na área dos transportes englobam indistintamente os setores automotivo, ferroviário, naval e aéreo. Na construção civil, os setores de infra-estrutura, habitação e saneamento básico. Na área dos insumos, a siderurgia, papel e celulose, petroquímica e mineração.

Minhas senhoras e meus senhores, reitero que a educação de qualidade será prioridade de meu governo. Mais do que a qualificação para o mundo do trabalho, a educação é um instrumento de libertação, que o acesso à cultura propicia. Ela dá conteúdo à cidadania formal de homens e mulheres.

Um país cresce quando é capaz de absorver conhecimentos. Mas se torna forte, de verdade, quando é capaz de produzir conhecimento. Para isso é fundamental valorizar todos os níveis de nosso sistema educacional - sem exceção, fortalecer a pesquisa pura e aplicada, consolidar a incorporação e o desenvolvimento de novas tecnologias.

Temos aqui um gigantesco desafio. O que outros países fizeram ainda nos séculos 19 ou 20, nós teremos de realizar nos próximos anos. Trata-se de superar os grandes déficits educacionais que nos afligem e, ao mesmo tempo, dar passos acelerados para transformar nosso País em uma sociedade de conhecimento, que nos permita uma inserção competitiva e soberana no mundo. O Brasil quer, num só movimento, resolver as pendências do passado e ser contemporâneo do futuro.

Graças ao esforço de todos nós, com a decisiva participação do Congresso Nacional, o Brasil conta com um instrumento fundamental para melhorar a educação básica, que é o Fundeb. Com ele, poderemos aumentar dez vezes o investimento nas áreas mais carentes do ensino, e 60% destes recursos serão aplicados na melhoria de salários e na formação do professor.

Para que o Brasil tenha uma educação verdadeiramente de qualidade, serão necessários professores bem remunerados, com sólida formação profissional, condições adequadas de trabalho e permanente atualização. Os educadores poderão, dessa forma, melhorar o seu desempenho e os resultados da sua atividade

pedagógica.

A Universidade Aberta é decisiva no aperfeiçoamento dos docentes, pois permite que os professores se reciclem sem sair de suas cidades. Nesta luta pela qualidade, vamos também ampliar a renovação tecnológica do ensino, informatizando todas as escolas públicas.

Quero reafirmar, neste dia tão importante, que o meu sonho é ajudar a transformar o Brasil no país mais democrático do mundo no acesso à universidade. Para isso contribuirão as novas universidades e extensões universitárias e as escolas técnicas em todas as cidades pólo do País. Para isso contribuirá também a expansão das bolsas do ProUni.

O Brasil assistirá dentro de 10 ou 15 anos o surgimento de uma nova geração de intelectuais, cientistas, técnicos e artistas originários das camadas pobres da população. Este foi sempre o nosso propósito: democratizar não só a renda, mas também o conhecimento e o poder.

Outras áreas vitais para a população - e objeto de permanente demanda - são as da saúde e da segurança pública. Como fizemos no nosso primeiro mandato, vamos continuar modernizando os dois setores para que a população brasileira, em especial a mais pobre, tenha uma melhor qualidade de vida.

Sinto que em matéria de segurança pública - um verdadeiro flagelo nacional - crescem as condições para uma efetiva cooperação entre a União e os Estados da Federação, sem a qual será muito difícil resolver este crucial problema.

Meus senhores e minhas senhoras, apesar dos avanços científicos e tecnológicos de nosso mundo, ainda não foi inventada nenhuma ferramenta mais importante do que a política para a solução dos problemas dos povos. Nunca o mundo viveu - como vive hoje - um período de tão grande descrédito na política. Mas, paradoxalmente, nunca a política foi tão imprescindível. Temos no Brasil um desafio pela frente. Desafio para as forças que se identificam com este governo e para aquelas que se situam na oposição. Temos de refletir sobre nossas instituições e nossas práticas políticas. Temos de construir consensos que não eliminem nossas diferenças, nem apaguem os conflitos próprios das sociedades democráticas.

Precisamos de um sistema político capaz de dar conta da rica diversidade de nossa vida social. Nossas instituições têm de ser mais permeáveis à voz das ruas. Precisamos fortalecer um espaço público capaz de gerar novos direitos e produzir

uma cidadania ativa. As formas de democracia participativa não são opostas às da democracia representativa. Elas se complementam.

Meu governo, atento às manifestações das ruas e, em especial, aos movimentos sociais, construiu grande parte de suas políticas públicas e importantes decisões governamentais consultando a opinião da sociedade organizada em conferências nacionais, conselhos e foros. Continuaremos nesse rumo.

Reafirmamos, finalmente, nossos compromissos éticos em uma perspectiva republicana. Nada mais ético do que a promoção do bem comum e da justiça. A reforma política deve ser prioritária no Brasil. Convido todos os senhores para nos sentarmos à mesa e iniciarmos o seu debate e urgente encaminhamento, ao lado de outras reformas importantes, como a tributária, que precisamos concluir.

O fortalecimento de nosso sistema democrático dará nova qualidade à presença do Brasil na cena mundial. Nossa política externa - motivo de orgulho pelos excelentes resultados que trouxe para a nação - foi marcada por uma clara opção pelo multilateralismo, necessário para lograr um mundo de paz e de solidariedade.

Essa opção nos permitiu manter excelentes relações políticas, econômicas e comerciais com as grandes potências mundiais e, ao mesmo tempo, priorizar os laços com o Sul do mundo. Estamos mais próximos da África - um dos berços da civilização brasileira. Fizemos do entorno sul-americano o centro de nossa política externa. O Brasil associa seu destino econômico, político e social ao do continente, ao Mercosul e à Comunidade Sul-americana de Nações.

Senhoras e senhores é tempo do nascimento de um novo humanismo, fundado nos valores universais da democracia, da tolerância e da solidariedade. O Brasil tem muito o que contribuir neste debate.

Colocamos o respeito aos Direitos Humanos no centro de nossas preocupações. Ampliamos políticas públicas nesta direção e criamos instituições de Estado fortes e capazes de garantir que este País combaterá de maneira decidida e permanente todas as formas de discriminação de gênero, raça, orientação sexual e faixa etária.

Por isso cresce a participação das mulheres na vida econômica, social e política do País. Cada vez mais, os negros ocupam o lugar que lhes é devido em um Brasil democrático. Assim como os povos indígenas, que reconquistam e consolidam a sua dignidade histórica.

A despeito dos avanços que nossas políticas públicas propiciaram, especialmente na esfera educacional, ainda há muito que fazer pelos jovens, importante segmento de nossa sociedade, a quem caberá conduzir este País nas próximas décadas.

Em um mundo que busca caminhos para o convívio, espaços para o diálogo, para a coabitação do múltiplo e do diverso, o Brasil tem o que oferecer. Nosso País pode ser uma voz e um exemplo autêntico e poderoso para o mundo na questão da diversidade.

Pode ajudar a mostrar que, neste planeta desigual, é possível avançar no sentido do entendimento quando os interesses dos diferentes - e, sobretudo, dos excluídos - passam a integrar efetivamente a agenda nacional.

Senhoras e senhores, fui reconduzido à Presidência da República pela vontade majoritária do povo brasileiro. A realização do segundo turno deu mais nitidez à escolha, contrapondo projetos de País com contornos bem definidos e diferenciados.

O povo fez uma escolha consciente. Mais do que um homem, escolheu uma proposta, optou por um lado. Não faltaram os que, do alto de seus preconceitos elitistas, tentaram desqualificar a opção popular como fruto da sedução que poderia exercer sobre ela o que chamavam de “distribuição de migalhas”. Os que assim pensam não conhecem e não entendem este País.

Desconhecem o que é um povo sem feitores, capaz de expressar-se livremente. O que distribuímos - e mais do que isso: socializamos - foi cidadania. Este povo constitui a verdadeira opinião pública do País que alguns pretenderam monopolizar. Finalmente, quem tentou desqualificar a opção popular não foi capaz de valorar algo fundamental.

A vontade de mudança - que esteve reprimida por décadas, séculos - expressou-se pacificamente, democraticamente e esta manifestação contribuiu de modo notável para o fortalecimento das instituições.

O caminho da política exige paciência, concessões mútuas, compreensão do outro. Exige que sejamos capazes de levar ao extremo a prática da escuta. Pois só assim é possível sintonizar e harmonizar interesses. Mas exige opções, alinhamentos.

Neste dia inaugural de meu novo mandato, não peço a ninguém que abandone suas convicções. Não desejo que a oposição deixe de cumprir o papel

que dela esperam os que por ela livremente optaram.

Quero pedir-lhes, apenas, que olhemos mais para o que nos une do que para o que nos separa. Que concentremos o debate nos grandes desafios colocados para o nosso País e para o mundo. Que estejamos à altura do que necessita e deseja o nosso povo.

Só assim poderemos estar todos a serviço deste País que tanto amamos. Eu, de minha parte, governarei para todos, sem olhar para cor, credo, opção ideológica ou partidária. Mais que nunca, sou um homem de uma só causa. E esta causa se chama Brasil.

Minhas senhoras, meus senhores, reconheço que Deus tem sido generoso comigo. Mais do que mereço.

Eu pedi forças... e Deus me deu dificuldades para fazer-me forte.

Eu pedi sabedoria... e Deus me deu problemas para resolver.

Eu pedi prosperidade... e Deus me deu cérebro e músculos para trabalhar.

Eu pedi coragem... e Deus me deu perigos para superar.

Eu pedi amor... e Deus me deu pessoas com dificuldades para ajudar.

Eu pedi dádivas... e Deus me deu oportunidades.

Eu não recebi nada do que pedi, mas eu recebi tudo que precisava.

Muito obrigado. (Jornal Estado de São Paulo - Online - 01 de janeiro de 2007 - 17h42min).

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

J35c Janssen, Eloah Iriart  
Comunicação: os discursos de Lula - um olhar  
através da retórica / Eloah Iriart Janssen. Porto  
Alegre, 2008.  
185 f.

Dissertação (Mestrado) – Faculdade de  
Comunicação Social, Programa de Pós-Graduação  
em Comunicação Social, PUCRS, 2008.

Orientador: Prof. Dr. Roberto José Ramos.

1. Comunicação. 2. Retórica. 3. Socioleto.  
4. Espetáculo.

CDD 301.161

#### **Bibliotecária Responsável**

Isabel Merlo Crespo  
CRB 10/1201